

REVISTA

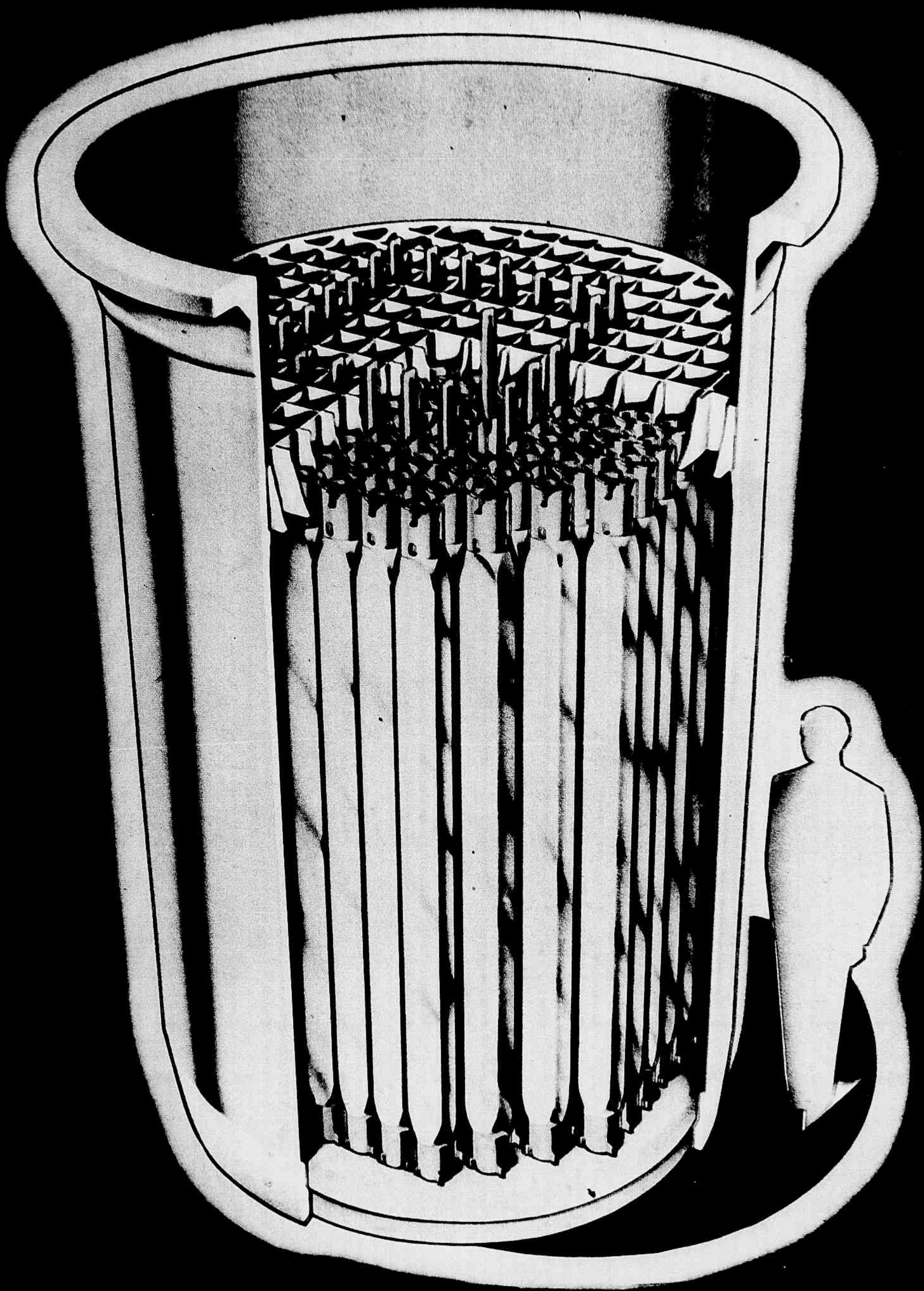
DA SEMANA

N. 41 8-10-55 Cr\$ 7,00 em todo o B.

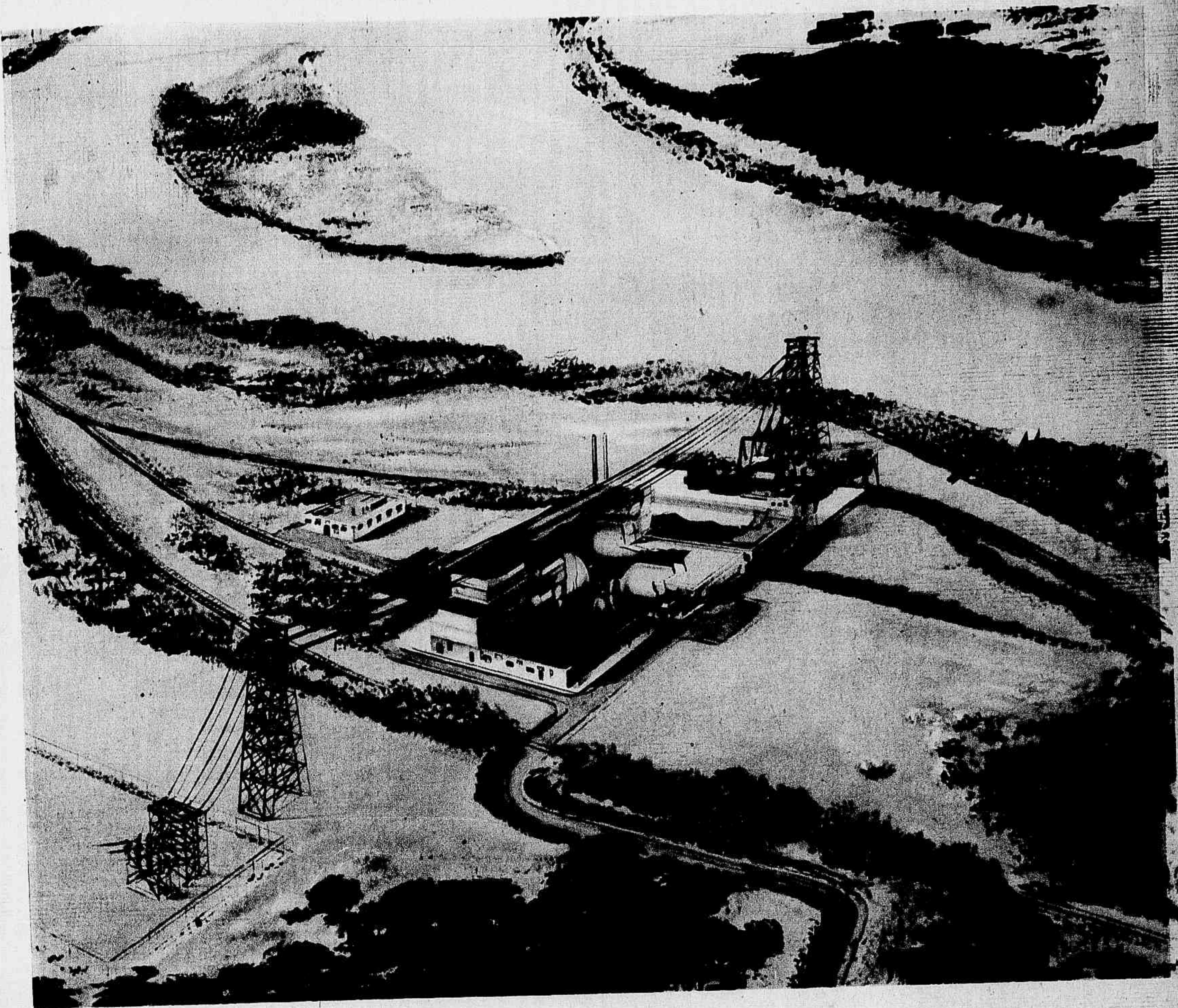


QUEM GANHOU AS ELEIÇÕES?

PROGNÓSTICOS E AL-
GARISMOS ELOQUENTES
NAS PÁGINAS 8, 9 E 10



O leitor evidentemente não deve ter visto foto semelhante nem tão complicada. Trata-se de flagrante inédito, mostrando-nos um corte transversal dado numa pilha atômica, o milagroso elemento do futuro. O desenho dá bem uma idéia da complexidade de elementos de tal aparelho, que aqui aparece não completo.



Na Conferência Internacional sobre o Uso Pacífico da Energia Atômica, foi apresentada essa planta de uma usina inteiramente movida pela desintegração do átomo — a 1ª jamais planejada. Será construída em Pittsburgh, junto ao porto fluvial dessa cidade.

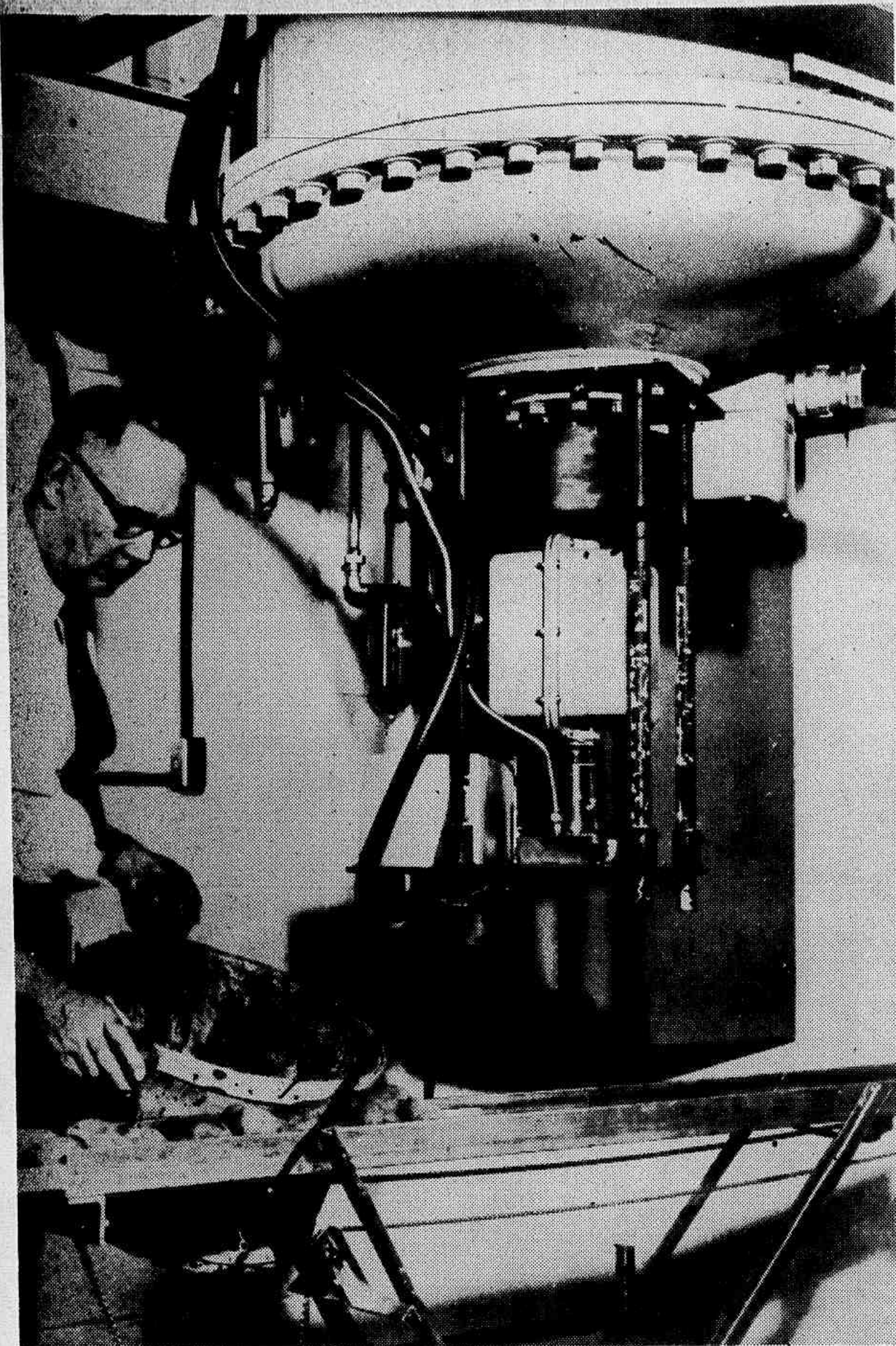
ÁTOMOS PARA A PAZ

O PLANO NORTE-AMERICANO DE UTILIZAÇÃO PACÍFICA DA ENERGIA NUCLEAR E AS USINAS ELÉTRICAS DOS SOVIÉTICOS. — DUAS REALIDADES NUMA NOVA ERA PARA A HUMANIDADE.

Texto de LUIZ MENEZES

DESDE a reunião de Genebra, há pouco mais de 15 dias, que os cientistas de todo o mundo estão com sua atenção voltada ao desenvolvimento das pesquisas nucleares para fins pacíficos. Desde os primórdios da bomba atômica, o homem sopesou o lado bom e mal do perigoso

invento, não escondendo a oportunidade de um dia utilizar aquele potencial rádio-elétrico como meio de suavizar as condições de vida sobre a terra. E nem doze anos depois, isto pode ser anunciado como realidade! As pesquisas nucleares tomaram eleito meritório, desde que os cien-



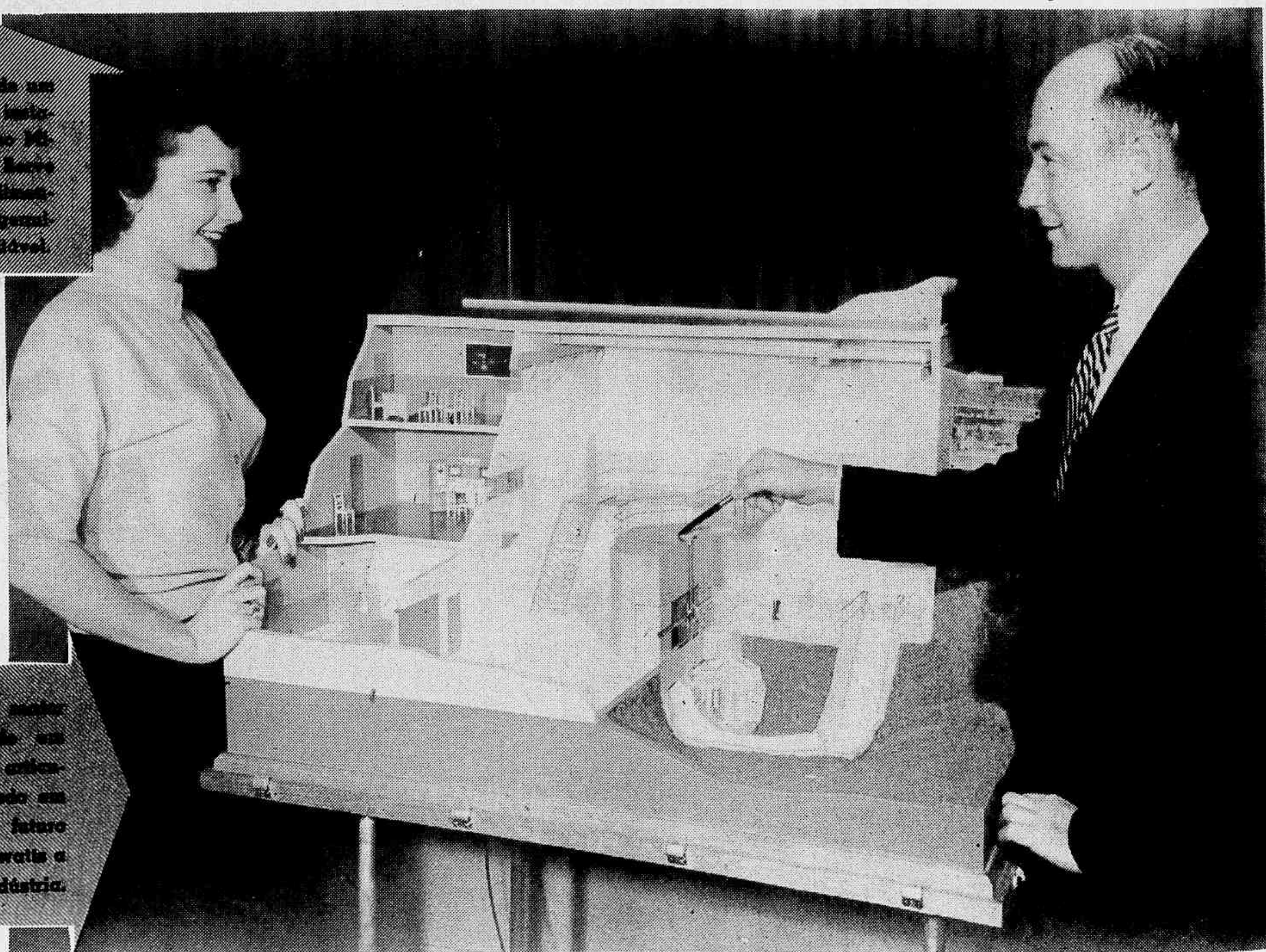
A BOMBA ATÔMICA É O LADO MAU DE UMA FÔRÇA MARAVILHOSA, CUJO LADO BOM VIRA

tistas ingleses descobriram a chamada «pilha atômica». Apesar de ter sido inventada com a finalidade de condensar energia atômica para carregar os poliedros explosivos, aquele condensador por si só, deu mostras de que um dia seria utilizável em potencial, para gerar energia concentrada a ponto de fazer virar indústrias que consomem hoje em dia, milhões de quilowatts-hora. Uma simples pilha atômica de dez metros de diâmetro, poderá gerar energia para abastecer a cidade de Nova York durante um mês. Sabe-se elevados os gastos de construção desse aparato nuclear. Sabe-se difícil a solução do problema de transformação daquele potencial rádio-ativo, em luz e força inofensivas; mas os cientistas americanos, ingleses, russos e franceses não esmoreceram em seu trabalho, chegando a conclusão de que daqui a dez anos as obsoletas e gigantescas usinas hidráulicas poderão ser substituídas por pilhas atômicas de alto poder-energético, colocadas dentro das próprias cidades, o que evitaria o inconveniente das grandes distâncias a percorrer em fios e redes aéreas, improdutivas e complexas.

Foi na cidade norte-americana de Arco, no Estado de Idaho que pela primeira vez se experimentou a pilha atômica como central elétrica. Sucedeu a 17 de julho do corrente ano. Durante mais de duas horas todas as pequenas fábricas, casas e ruas foram abastecidas por contínua carga de eletricidade, gerada por uma pilha atômica adaptada a um condensador tipo comum. A vitória dessa conquista incentivou os cientistas do país vizinho a criarem novos horizontes no campo do átomo para a paz. Foram a Genebra jubilosos, mas lá encontraram os russos, que com a mesma euforia lançavam aos delegados do conclave de energia atômica para fins pacíficos, suas plantas e diagramas, da nova Central Elétrica Atômica, que pretendem fazer construir no setor norte de seu país. Também os norte-americanos deram ciência aos membros presentes ao conclave de Genebra, que dentro de sete anos, toda a região leste do território americano será abastecida por sua Central Atômica. Mas não cessou em Genebra o delineamento do que se pretende, em futuro próximo, criar para o homem, valendo-se da energia nuclear.

Este um electrão de um milhão de volts, instalado há pouco no Michigan College. Serve para estudar a natureza do poder gerado e incontrolável.

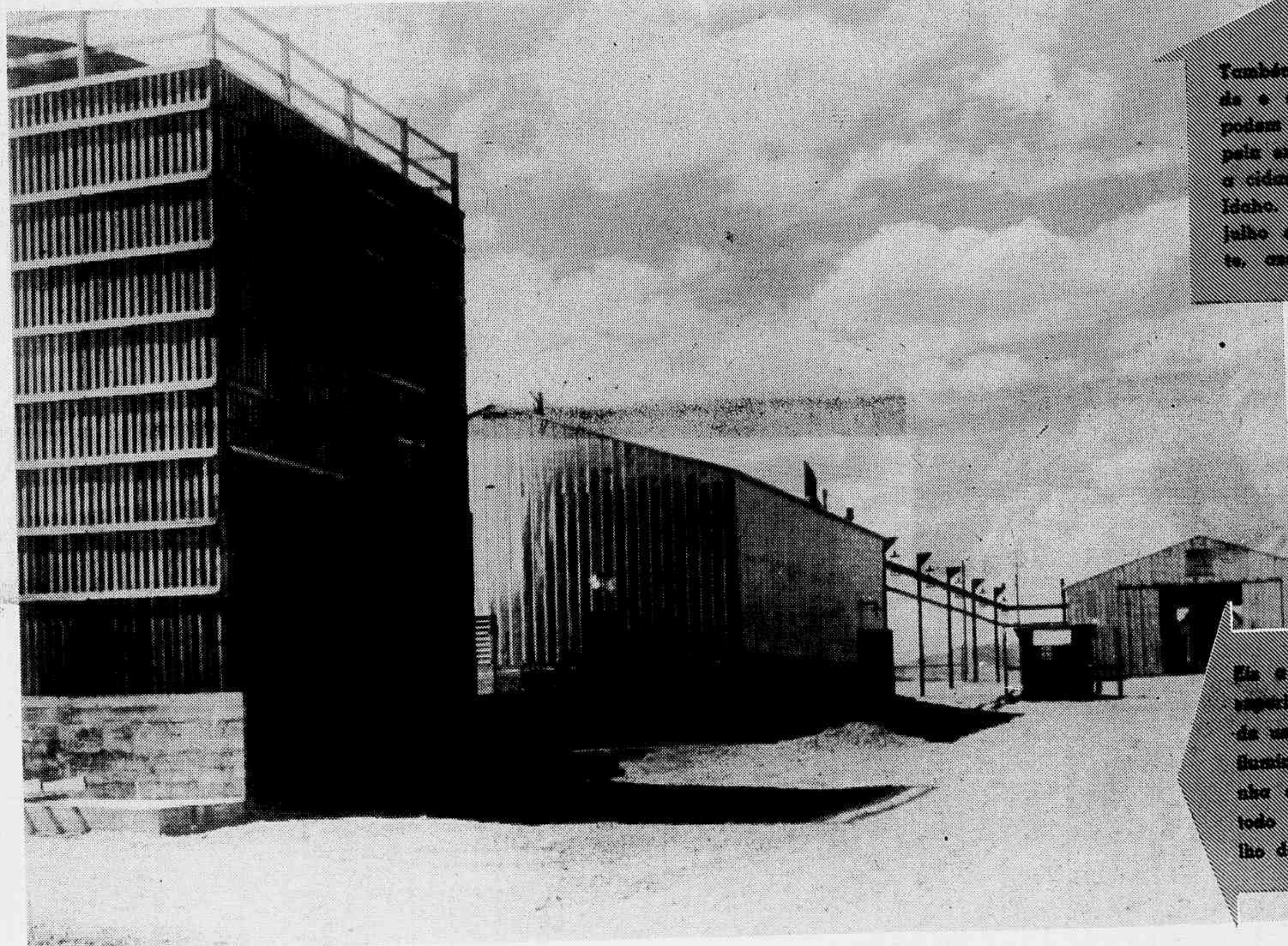
Modelo de 1ª ordem, usado para estudar a natureza do poder gerado e incontrolável, será instalado em Chicago, em futuro próximo. 10.000 watts a serviço da indústria.



LIBERTAR O HOMEM DE ALGUNS DE SEUS MI- LENARES E QUASE INSOLÚVEIS PROBLEMAS.

Agora mesmo, em Paris, um cientista atômico francês acaba de anunciar o processo de desenvolvimento celular baseado na progressão rádio-ativa. Isto quer dizer em outras palavras, que doravante os alimentos não mais se deteriorarão. Basta um «banho» rádio-ativo de intensidade diminuta, e os legumes permanecerão intactos com a integridade natural de sua vitamina por tempo imprevisível. Anteriormente, já um outro cientista americano anunciara que a carne bovina ou de qualquer outra espécie, poderia ser guardada mais de dois anos, após uma «desidratação nuclear», isto é, utilizando-se idêntico processo ao dos legumes. Outras provas de laboratório, ainda não divulgadas, mas já plenamente aprovadas, dão conta de que o câncer é estirpado com algumas aplicações de radium eletrônico, processo em que se submete o milagroso minério a um tratamento químico rádio-ativo. Injeções de «cimento de rádio», como estão chamando os cientistas, solidificam chagas do câncer e estirpam no núcleo da insidiosa moléstia, toda a sua vitalidade, fazendo com que não progridam as células enfermiças. Essas experiências, como frizamos, ainda não estão concluídas e os processos clínicos até hoje foram experimentados em cobaias. Tudo leva a crer, porém, que dentro de mais alguns meses a primeira experiência em seres humanos será praticada em Lancarshire, Inglaterra.

Há notícias, ainda, da utilização da energia atômica nas experiências inter-planetárias, tirando-se o combustível dos futuros foguetes à lua, do grande manancial atômico. Fala-se, também, na próxima aplicação dos excedentes ou resíduos da pilha atômica, como germicida e destruidor de bactérias gran-positivas, nas medicações específicas. Há uma lista em Nova York, guardada a sete chaves, na qual se dá conta do sem número de outras aplicações da energia atômica para fins pacíficos. Os cientistas não param. E se alguém pensa que ainda subsiste a idéia de se utilizar o átomo como processo belicoso, saiba ao final dessa reportagem que nunca se trabalhou tanto para transformar uma arma perigosa e mortífera em elemento útil à vida. Só o tempo dirá e realinhará o que nos adiantamos vaticinar: A era do «átomo para a paz» não está distante. A humanidade será bem mais feliz...



Também a eletricidade e a força motriz podem ser geradas pela energia atômica e cidade de Arco, no Idaho, no dia 17 de julho do ano que vem, abrirá a usina.

Ela é planta nuclear experimental (200 kw) de usina atômica que iluminará a cidadezinha de Arco durante todo o dia 17 de julho do ano que vem.



UMA NOITE EM VIENA

● PELA EXPRESSÃO RISONHA desses jovens bailarinos, poderão os leitores avaliar como foi alegre e animada a festa realizada há algumas semanas no High-Life Clube pela colônia austriaca residente no Rio de Janeiro. Os salões e jardins da rua Santo Amaro estavam decorados com típicos motivos vienenses, orquestras envergavam trajes característicos, executando melodias populares austríacas, jovens louras e rosadas dançavam ao som de harmônicas, curiosíssimas danças nacionais. O «schuhplattzer» tirolês, principalmente, constituiu-se em autêntica atração. Cerca de três mil pessoas estiveram presentes. Uma noite em Viena, sem tirar nem pôr, acontecida em plena madrugada carioca, tropicalíssima e acolhedora, para atenuar, em parte pelo menos, a nostalgia dos muitos austríacos entre nós fixados. (Fotos de Alberto Ferreira)

REDATOR-CHEFE Celestino Silveira
ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinícius Lima.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Átomos para a paz	2/5
Uma noite em Viena	6/16/17
Afinal o páreo entre Juarez e Juscelino	8/10
Nasce um campeão	13/15
Sonhos a quinze cruzeiros	20/23
Eleazar vive para a música	24/25
O Flamengo entrou para a Academia	34/35
A pátria para Cristo	40/43
E o povo argentino respirou	47/50

● SEÇÕES

Champanheta	11
Fuxe pelo cérebro	12
Palavras cruzadas	13
TV na Revista	19
Femininas	30/31
Por esse mundo de Deus	36/37
Semana astrológica	38
Literária	39
Música	44
Cinema	46
Figura em foco	51
Fortuna	54/55

● LITERATURA

Uma riqueza abandonada (A. Nery)	7
O beijo de El Diablo (Barbara Cartland)	26/27
Direito à Felicidade e à Alegria	28/29
O Ateu (L. de Castro)	52/53

● CAPA

Dia da Criança (Foto Apla)

Este número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

UMA RIQUEZA ABANDONADA

OUVIMOS todos os candidatos à Presidência da República falarem sobre a salvação do Brasil através dos transportes, da energia, da expansão dos mercados, da incentivação da produção e outras coisas mais. Até agora não ouvimos de nenhum deles uma palavra especial sobre a salvação do Brasil através da criança. Ora, a criança é uma riqueza inmensurável, é de um valor excepcional e preponderante para qualquer país que deseje marchar para o progresso e a civilização. Justamente no Brasil, a infância é o elemento vital mais desatendido, e mais desprezado e aviltado não só pelos poderes governamentais como também pela grande parte das classes esclarecidas e afortunadas. Sem revigorar, cuidar e amparar a infância brasileira tão largada ao abandono em todos os setores, não creio que programa algum de governo possa se desenvolver e seguir um ritmo capaz de beneficiar o nosso país.

● Diante das cifras alarmantes de crianças sem teto e sem amparo, ouvindo as ponderações e as verdades cruas do Juizado de Menores, temos a impressão que para a execução de um plano de reconstrução na altura dos programas dos candidatos, faltarão homens para o trabalho de abrir estradas, construir escolas, hospitais, maternidades e tudo o mais que depende da atividade humana. Os planos de larga envergadura como os apresentados para a salvação do Brasil, demandam tempo para a realização. Dentro de cinco anos tudo

isto deve estar em início e onde estará a geração que hoje atravessa a adolescência? Onde estarão os homens necessários à abertura de estradas e à construção de escolas? Os homens de amanhã, estão hoje atirados às ruas, superlotando o SAM ou retidos nas delegacias. O que podemos esperar de uma infância que se habituou à indolência, aos maus costumes, a viver nas portas mendigando e largados à noite, dormindo em bancos de jardins ou sob pontes escuras?

● Como cultivar a terra sem lavradores? Como intensificar indústrias sem operários? Como abrir oficinas sem mecânicos? Como desenvolver as nossas riquezas naturais sem população sadia mental e fisicamente, para este trabalho patriótico? Se hoje, atrasados como somos, já nos falta a mão de obra, imaginemos quando os programas dependerem da cooperação de material humano em quantidade maior?

Sem homens, sem população sadia e orientada para o trabalho nenhum país tem o direito de se julgar civilizado e progressista. Sem cuidar da criança de hoje não teremos o homem de amanhã e sem brasileiros o Brasil não pode caminhar na estrada que o destino lhe reservou.

Todos os planos e programas que qualquer candidato à Presidência apresente, sem ter em mente o valor excepcional da criança, será falho e precário. Para desenvolver riquezas é necessário que existam braços e corações para tirá-las do solo. Sem atender ao problema da infância teremos apenas de pensar em construir penitenciárias e manicômios. As cifras não desmentem o que digo.

ADALGISA NERY

REVISTA DA SEMANA — 7

QUEM GANHOU A ELEIÇÃO?

O PÁREO, AFINAL, É ENTRE JUAREZ E JUSCELINO

PLÍNIO EM 4.º LUGAR — ADEMAR TERÁ COMEÇADO FORTE NA APURAÇÃO. MAS VIRÁ PARA O TERCEIRO LUGAR — A POSIÇÃO DOS CANDI-

DATOS A VICE-PRESIDENTE — PROGNÓSTICOS DE UM ESTUDIOSO DO ASSUNTO QUE FAZ UMA TENTATIVA DE FIXAÇÃO SOCIOLÓGICA ELEITORAL.

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA

● Num esforço de reportagem, a REVISTA DA SEMANA pode oferecer aos leitores, nestas páginas, um autorizado e interessante prognóstico sobre o resultado das eleições presidenciais, que se realizaram segunda-feira última. O que o leitor vai conhecer, linhas adiante, é a colaboração que nos presta um paciente e ilustre estudioso patricio, que há dez anos se dedica à análise do desenvolvimento social do país, através das periódicas eleições. Trata-se de uma tentativa de fixação sociológica eleitoral, a que se entrega esse mesmo patricio. Infelizmente ele não nos autorizou a declinar-lhe o nome, razão porque ficará sendo, para todos os efeitos (temporariamente) o nosso informante... e mais nada. As conclusões a que chegou, são, entretanto, das mais curiosas. E os dias dirão até onde conseguiu o Nosso Informante, acertar no seu prognóstico em inteiro desacordo com as convicções generalizadas até as vésperas das eleições.

Foi provavelmente por tendência normal no manuseio de algarismos (sou bancário, contador profissional) que comecei a observar os resultados eleitorais, logo após o restabelecimento do ritmo democrático em fins de 1945.

Quando em princípios de 1947 se abriu a questão de eleição dos Governadores dos Estados, tive um interesse especial porque um grande amigo meu se tornou provável candidato ao Governo de São Paulo; e, para ajudar a eventualidade de sua campanha procedi então ao primeiro estudo que consistiu em analisar o resultado da eleição de 1945 em cada um dos municípios, distritos e zonas do Estado de São Paulo, verificar as causas que tinham determinado as preferências do eleitorado (era a primeira vez que o eleitorado se tinha manifestado), e provavelmente contribuir para que meu amigo pudesse elaborar um estilo de propaganda capaz de atrair para seu nome esse eleitorado ainda não vinculado a partidos ou organizações.

Meu amigo não se candidatou, mas o trabalho deu-me uma impressão muito agradável porque pela primeira vez pude observar o comportamento humano medido em termos de algarismos.

Depois da eleição de 47, houve no Brasil as eleições municipais de fins de 47 e princípios de 48. Novamente tive um interesse especial na eleição de São Paulo porque o Sr. Getúlio Vargas, meu grande e íntimo amigo, dispunha-se a tomar parte na campanha apoiando o candidato que fosse lançado contrariamente ao então Governador, Sr. Ademar de Barros. Realmente o candidato de oposição ao Sr. Ademar de Barros, Cirilo Júnior, veio a ser apoiado por forças trabalhistas e de esquerda, e pelos líderes Getúlio Vargas e Luiz Carlos Prestes.

Pergunta: Nessa oportunidade o Sr. fez alguma estimativa?

Resposta: Não, a primeira foi em 1950.

O resultado da eleição é conhecido. O Sr. Cirilo Júnior foi derrotado, alcançando apenas 34% do eleitorado, o que surpreendeu a opinião pública, uma vez que, em tese, as correntes políticas que o apoiavam deveriam ter feito um quociente eleitoral superior a 55%.

Nasceu aí, então, a minha primeira curiosidade de apurar a razão dessa debacle.

Eleições paulistas:

Inscritos — 1.683.963 — Votantes — 1.193.469 — 71%.
Votos perdidos (brancos ou anulados) — 61.448 — (5 %).

A saber:

Novely Júnior	547.727 — 46%
Cirilo Júnior	406.493 — 34%
Plínio Barreto	177.801 — 15%

Poucos meses depois deram início às conversações e entendimentos objetivando a candidatura Vargas para a sucessão de 1950. Havia correntes contraditórias, uns entendendo que a vitória do Sr. Vargas podia facilmente ser obtida só com o prestígio pessoal dele e outros entendendo que isso não bastava e que se impunha atrair concentrações eleitorais poderosas para uma eventual eleição.

Figurando nesse segundo time, entendi de proceder então ao primeiro esboço de previsão, procurando fixar o eventual comportamento do eleitorado em eleição que se realizaria daí a 2 anos, com o objetivo de dar ao Sr. Getúlio Vargas elementos para que ele estudasse sua própria posição e resolvesse ou não vir a ser candidato. Dêse trabalho infelizmente não guardei cópia porque foi manuscrito e parece que se extraviou em poder do Sr. Getúlio Vargas.

Depois de haverem os Srs. Getúlio Vargas e Ademar de Barros concertado efetivamente sua aliança (o que na verdade se deu em fins de 1949), procedi a uma segunda tentativa de previsão, já então partindo dessa base e tendo como finalidade verificar se ela era bastante para a vitória.

Pergunta: Em 1950 o Sr. chegou à conclusão de que o Sr. Getúlio Vargas venceria a eleição, com alianças regionais. Queria que fizesse uma explanação sobre seus cálculos de então e porque chegou a esse resultado.

Resposta: O estudo foi procedido da seguinte maneira: foi feita uma comparação entre as três eleições realizadas até então (federais, de dezembro de 45; estaduais de janeiro de 47 e municipais de 47/48); procurei nessa comparação analisar Estado por Estado e Partido por Partido; qual a razão pela qual o eleitorado se manifestara a favor ou contra determinado Partido, levando em consideração os fenômenos especialíssimos da época: Getúlio deposto e exilado em Itu, mas sendo um elemento vivo na política eleitoral; 2º) P.S.D. formado com a maioria das forças políticas que dominavam cada Estado durante a última etapa do Estado Novo, mas desejando solidificar esse prestígio através da conquista do maior número possível de posições estaduais e municipais. 3º) U.D.N., que em 1945 corporificara todo o anti-getulismo existente no país, sofrendo agora um processo de desagregação pelo qual saíam dela diversos grupos eleitorais que iam formando ou reforçando os partidos que constituíram, de então para diante o que se poderia chamar de «linha auxiliar da U.D.N.» ou seja P.R., P.D.C., Esquerda Democrática (mais tarde P.S.B.) P. L., e até mesmo o P.R.P.

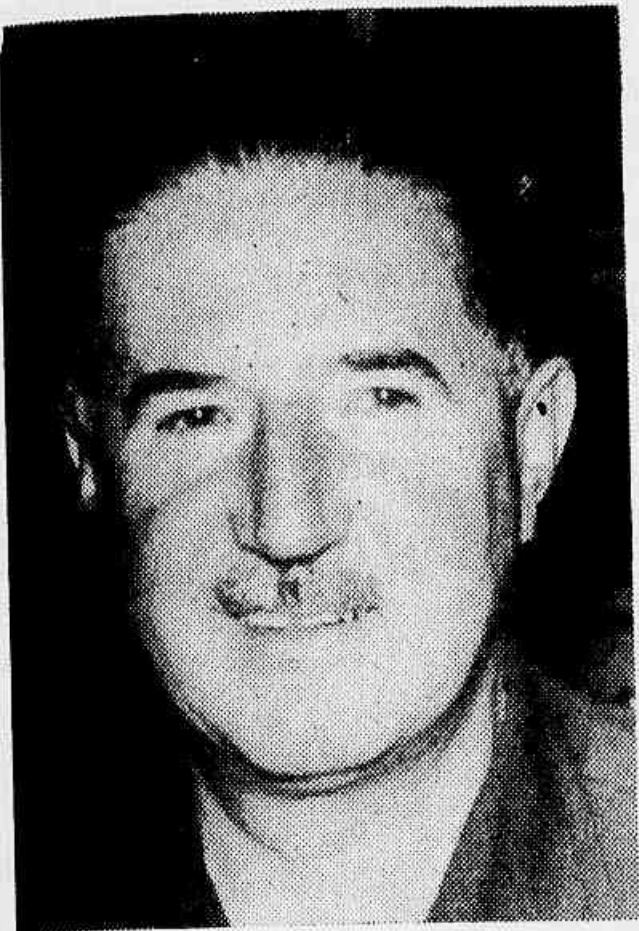
Levou-se também em consideração que as eleições de 1950 representavam o primeiro pronunciamento público do eleitorado a respeito do funcionamento do sistema democrático instalado em 1945. Em outras palavras: era a primeira vez que o eleitorado se manifestaria a respeito da ação dos Governos dentro do regime de controle do Congresso, quando até então o povo estava acostumado à administração direta do Poder Executivo sem o complemento do Poder Legislativo.

Nessa ocasião e com esses elementos, chegou-se à seguinte previsão preliminar: 1º) a coligação Getúlio-Ademar não tinha forças suficientes para, por si só, vencer uma coligação eventual dos partidos do centro ou seja P.S.D.-U.D.N. e Partidos do mesmo estilo; 2º) a coligação Getúlio-Ademar não tinha forças para superar, por si só, nem mesmo cada um desses dois partidos (P.S.D. ou U.D.N.) desde que se apresentassem na sucessão separados entre si mas acompanhados das suas linhas auxiliares; 3º) a possibilidade de vitória de Getúlio Vargas dependeria diretamente da sua maior ou menor possibilidade de obter apoio de grupos do P.S.D. ou de grupos da U.D.N. que, interessados na conquista de posições executivas nos Estados ou Municípios, fossem capazes de trocar votos dando a Getúlio, na eleição federal, o número de votos equivalentes a que Getúlio lhes daria na eleição estadual ou municipal.

Depois de pesados esses fatos e considerações, chegou-se a uma previsão eleitoral que distribuía os resultados da seguinte maneira:

Getúlio Vargas	48%
Brigadeiro	30%
Cristiano	22%

devendo ser computada, proporcionalmente, a parte que resultasse em votos nulos, brancos ou anulados.



ADHEMAR



JUSCELINO



JUAREZ



PLÍNIO

Quem compulsar os resultados da eleição de 50 verá que foi o seguinte:

Getúlio	47.1%
Brigadeiro	28.1%
Cristiano	20.4%

havendo 4.4% de votos brancos, anulados e dados a João Mangabeira.

Na mesma ocasião e com base nos mesmos elementos, foi feito um cálculo de previsão partidária, isto é, dos votos que cada um dos Partidos deveria canalizar para si, tomando como referência apenas os 4 maiores Partidos. A previsão indicava:

P. S. D.	25%
U. D. N.	22%
P. T. B.	15%
P. S. P.	8%

Os resultados efetivos foram os seguintes:

PARTIDOS	FEDERAL	ESTADUAL
P.S.D.	29.4	25.1
U.D.N.	22.4	22.0
P.T.B.	17.2	15.3
P.S.P.	8.5	8.5

Reparando-se os resultados da eleição estadual, se verificará que o erro máximo foi de 3,10%.

ELEIÇÃO DE 1955

Para as eleições de 1955 foi feito um novo trabalho de apuração.

O nosso informante não fornece números ou cálculos sem base. Seus trabalhos são minuciosos, chegando a extremos verdadeiramente impressionantes como é o caso do Estado da Bahia, que a partir de 1947 registra o maior e mais complicado número de coligações eleitorais.

Ele chega a minúcias a que nem o I.B.G.E. se atreveria, consultando Diretórios estaduais, municipais, chefes políticos locais e suas tendências. Há, por exemplo, nas pesquisas do nosso entrevistado, observações e cálculos feitos inclusive à base de pequenos desentendimentos partidários e muitas vezes pessoais e que são levados em conta. Todos eles tendem a medir com a máxima precisão a força eleitoral de cada grupo (trabalhistas da esquerda ou da direita), de modo a poder prever com exatidão o seu comportamento na eleição seguinte. E se não documentamos este trabalho com exemplos pessoais, citando nomes e partidos é porque há um compromisso nesse sentido e graças ao qual a nossa personagem tem podido realizar seu trabalho.

Vejamos, p. ex., o caso da eleição realizada no Estado da Bahia para a Câmara Federal, em outubro

de 1954. Nessa ocasião somente a U.D.N. disputou com uma legenda própria; todos os demais partidos se agruparam em coligações que trouxeram os seguintes resultados:

	votos
Coligação Baiana (P.S.D.-P.L.-P.R.P.)	257.247
Aliança Republicana Cristã (P.R.-P.D.C.) ..	151.003

Nos trabalhos de previsão que temos visto publicados, esses algarismos são distribuídos entre os partidos, ao arbítrio do analista. O nosso informante, ao contrário, procura destacar as origens de cada candidato para poder apurar qual a força eleitoral de cada um dos grupos. Assim, aos chamados «autonomistas», hoje integrantes do P.L. baiano, o nosso informante atribui 74.435 votos, porque essa foi a votação nominalmente obtida pelos candidatos desse grupo, ou seja:

Luís Viana	18.139
Octavio Mangabeira	17.527
Nestor Duarte	14.429
Nelson Carneiro	12.339
Jayme Baleeiro	12.001
	74.435

devendo notar-se que apenas os três primeiros se elegeram, sendo os dois últimos suplentes não convocados.

Previsão geral para a eleição de PRESIDENTE DA REPÚBLICA em 1955, inclusive a votação por ESTADOS:

	JUSCELINO	JUAREZ	ADEMAR	PLÍNIO	Brancos, nulos e anulados	TOTAL
Amazonas	29.000	15.000	17.000	2.000	7.000	70.000
Pará	97.000	33.000	59.000	15.000	16.000	220.000
Maranhão	121.000	26.000	35.000	7.000	11.000	200.000
Piauí	88.000	54.000	22.000	6.000	10.000	180.000
Ceará	136.000	225.000	64.000	9.000	16.000	450.000
R. G. Norte ..	66.000	68.000	45.000	10.000	11.000	200.000
Paraíba	93.000	119.000	14.000	14.000	10.000	250.000
Pernambuco ..	140.000	234.000	57.000	26.000	23.000	480.000
Alagoas	34.000	46.000	27.000	5.000	8.000	120.000
Sergipe	41.000	44.000	15.000	4.000	6.000	110.000
Bahia	256.000	161.000	47.000	19.000	17.000	500.000
E. Santo	72.000	29.000	36.000	25.000	8.000	170.000
R. de Janeiro ..	210.000	142.000	104.000	24.000	20.000	500.000
D. Federal ..	193.000	231.000	223.000	48.000	25.000	720.000
S. Paulo	359.000	532.000	887.000	122.000	100.000	2.000.000
Paraná	161.000	136.000	116.000	33.000	24.000	470.000
Sta. Catarina ..	128.000	122.000	29.000	55.000	16.000	350.000
R. G. do Sul ..	348.000	358.000	67.000	96.000	31.000	900.000
M. Gerais	767.000	307.000	170.000	89.000	67.000	1.400.000
Goiás	106.000	50.000	47.000	8.000	9.000	220.000
M. Grosso	41.000	35.000	21.000	4.000	9.000	110.000
Territórios	18.000	3.000	7.000	1.000	1.000	30.000
TOTAL	3.504.000	2.970.000	2.109.000	622.000	445.000	9.650.000
%	36.3	30.8	21.9	6.4	4.6	100%

Previsão para a VICE-PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, nas eleições de 1955. A nota de sensação é a derrota de João Goulart.

	JOAO GOULART	MILTON CAMPOS	DANTON COELHO	VOTOS PERDIDOS	TOTAL
Amazonas	36.000	10.000	12.000	12.000	70.000
Pará	89.000	48.000	53.000	30.000	220.000
Maranhão	112.000	32.000	34.000	22.000	200.000
Piauí	90.000	60.000	12.000	18.000	180.000
Ceará	148.000	170.000	72.000	60.000	450.000
R. G. do Norte ..	61.000	75.000	44.000	20.000	200.000
Paraíba	88.000	125.000	11.000	26.000	250.000
Pernambuco	129.000	247.000	51.000	53.000	480.000
Alagoas	33.000	46.000	24.000	17.000	120.000
Sergipe	32.000	48.000	13.000	17.000	110.000
Bahia	241.000	186.000	35.000	38.000	500.000
E. Santo	73.000	44.000	20.000	33.000	170.000
R. de Janeiro ..	226.000	162.000	70.000	42.000	500.000
D. Federal	193.000	261.000	169.000	97.000	720.000
S. Paulo	465.000	592.000	659.000	284.000	2.000.000
Paraná	189.000	166.000	78.000	37.000	470.000
Sta. Catarina	137.000	157.000	25.000	31.000	350.000
R. G. do Sul	361.000	436.000	34.000	69.000	900.000
M. Gerais	517.000	525.000	129.000	229.000	1.400.000
Goiás	97.000	58.000	44.000	21.000	220.000
M. Grosso	41.000	43.000	14.000	12.000	110.000
Territórios	14.000	3.000	6.000	7.000	30.000
TOTAL	3.372.000	3.494.000	1.609.000	1.175.000	9.650.000
%	34.9	36.2	16.7	12.2	100%

ELEIÇÕES

Ao P.R.P. nosso informante atribui 14.214 votos, porque essa foi a votação nominalmente alcançada pelo Sr. Carlos de Faria Albuquerque, integralista de origem.

Da Aliança Republicana Cristã o nosso informante destaca para o P.D.C. uma votação exatamente de 24.218 votos, identificando os candidatos que obtiveram, a saber:

Oscar Lima Freire	9.028
Joel Presidio	7.320
Exedito Cruz	7.032
Catarina Faleiro	838
	24.218

notando-se também que apenas o primeiro se elegeu deputado federal.

Dessa mesma Aliança nosso informante transfere para o P.T.B. 2.950 votos obtidos pelo Sr. Carlos Schneider, porque esse senhor, conquanto disputasse a eleição dentro da «Aliança», na verdade pertence ao P.T.B., estando filiado à ala que segue a orientação do Sr. Landulpho Alves.

Dentro dessa linha geral de apuração do verdadeiro valor eleitoral dos grupos que, em cada Estado, constituem os Diretórios locais, nosso informante decom põe o provável eleitorado do Estado em grupos percentuais correspondentes ao que se presume que seja a força de cada um desses grupos no momento, computadas as eventualidades, tais como: estar o Partido no Governo ou na oposição, dispor ou não de penetração eleitoral excepcional, haver ou não eleições estaduais ou municipais, migração eventual por coligação e egressos de dissidências partidárias de chefes políticos, posição de Governadores eleitos (exs.: Governador Antônio Balbino, da Bahia, Francisco Aguiar, do Espírito Santo).

Depois de assim classificar o eleitorado, o nosso informante procura verificar qual será o comportamento de cada um desses grupos em razão dos candidatos à Presidência da República e da capacidade que esses mesmos candidatos apresentam para influenciar ou não o tipo de eleitorado que constitui o grupo. Por exemplo: se o Gen. Távora trabalha efetivamente num determinado Estado é certo que obtém ressonância em eleitores acostumados a votar nas legendas da U.D.N., do P.D.C. do P.S.B. e até mesmo em certa camada de eleitores do P.S.D.; mas não produz eco algum em eleitores que tem acompanhado a legenda do P.T.B. ou do P.S.P. ou mesmo do P.R.P.

Já o Sr. Ademar de Barros, por exemplo, atua muito fortemente nas zonas de eleitorado trabalhista (P.T.B., P.T.N., P.S.T., P.R.T. etc.), obtém certa penetração na classe média que normalmente tem votado no P.S.D., mas prega no deserto quando está em frente de eleitorado udenista ou integralista, so-Kubitschek ou Ademar de Barros.

Quanto ao Sr. Plínio Salgado, nosso informante admite que ele tem grande receptividade nas linhas de eleitorado udenista de conformação patronal, ou seja nas elites econômicas da U.D.N. que temem os arroubos socialistas do Gen. Távora e preferem não fazer escolhas ou comparações com os Srs. Juscelino Kubitschek ou Ademar de Barros.

Por essa razão é que o eleitorado integralista que é normalmente da ordem de 300 mil talvez se veja subitamente elevado a mais do que o dobro.

Nosso informante também leva em consideração as influências que as coligações partidárias sofrem quando os eleitores que se unem não pertencem ao mes-

mo tipo ou não constituem o que se poderia chamar de aliança natural. É o caso do Sr. Juscelino Kubitschek apoiado pelo P.S.D. (que é um partido naturalmente conservador e centrista), e por diversos agrupamentos esquerdistas aparentemente incompatíveis com a natureza do programa e das atividades do P.S.D.

Nosso informante assim nota ou observa: 1) o eleitorado pessedista aceita o Sr. João Goulart porque uma combinação política de grande envergadura a isso o aconselha, mas não o faz de bom grado e provavelmente se absteria de cumprir o compromisso se apresentasse oportunidade para isso. 2) Por seu turno, o eleitorado janguista não morre de amores pelo Sr. Juscelino Kubitschek e preferiria mil vezes desviar a votação para o Sr. Ademar de Barros, não o fazendo por motivo de restrições de ordem pessoal e partidária.

Há também o caso da cédula única, invenção substancial introduzida nesta eleição. Na opinião do nosso informante a cédula única produz os seguintes resultados: 1º) não afeta a posição eleitoral do Gen. Juarez Távora; 2º) não afeta a posição eleitoral do Sr. Juscelino Kubitschek; 3º) prejudica o Sr. João Goulart chegando mesmo a pôr em risco a sua eleição até aqui considerada como pacífica; 4º) beneficia o Sr. Milton Campos chegando mesmo a tornar possível a sua eleição até aqui considerada como difícil; 5º) favorece o Sr. Ademar de Barros e ao mesmo tempo o prejudica.

Vejamos como o nosso informante justifica cada uma dessas cinco opiniões:

1º) Nesta eleição o Gen. Távora deve receber votação de 4 origens que são: a U.D.N., os partidos pequenos (P.D.C., P.S.B., e P.L.); a dissidência do P.S.D. e as seções do P.R. que, embora tenham homologado a candidatura do Sr. Kubitschek, na verdade vão abandoná-lo na eleição, para acompanhar o Gen. Távora.

Com exceção dos dois últimos grupos, os demais agrupamentos eleitorais são de extrema fidelidade ao General, como o foram no passado ao Brigadeiro Eduardo Gomes nas duas eleições que disputou. Quer com cédulas distribuídas segundo o regime antigo, com a cédula única, esses Partidos irão às urnas com o objetivo específico de votar no Gen. Távora. Em consequência, o processo de votação não altera o intuito. Já os dissidentes do P.S.D. e do P.R. não vão às urnas por amor ao Gen. Távora mas sim por desamor ao Sr. Juscelino Kubitschek e o interesse de derrotar o candidato pessedista os fará cerrar fileiras decididamente em torno do Gen. Távora, seja qual for a cédula ou processo de voto.

2º) Por seu turno, os partidários do Sr. Juscelino Kubitschek vão a esta eleição num estado de exaltação até aqui jamais registrada com o P.S.D. e até surpreendente para os observadores imparciais. Em nenhuma ocasião anterior, o P.S.D. revelou condições de luta; foi sempre um Partido solidamente aliado em Diretórios municipais e muitíssimo preocupado em assegurar para si a posse dos executivos estaduais e municipais, circunstância que já o levou, em 50, àquela sucessiva série de acordos regionais, que deram afinal a vitória ao Sr. Getúlio Vargas na eleição presidencial.

Agora, porém, o eleitorado pessedista está revelando uma surpreendente capacidade de luta, talvez estimulado pelas inúmeras e sucessivas dificuldades que o Sr. Juscelino Kubitschek teve que enfrentar até poder chegar à eleição de 3 de outubro. Dêse modo, o processo de eleição (cédula antiga ou cédula nova) não influi no ânimo do eleitor pessedista.

Coisa muito semelhante ocorre com o eleitor dos outros Partidos de índole trabalhista e esquerdista que devem votar no Sr. Kubitschek. Sem nenhuma exceção esses Partidos não tiveram, até agora, nenhum acesso ao Governo Federal porque foram sempre Partidos de oposição e que (como é o caso do P.T.B.) quando conseguem ganhar uma eleição (ex.: Sr. Getúlio Vargas em 1950) terminam perdendo o Governo pela sua incapacidade de conservar-se na vanguarda da administração pública.

Quanto ao P.R., que é o terceiro agrupamento que sustenta o Sr. Kubitschek, na verdade só o fará nos Estados de Minas Gerais e Bahia e isso porque, nas Alterosas, vai ser contemplado na vice-governadoria, na chapa de Bias Forte, e na Bahia porque a eventual vitória da U.D.N. significaria um predomínio político-federal do Sr. Juraci Magalhães, considerado funesto às pretensões políticas do Sr. Manoel Novais, chefe político baiano.

Como se vê, o processo de votação não modificará a posição desses grupos porque cada um tem um interesse especial a movê-lo.

3º) A posição do Sr. João Goulart nesta eleição é extremamente curiosa. Num modo geral, a maior parte dos movimentos golpistas encontram justificativa naquilo que se considerou como ameaça ao regime ou seja a possibilidade de que o Sr. João Goulart, cujos defeitos não são poupados, viesse a ocupar a Vice-Presidência da República e nessas condições o lugar de sucessor automático do futuro Presidente da República.

Quase todos os prognósticos políticos eleitorais apontam o Sr. João Goulart como franco e definido favorito nesta eleição. Até mesmo líderes considerados «golpistas» justificam sua atitude com a circunstância de que nesta eleição a única coisa efetivamente assegurada seria a eleição do Sr. João Goulart e daí a necessidade do golpe porque não haveria pressão eleitoral capaz de impedir essa vitória.

O nosso informante todavia não tem essa opinião. Considerando as diferentes formações partidárias em cada Estado, chegou à convicção de que a votação do Sr. Milton Campos se aproxima extraordinariamente da do Sr. Goulart, sendo quase fatal que ele, em condições normais, se assemelharia muitíssimo. Para isso contribui a circunstância de que em todas as eleições em que se disputa um lugar de «Vice» o eleitorado da U.D.N. e suas linhas auxiliares (P.D.C., P.S.B. etc.) é extremamente fiel, dando ao candidato à Vice, votação equivalente ao do candidato principal.

Recorda o nosso informante que em 1950 o Brigadeiro Eduardo Gomes teve 2 milhões 342 mil votos, enquanto o Sr. Odilon Braga, seu companheiro de chapa, fez 2 milhões 344 mil, ou seja exatamente a mesma coisa. Recorda nosso informante, também, que na mesma data a diferença de votação entre os Srs. Getúlio Vargas e Café Filho foi da ordem de 1 milhão e 300 mil votos.

A cédula única trouxe um elemento novo de benefício para o Sr. Milton Campos. É a votação integralista, ou dos partidários do Sr. Plínio Salgado.

Como se sabe o eleitorado que vai votar no Sr. Plínio Salgado é geralmente constituído de massas razoavelmente politizadas, todas elas acompanhando ideologicamente o seu candidato e portanto em condições de compreender, certa ou errada, a filosofia política que o Sr. Plínio Salgado representa. Um eleitor assim medianamente politizado, votaria necessariamente em branco para Vice-Presidente, se o processo eleitoral fosse o antigo; e isso porque a cédula que contivesse apenas o nome do Sr. Plínio Salgado não seria provavelmente acompanhada por outra que o eleitor teria de mandar imprimir ou datilografar e que contivesse o nome do Sr. Milton Campos para Vice-Presidente.

Com a cédula única, entretanto, o eleitor integralista não pode deixar de, dentro da cabine, correr os olhos sobre a lista dos candidatos a Vice-Presidente, ocasião em que os seus escrúpulos de consciência o obrigam a fazer uma escolha, repudiando o Sr. João Goulart (apoio dos comunistas) e Sr. Danton Coelho (ademarismo também combatido) para necessariamente preferir o Sr. Milton Campos que nem só apresenta qualidades pessoais recomendáveis, como politicamente não tem nenhuma divergência com os partidários do Sr. Plínio Salgado. Se isso ocorrer, como nosso informante espera, o Sr. Milton Campos será beneficiado em cerca de 350 mil votos que poderão decidir a eleição a seu favor.

5º) O Sr. Ademar de Barros é favorecido pela cédula única porque, sendo o seu Partido extremamente pobre de Diretórios municipais, pois fora de São Paulo não possui mais de 600 Diretórios em 1.800 Municípios, a cédula única vai tornar possível que o nome do Sr. Ademar de Barros seja apresentado ao eleitorado de todo o Brasil o que não ocorreria com a cédula antiga pois o P.S.P. não teria elementos para distribuir adequadamente o número necessário de cédulas com o nome do Sr. Ademar de Barros.

Mas por outro lado, a cédula também o prejudica muito porque afasta dele definitivamente todo o eleitorado trabalhista que tem tendência a ter como chefe o Sr. João Goulart. Esse eleitorado «janguista» estimula muito votar no Sr. Ademar de Barros e provavelmente nos grandes centros (São Paulo, Distrito Federal) encontraríamos nas urnas um número muito grande de chapas Ademar-João Goulart.

Com a cédula única o eleitor não tem tempo de, horas antes da eleição, munir-se dessa cédula Ademar-Jango; ele terá que fazer a escolha dentro da cabine, em frações de minutos, e nessa ocasião sofrerá dois impactos simultâneos: 1º) o nervosismo de usar um novo sistema de votação a que não está acostumado e, 2º) o fato de haver o Sr. Ademar de Barros escolhido como candidato de chapa o Sr. Danton Coelho cuja campanha foi feita à base de ataques ao Sr. João Goulart.

O repúdio do eleitor janguista ao nome do Sr. Danton Coelho o conduzirá, talvez, por extensão, ao nome do Sr. Ademar de Barros.

Só uma verificação depois da eleição é que mostrará se o Sr. Ademar de Barros foi beneficiado ou prejudicado no final de contas.

PROGNÓSTICO FEITO 5 DIAS ANTES DA VOTAÇÃO (DIA 28 DE SETEMBRO)

TERÇA-FEIRA, às 12 horas, terá início a apuração no Rio e em São Paulo e os resultados iniciais deverão ser:

1º ADEMAR DE BARROS; 2º JUAREZ TÁVORA; 3º JUSCELINO KUBITSCHKE

Os candidatos deverão permanecer nessa ordem até QUARTA-FEIRA. A PARTIR DE QUINTA-FEIRA, quando os resultados do interior começam a chegar, o sr. Ademar de BARROS AINDA ESTARÁ A FRENTE DOS DEMAIS CANDIDATOS, COM PEQUENA MARGEM A FRENTE DE JUAREZ, QUE POR SUA VEZ PASSARÁ A DIANTEIRA AINDA NESSE DIA. Na segunda-feira, decorridos 8 dias das eleições, a posição dos candidatos deverá ser:

1º JUAREZ TÁVORA; 2º JUSCELINO; 3º ADEMAR

TERÇA-FEIRA, então, o sr. Juscelino Kubitschek passará a dianteira, não mais perdendo a liderança, mas seguido de perto pelo sr. Juarez Távora, que permanecerá no segundo lugar, seguido de longe do candidato Ademar de Barros.

NOITE ELEGANTE EM FAVOR DA IGREJINHA DE COPACABANA. JANTAR EM HOMENAGEM AO MINISTRO BOLITREAU FRAGOSO.

O cinema Astória ficou completamente lotado por pessoas que compareceram à «avant-première» de «Comandos do Ar» com June Allyson e James Stewart, resultado do trabalho da comissão presidida pela sra. João Café Filho, e patrocinado por diversas pessoas da sociedade. Entre as centenas de pessoas presentes à reunião, anotamos a presença dos casais Accioly Neto, Osvaldo Joppert da Silva, Antônio Rudge, Baronesa de Saavedra, sr. e sra. Celso Azambuja, sr. e sra. Joaquim Xavier da Silveira, sr. e sra. Miguel Faria, sr. e sra. Murilo Gondim, sr. e sra. Aloisio Muniz Freire, sr. e sra. Alberto Proença de Faria, srtas. Diva Dolabela, Maria Helena Prado Menezes, Lígia Coutinho, Terezinha Bandeira de Mello e os srs. Alfredo Canongia Barbosa e Eduardo Tapajós.

O sr. e sra. Paulo Bittencourt ofereceram «cocktail» e jantar de despedida ao Ministro Bolitreau Fragoso que parte para o Panamá. Estiveram presentes os Embaixadores de Portugal e Itália e senhoras Antônio Faria e D'Ajeta, Embaixador Carlos Martins e senhora, sr. e sra. Antônio Larragoiti, sras. Baronesa de Saavedra, Ivone Monteiro e Célia Leite Garcia, sr. e sra. José Willemsens Júnior, sr. e sra. Nelson Caldeira, Marquesa de Segur, Marquês e Marquesa de Belmonte, sr. e sra. Vítor Lage, sr. e sra. Carlos Guinle Filho, sr. e sra. Álvaro Catão, Ministro Mendes Viana e senhora e Conselheiro Carlos Eiras. Nessa noite, as sras. Cristiane Caldeira e Ivone Monteiro destacaram-se pela elegância. Ambas fazem justiça à lista das dez mais.

O Lagoinha Country Club foi o local da reunião de alguns dos Embaixadores das Américas que ali se reuniram para discutir os detalhes do grande baile que se organizava para comemorar o 12 de outubro. Na festa serão organizados quadros do folclore de cada país.

Na semana que passou, no Country Club, reuniu-se a Assembléia Geral para a fundação

do Teatro de Arte, que cuidará não só de teatro, como também de dança, música, folclore, canto e cinema. A sede será num prédio, ainda em construção, em Copacabana. A diretoria ficou assim constituída: presidente: Vicente Galiez; vice-presidente, sra. Dinah Silveira de Queiroz; diretor artístico, Accioly Neto; diretor geral, sr. João Alberto; primeiro secretário, sr. Nehemias Gueiros; segundo, sr. Celso Kelly e primeiro tesoureiro, sr. Francisco de Paula Azevedo Filho. Para o Conselho Administrativo foram escolhidos a sra. Amélia Whitaker Bondim de Oliveira, sr. Antônio Camilo de Oliveira, srs. Paulo Sampaio e Austregésilo de Athayde.

Veneza enfeitou-se para receber os convidados para o casamento da princesa Virginia Ira Fuerstenberg com o príncipe Alton Maximilian Hohenlobe Bangenburg, o maior acontecimento social europeu desta temporada.

Estêve exlente a exposição dos trabalhos do senhor José Carlos da Silva Costa na Galeria de Arte.

O «Lido» alcançou sucesso em São Paulo e o repetiu no Rio. Resolveu ficar por mais dois

INTERNACIONAIS

★ Não fôsse a reviravolta política e a campeã de tênis, Maria de Weiss, que dizem ser a menina dos olhos do ex-ditador argentino, Juan Perón, teria sido homenageada em novembro com uma série de recepções e bailes.

★ A famosa Greia Garbo, justamente por fugir tanto dos fotógrafos, sempre foi o alvo predileto. Fazer uma foto da sueca, é um verdadeiro triunfo. Para fugir deles e dos curiosos em geral, a artista mandou fazer um subterrâneo que lhe permite entrar e sair de casa sem ser vista, na sua «vila» de Monte Carlo.

★ O irmão do vice-presidente norte-americano, Nixon, comprou um restaurante na Califórnia, que era de propriedade de Cesar Romero.

★ A Princesa Maria Pia e o Príncipe Alexandre da Iugoslávia estão passando umas quietas férias em Capri. Aceitam raríssimos convites e evitam ao máximo aparecerem em público.

★ Alexandre Tarsaidze, ex-diretor das relações públicas do hotel Ambassador, abriu a sua própria agência. O citado é descobridor e «inventor» de diversos e conhecidíssimos personagens, inclusive coronel Serge Obelenski, atual diretor do hotel.

★ A agitada Lady Astor é uma das prováveis e próximas visitantes de Moscou. Já pediu visa no passaporte.

dias, mas já foi embora, o que é pena. Formidável espetáculo e pequenas não menos.

Foi muito bem recebida a entrevista que o cronista Pomona Polistis fez com a decoradora Maria Celina Simon, no programa de televisão «Nós... as mulheres». Falou-se sobre muitas coisas, com muito espírito. Decoração foi o tema de todo o papo.

O Embaixador Carlos Alves de Souza, servindo em Roma, é o candidato mais forte à vaga deixada pelo Embaixador Caio de Melo Franco, em Paris.



As senhoras Ligia Pape, Vera Bocayuva, Pomona Politis e o senhor Aloisio Sales, na abertura da exposição do Museu de Arte Moderna.



O sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club, discursando ouvido pelos Ministros Alencastro Guimarães, Teixeira Lott e Luis Gallotti.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 55,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

EU SEI TUDO SUPERIORIDADE DA MULHER SÔBRE O HOMEM

A VENDA — CR\$ 10,00

“GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA”

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possui um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Escreveu o «Encomium Moriae»:
 - Morus?
 - Erasmo?
 - Grotius?
- 2—Qual desses autores tratou do tema de Fausto:
 - Marlowe?
 - Goethe?
 - Thomas Mann?
- 3—No Império Inca «Chaxqui» era como se denominava:
 - o sistema de mensageiros?
 - o corpo de justiça?
 - os trabalhadores braçais?
- 4—Até que ano Noruega e Suécia constituíram um só Estado:
 - 1914?
 - 1905?
 - 1900?
- 5—Em que ano a Grã-Bretanha retirou-se da Índia:
 - 1947?
 - 1951?
 - 1945?
- 6—A Liga das Nações foi um sonho do Presidente:
 - Wilson?
 - Roosevelt?
 - Eisenhower?
- 7—Em pintura, há os artistas e os plagiários — disse:
 - Toulouse Lautrec?
 - Michelangelo?
 - Paul Gauguin?
- 8—O termo «tostão» nasceu:
 - na Espanha?
 - na Itália?
 - em Portugal?
- 9—Ossian foi uma criação literária do escocês:
 - Mac Pherson?
 - Scott?
 - Burns?
- 10—«Os Quatro Temperamentos» são uma composição sinfônica de:
 - Paul Dukas?
 - Paul Hindemith?
 - Paul Cezane?
- 11—O que é «escorcel»:
 - ato de montar num cavalo?
 - pequenina bolsa usada na Idade Média?
 - o mesmo que vendaval?
- 12—Que têm em comum esses artistas:
 - Van der Goes?
 - Robert Schumann?
 - Hoelderlin?
- 13—Deu a atual denominação às notas musicais:
 - Gregório Allegri?
 - Gregório di Gregório?
 - Gregório o Grande?
- 14—«E' tarde, é muito tarde» — assim começa um célebre sermão de:
 - Vieira?
 - Mont'Alverne?
 - Manuel Bernardes?
- 15—«La Clemen a di Tito» é uma ópera de:
 - Salieri?
 - Mozart?
 - Donizetti?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco. De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem. De 4 a 6: cultura média — Estudante ginásial. De 7 a 11: cultura superior — Universitário. De 12 a 14: um sábio. Todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: — 1) Erasmo; 2) Todos eles; 3) O sistema de mensageiros; 4) até 1905; 5) Em 1947; 6) Wilson; 7) Gauguin; 8) Na Itália; 9) Michelangelo; 10) Paul Hindemith; 11) Pequena bolsa usada na Idade Média; 12) A loucura; 13) Gregório Allegri; 14) Mont'Alverne; 15) Mozart.

QUEM VÊ em plena carreira um animal precioso como êsse, não pode imaginar quanto cuidado e preocupação custou a tôda uma grande equipe de técnicos e tratadores.

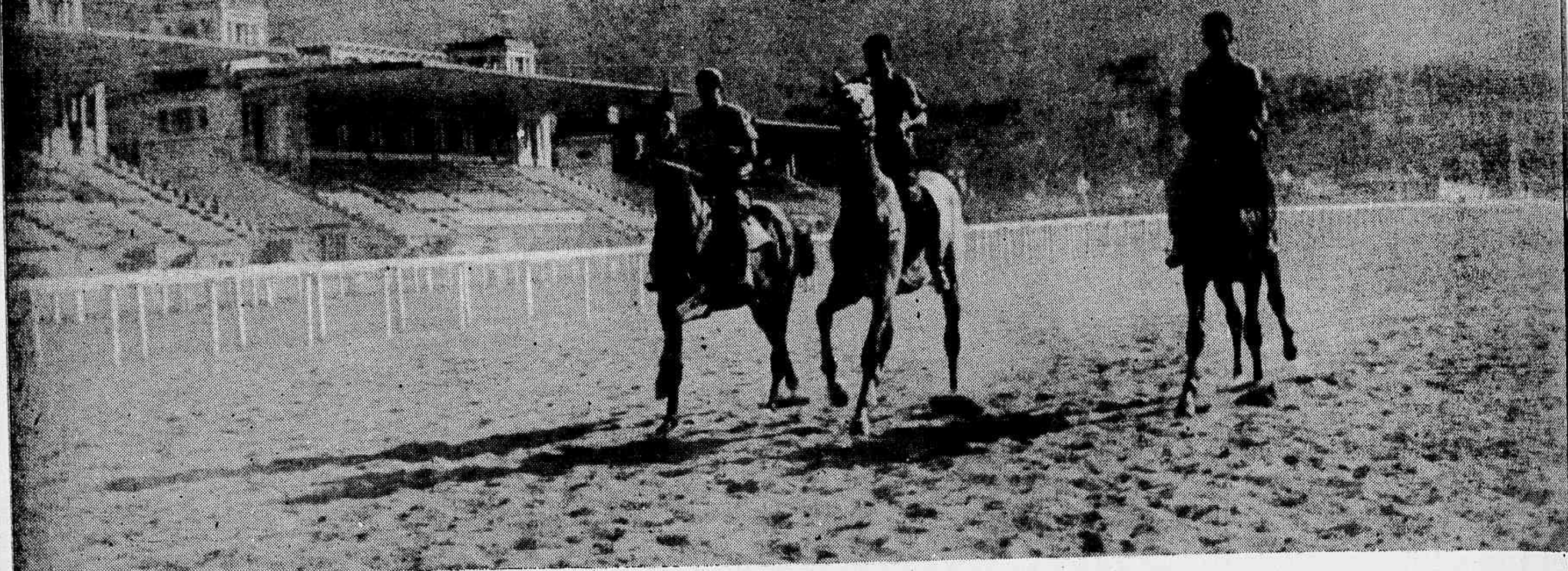


NASCE UM CAMPEÃO

REPRODUÇÃO, CRIA, TREINAMENTO E ALIMENTAÇÃO DOS PURO-SANGUE. A VIDA DE UM ANIMAL MELHOR TRATADO DO QUE MUITA GENTE. CIFRAS, CARREIRAS E OCASO DOS GRANDES CAMPEÕES.

Texto e Fotos de SÉRGIO ANDRADE

NASCE UM CAMPEÃO



MELHOR TRATADOS do que muitas pessoas, estes animais são ao mesmo tempo a alegria e a dor de cabeça constante de seus proprietários. Não pensam que dão lucros fabulosos.

AS minhas costas fecham-se os pesados portões de ferro do Jockey Club, para que comece a descobrir um novo mundo; o «mundo à parte» dos cavalos de corrida, de que falou Pedro Dantas (Prudente de Moraes Neto). Realmente, é desconhecido e diferente em todas as curiosidades que apresenta. As atenções e cuidados especiais dedicados aos animais, por uma equipe de abnegados constituída por tratadores, veterinários, proprietários e estudiosos, é um capítulo marcante a ser adicionado às aventuras do homem sobre a terra. Aventura, sim, pois os seres que empenham toda a existência à criação de animais de carreira, nascem com o íntimo tornado às grandes sensações. E unicamente na expectativa cruciante de um final por vezes fracassado, conseguem ser felizes. Todas as suas emoções são controladas por um labirinto de sistemas, onde a sorte é fator preponderante. Nossa história — pequeno capítulo desse mundo estranho — vai retratar a vida de um animal de luxo: o puro-sangue de carreiras.

● INFÂNCIA DE UM PURO-SANGUE

Pelo interior dos Estados, principalmente em São Paulo e no Estado do Rio são encontradas fazendas destinadas à reprodução de cavalos de corrida. Os «Haras», como são chamados, situam-se em regiões onde o clima seja o ameno, o ar purificado, e a terra fértil. Compreendo uma extensão enorme de terreno, qual um grande pasto, tem como ponto central uma construção simples, dotada de todos os aparelhamentos necessários ao delicado labor de criar puros-sangue: alojamentos, cocheiras, farmácia, escritório de administração, etc. Neste ambiente inicia-se a vida de um animal de carreiras. Mal a primavera vai surgindo e já toda

a «troupe» do Haras está reunida, a fim de eleger os animais para o acasalamento. Operação de vital importância para a geração vindoura, que se processa com uma lentidão e seriedade enormes. O tratador (que em nosso país é uma espécie de homem-orquestra, pois deve saber um pouco de tudo, por causa da multiplicidade de suas funções) sai à cata de todo o tratamento legado aos reprodutores; o veterinário passa a cuidar com o máximo interesse da saúde do garanhão e da égua, ministrando-lhes, em caso de necessidade, medicamentos convenientes; estudiosos selecionam o aproveitamento que os animais hajam tido no prado, sua linhagem e descendência. Curioso notar que o estudo das árvores genealógicas desses equinos chega, geralmente, até à quinta geração, sendo necessário para o aperfeiçoamento das diversas raças. Apresentados numa última reunião, os resultados obtidos com as pesquisas, submetidos à análise final, é dado o veredicto favorável para que se processe o acasalamento.

● O POTRO

Nascida a cria, meses depois, é imediatamente colocada em um «box», construção de cerca de 3 x 3 m., acolchoada de palha, deixando-se permanecer ali, até que possa movimentar-se com a égua-mãe. Nutrindo-se exclusivamente de leite materno, durante o período de seis meses, qualquer outra alimentação que receba é tida como sigilo, pelos tratadores, no Haras. A medida em que o tempo vai passando o animal recebe os primeiros ensinamentos, leves ainda, e com o intuito apenas de facilitar os trabalhos subsequentes. Nas fazendas de reprodução permanece até completar 1 ano e oito meses. É então registrado no «Stud-Book», controlador de todos os animais de corridas, seguindo mais tarde para o Stud.

VINTE E QUATRO HORAS NA VIDA DE UM PURO-SANGUE

A abundância de divergências existente quanto ao correto tratamento alimentar dispensado a um animal de linhagem, é assunto de sempre entre os técnicos. Por exemplo: a questão do tratamento a leite. Realmente, foram feitas inúmeras experiências em potros, principalmente pelo falecido e sempre lembrado Lineu de Paula Machado, famoso criador, incentivador da criação nacional; contudo, os resultados não foram satisfatórios. Ainda assim, existem tratadores que conservam esse caro sistema de alimentação.

5 HS. DA MANHÃ — Cedo ainda, com o sol a despontar, começa o dia do puro-sangue. Levanta-se, é limpo e escovado. Conduzido para o prado, vai praticar os primeiros exercícios obrigatórios, que se completam com uma volta a galope pela raia (dois mil e quarenta metros). Terminada essa faina, recebe u'a massagem de álcool por todo o corpo. Descansa e volta para o «Stud».

7,30 HS. — Tornando ao «Stud», só poderá reentrar no «box», depois de lavado com água e sabão. Verifica-se o estado dos cascos. É ferrado e penteado.

8,00 HS. — Primeira refeição. Ração de pasto. Compõe-se geral-

mente de 3 kgs. de alfafa, 1 kg. de grama, água à vontade. Existem tratadores que fazem a troca da água por 5 a dez litros de leite.

9,00 HS. — Volta o cavaleiro ao «box», a fim de rasquear, escovar e pentear o animal. Caso esteja em tratamento veterinário, são-lhe aplicados os medicamentos (alguns litros de glicose e milhões de unidades de penicilina e vitaminas). O tratador verifica a regularidade do serviço.

10 HS. — Segunda refeição. Ração de grão. Três litros de milho, dois litros de cenoura picada, quatro litros de aveia socada, água em quantidade.

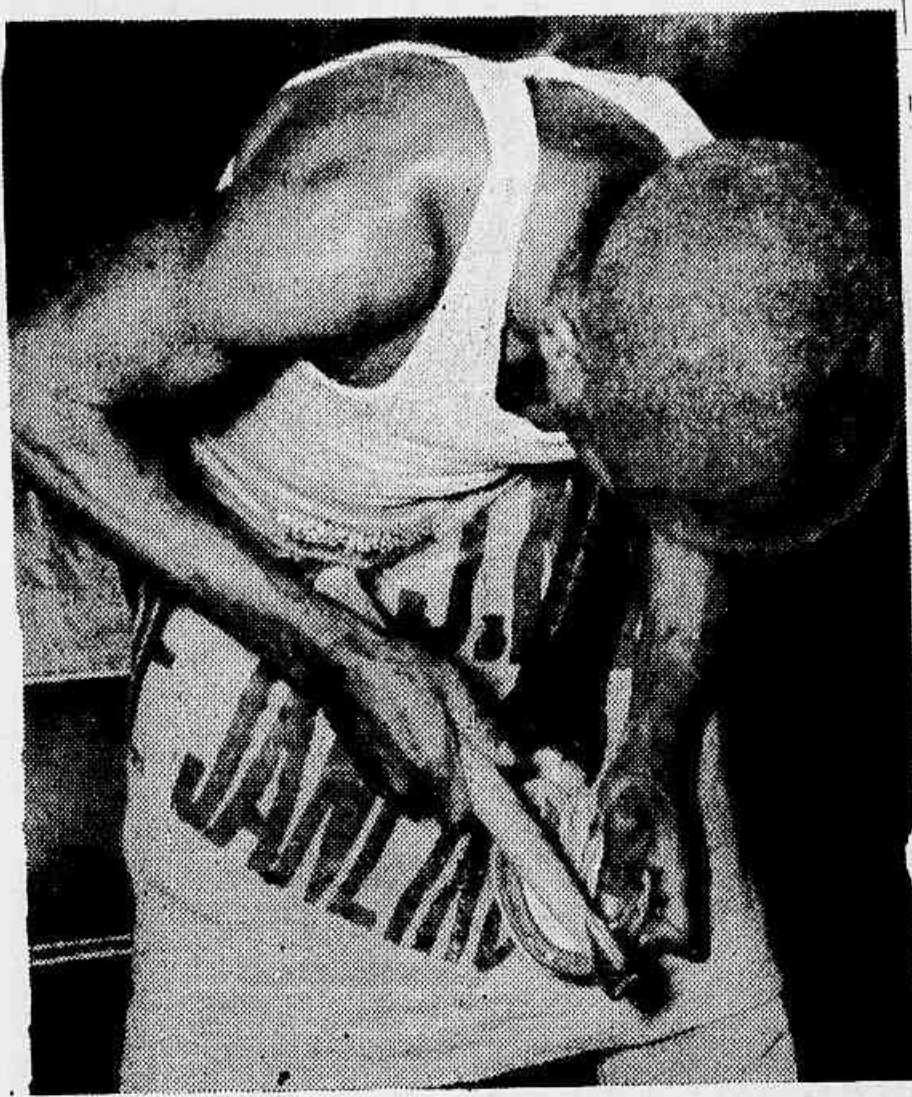
15 HS. — Retirado do «box», dá algumas voltas, por cerca de meia hora, em torno do «Stud», montado, como parte dos exercícios diários. Novamente rasqueado e escovado.

17 HS. — Terceira refeição. Ração da noite. Última do dia, constituída de milho, aveia, cenoura, chicória, salsa picada, cana doce, água (ou leite).

20 HS. — Por essa hora, geralmente, o animal adormece. O tratador faz outra visita de inspeção em todas as cocheiras, passando o cavaleiro a zelar pela tranquilidade do sono do animal.



PARA ANIMAIS que valem uma pequena fortuna, todos os cuidados são poucos. O veterinário periodicamente os examina com minúcia.



MARTELO EM RISTE, esse empregado executa, com o máximo de delicadeza, o trabalho de ferrar o equino. Operação difícil e indispensável.



A **GROSSA** escôva contribui para que o pêlo do animal fique mais e mais reluzente. Não é qualquer um que leva uma vida como esta.

● O ADESTRAMENTO — A DOMA

Sito nos arrebalde do Jockey Club, o «Stud» é uma construção circular, rodeada por «boxes» e escritórios. Aí chegando, o animal é instalado em um dos «boxes», higiênico e individual. O tratador, cuja paciência e compreensão são cultivadas como princípio básico, entra em contacto com o potro, tentando inculcar-lhe serenidade e confiança. Vagarosamente, de acordo com o cavaleiro, prepara os primeiros passos para a doma do animal, ainda bravo. Todas as manhãs, o potro acostuma-se a deixar-se tratar pelo empregado, assim, facilitando as ações de ser limpo, escovado, banhado, etc. Mais alguns dias, é-lhe colocado o cabresto. Uma pequena revolta, alguns relinchos, por fim o assentimento. Sob o olhar atento do tratador, é conduzido para o picadeiro, dá voltas sob o comando do cavaleiro e retorna ao «box». Outra operação delicada, feita com lentidão, é a da monta do equino. Aos poucos, vão-se-lhe colocando pesos gradativos sobre o lombo, para que mais tarde, ao ser cavalgado pelo peão, não venha a estranhar o peso abrupto. Montado, o puro-sangue passa a dar voltas com um «punga» (cavalo treinado e calmo, colaborador para a doma do animal) a seu lado; aprende as diversas modalidades de passo, a ser comandado com um leve puxão nos arreios. Finda essa parte, o animal vai aos treinamentos no prado, ambientando-se com as partidas rápidas e a incrível velocidade por vezes alcançada, até setenta quilômetros horários em alguns casos.

● O PURO-SANGUE EM CIFRAS

Normalmente, a despesa mensal de um puro-sangue importa em Cr\$ 4.000,00. Desconte-se, é claro, a palha onde o animal dorme num acréscimo de Cr\$ 600,00 mensais, ferraduras, mais Cr\$ 400,00. E em caso do equino adoecer? A doença torna-se, então um capítulo à parte, e o tratamento veterinário é altamente dispendioso. O proprietário Waldemar Attianesi (mais conhecido como «Padre Antônio») descobriu sua égua «LUXUOSA» atacada de pneumonia dupla. Poupança a chamada do veterinário (despesa acrescida de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 1.000,00) resolveu por si mesmo salvá-la. Aplicou-lhe, então, meio litro de glicose, 4.000.000 de

unidades de penicilina, duas gramas de estreptomicina, seis ampolas de cinco c.c. de Cilotropina, três ampolas de cinco c.c. de Vitamina B1, tudo isso, de uma só vez, misturado, na veia, repetindo a dose igual mais duas vezes, no mesmo dia. À noite, a égua estava curada.

Convertam em cifrões todos esses medicamentos de custo excepcional e ficarão abismados com o resultado espetacular que irão encontrar.

● AS CORRIDAS

Apresentado dos dois aos dois anos e meio, às raías, o equino, habilitado pela destreza e paciência do treinador, vai demonstrar, em corrida oficial, a «performance» que (quem o poderá dizer?) um dia há de fazê-lo campeão... ou um fracasso. As preparações do dia da carreira são rodeadas de grande expectativa. E ficam reduzidas as rações e a água.

● SERVIÇO DE REPRESSÃO AO «DOPPING»

Esse departamento, mantido pelo Jockey Club, tem por finalidade prevenir qualquer tipo de estimulação por meio de substâncias nocivas, assim preservando a saúde dos animais, para que, no porvir, venham a ser bons reprodutores. Dos exames, os dois de maior importância são a colheita de saliva e da urina. Por meio deles é mais fácil descobrir-se se o animal foi dopado. Por que o «dopping»? Somente irresponsáveis empregam esse crime atualmente; com o fito do animal oferecer uma renda em velocidade e excitação fora do comum.

● OS ANIMAIS «GLOBE-TROTTER»

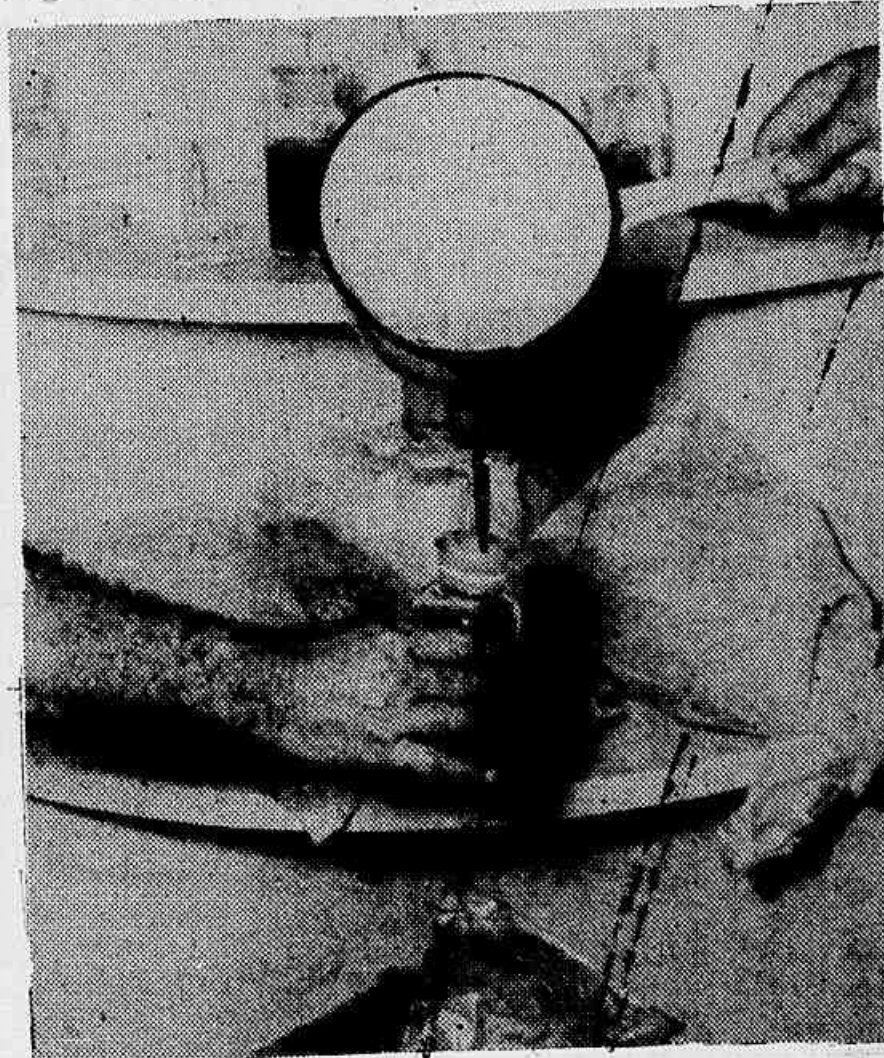
Apenas dois cavalos nacionais visitaram as raías estrangeiras: Garboza, disputando o Grande Prêmio na Argentina (sem êxito) e Mossoró, na Inglaterra, participando do Derby, também sem vitória digna de nota. Infelizmente, é quase impossível fazer-se um dos nossos ganhadores correr em prados estrangeiros, devido à grande despesa em transporte e a tão baixa cifra dos prêmios. Permanecendo na pista dos dois anos até aos sete (vencendo ou não), tão logo apresentem sintomas de redução física, são os animais enviados novamente para a reprodução.



ARREIOS de todos os feitios são postos ao sol diariamente, nas dependências do Jockey Club. Representam um fator preponderante num bom desempenho.

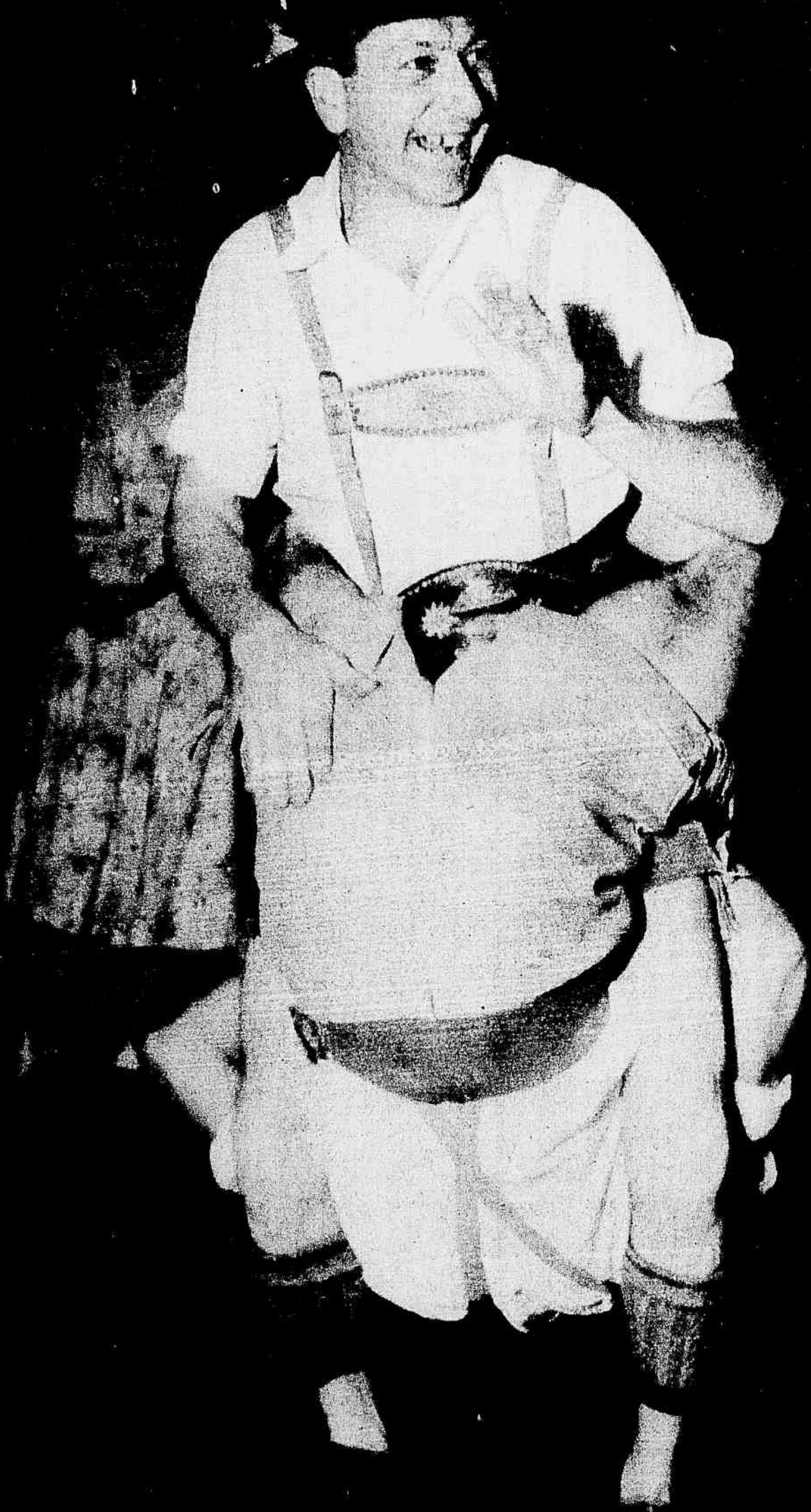


OS ANIMAIS também conhecem as moléstias. Esse, por exemplo, está sofrendo de um distúrbio psíquico. Um médico o assiste. A ovelha, no box, serve para acalmá-lo.



A **URINA** de um pufu-sangue, transportada ao laboratório em vidros especiais, é ali examinada, constatando-se então o «dopping», se for o caso. Um serviço perfeito.

PROSIT, OESTERREICH!



A VIDA DÁ MUITAS VOLTAS, E ESSES DANÇARINOS TAMBÉM.

UMA NOITE EM VIENA



O SCHUHPLATTZER, dança original do Tirol, despertou as atenções dos quase três mil espectadores da grande festa dos austríacos. Dançarinos e músicos vieram especialmente de São Paulo para executar os passos complicados de sua terra natal. Graciosas «fraulein» e ru-





bicundos «herren», devidamente a caráter, divertiram-se a valer, madrugada a dentro, ao som embalador das harmônicas. Um pedaço da Áustria em pleno coração do Rio de Janeiro. Prosit, schoen Oesterreich! Sem Sigmund Freud, mas com valsa, muita alegria e cerveja.



DER HERR UND DAS MAEDCHEN, OU: ESSA VIDA E' UMA VALSA

● Para o povo brasileiro, "flor amorosa de três raças tristes", como reza o decassílabo do poeta, é quase inexplicável a alegria saxônica. Também temos nossas festas estrondosas, mas nem de perto se comparam, em pura animação, com a que nos foi dado presenciar no dia 17 de setembro, quando a colônia austríaca reunida nesta capital resolveu comemorar... comemorar o que? Simplesmente a alegria, que lhes vai na alma pelo ano inteiro. "Eine Nacht in Wien" serviu para matar as saudades dos vieneses pela sua bela capital; mas a nós, brasileiros, veio ensinar que a alegria deve ser mantida mesmo nos instantes supremos, quando o mundo inteiro, ante a encruzilhada que se lhe apresenta, não sabe como será o dia de amanhã. Para que perder o humor com o que ainda não aconteceu?



LIVRO

aberto é cérebro que fala; fechado, amigo
que espera; destruído, coração que chora.
(Provérbio indú)

FOLCLORE DA MATEMÁTICA

pelo Prof. Mello e Souza (Malba Tahan)

Lendas, histórias e curiosidades. OS NÚMEROS na linguagem popular, nos brinquedos infantis, na poesia sertaneja, na vida literária, nas tradições religiosas, nos livros sagrados, nos ritos secretos. Apresentação impecável. Brochado, Cr\$ 100,00. Encadernado Cr\$ 150,00

MEU ANEL DE SETE PEDRAS

(CINTILAÇÕES CURIOSAS DA MATEMÁTICA)

pelo Prof. Mello e Souza (Malba Tahan)

Números. Ritmos. Medidas. Lendas. Adivinhas. Profecias, etc. As contagens, cantadas e rimadas; a Matemática nas adivinhas populares; a Matemática nos desafios dos cantadores brasileiros; as sucessões numéricas na literatura; o ritmo ternário na prosa e no verso; unidades e medidas na linguagem popular; unidades curiosas na arte culinária brasileira; do tostão ao milhão; as medidas de tempo na cidade e no sertão; os números no Apocalipse, etc. Brochado, Cr\$ 80,00. Encadernado Cr\$ 130,00

HIPNOTISMO

de Medeiros e Albuquerque

(da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa)

Histórico. Processos hipnóticos. Aplicações gerais. O sono prolongado. A terapêutica da persuasão. O hipnotismo na pedagogia e na cirurgia. A psicanálise. Aplicação clínica: alcoolismo, anemia e clorose, asma, dor, enjôo, frigidez, impotência, insônia, loucura, morfomania, nevrose homossexual, obesidade, prisão de ventre, tics, timidez, etc. Ao alcance de qualquer mentalidade. Preço Cr\$ 60,00

A ENERGIA ATÔMICA NA PAZ E NA GUERRA

pelo Prof. Otto Alcides Ohlweiler

Exposição feita pelo Prof. Ohlweiler para os seus alunos da Universidade de Pôrto Alegre. Trata de: os elementos químicos na natureza; o homem descobre a estrutura da matéria; do sonho da transmutação à radioatividade; o homem aprende a transmutar os elementos; reação nuclear de novo tipo: a fissão; a reação em cadeia e o aproveitamento da energia nuclear; os reatores nucleares: plutônio e energia; a bomba atômica: sua construção e seus defeitos; a bomba de hidrogênio: uma ameaça à humanidade; a energia nuclear a serviço do homem; a primeira usina elétrica nuclear; os combustíveis nucleares e o assalto às suas fontes; os monopólios dominam a indústria atômica nos EE.UU.; da livre troca de informações à espionagem científica; a energia nuclear e o Brasil; o controle internacional da energia nuclear. Brochado Cr\$ 50,00

DICIONÁRIO DE LINGUAGEM

pelo Prof. A. Tenório d'Albuquerque

Como falar e escrever corretamente a língua portuguesa. Dificuldades e dúvidas de linguagem. Erros, correções, etc. Ortografia oficial em vigor. Interessa a Professores e Estudantes, Médicos, Advogados, Militares, Engenheiros, Dentistas, Arquitetos, Secretários, Escritores, Bancários, Jornalistas, Funcionários Públicos, Autárquicos, etc. Enfim, às pessoas estudiosas que têm empenho em escrever bem a nossa língua. Edição popular Cr\$ 60,00

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO

Textos de SÉRGIO MACEDO — Ilustrações de RENATO SILVA



AS MAIS SENSACIONAIS AVENTURAS VIVIDAS POR HERÓIS AUTÊNTICOS CUJAS PROEZAS A HISTÓRIA GUARDOU PARA CONHECIMENTO DAS NOVAS GERAÇÕES. CÍCERO DISSE QUE «A HISTÓRIA É A MESTRA DA VIDA». SAI MENSALMENTE E É ENCONTRADA EM TÓDAS AS BANCAS DE JORNAIS, NAS LIVRARIAS E NA EDITORA, A CR\$ 10,00 (DEZ CRUZEIROS) CADA VOLUME, PROFUSAMENTE ILUSTRADA, IMPRESSA EM PAPEL ESTRANGEIRO DE PRIMEIRA QUALIDADE.

PEÇA QUALQUER DESSES LIVROS PELO REEMBOLSO POSTAL.

CONQUISTA

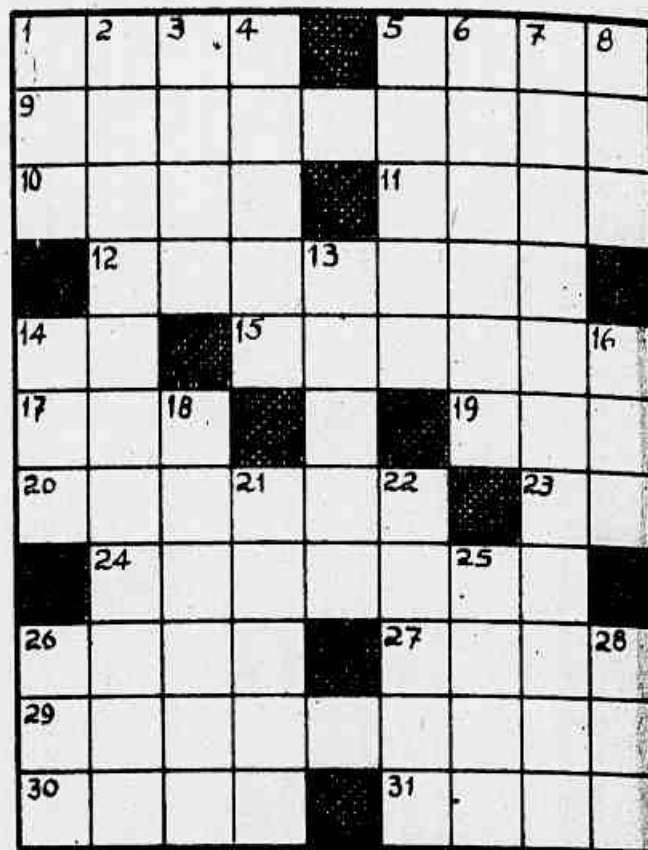
Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 87

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Folhagem de árvore que se dá ao gado quando o pasto seca inteiramente — 5. Bebedeira — 9. Melhorados — 10. Divisa — 11. A ortodoxia muçulmana — 12. Subclasse das aves, que compreende as que têm o esterno sem quilha — 14. Conjunção latina, que significa como — 15. Nigela dos trigos — 17. Nome de mulher — 19. Ilhé — 20. Torna sensível — 23. Símbolo do metal de peso atômico 26,97 — 24. Ficar na mesma altura — 26. Aceitar herança — 27. Embarcação da Índia — 29. Refrear — 30. Rio da Alemanha — 31. Aprende na infância.

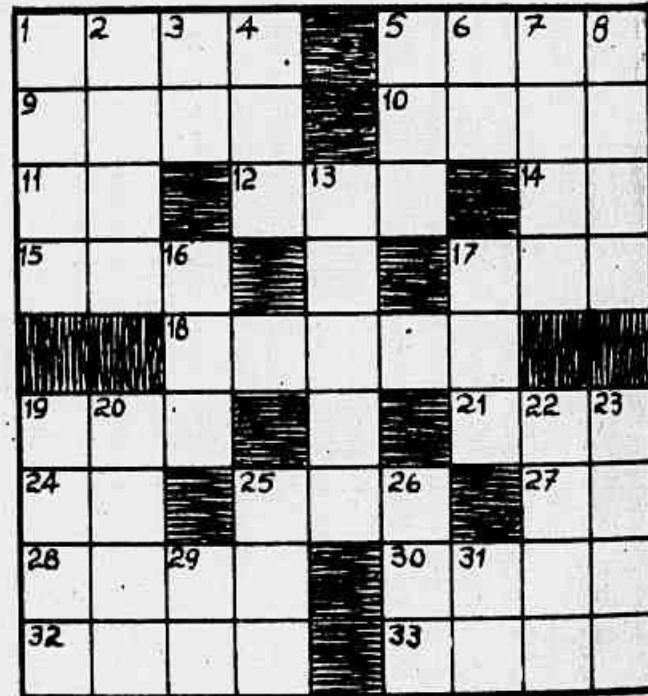


Stanley - Rio

VERTICAIS: — 1. Bens de raiz — 2. Moribundos — 3. Barreira — 4. Explica, interpretando — 5. Use — 6. Roupas feitas — 7. Tosquiarum — 8. Ala — 13. Gênero de plantas ornamentais da família das rubiáceas — 14. Confusão, muita pressa — 16. Pessoa de grande talento — 18. Que faz experimentar viva sensação de frio — 21. Fugir alucinadamente — 22. Planta brasileira — 25. Cêsto da gávea — 26. Planta umbelífera, semelhante à cenoura — 28. Senhora.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Engano — 5. Padiola — 9. Tombar — 10. Que- rer bem — 11. Artigo plural — 12. Gemidos — 14. Basta! — 15. O as- tro-rei — 17. Oceano — 18. Queri- da com predileção. 19. Sofrimento — 21. Satélite da Terra — 24. Brisa — 25. Concedo — 27. Personalida- de, elegância — 28. Assassina — 30. Que vive — 32. O mesmo que emir — 33. Comediante.



Stanley - Rio

VERTICAIS: — 1. Reflexos do som — 2. Pouco profundo — 3. Es- carnece — 4. Reza — 5. Porém, contudo — 6. Sigla automobilis- tica do Amazonas — 7. Pesquisa — 8. Lavar — 13. Raivoso — 16. A casa — 17. Doença — 19. Senhora nobre — 20. Fazem orações — 22. Voz lamentosa do cão — 23. Ligar — 25. Entregar — 26. Fruto da vi- deira — 29. Variação pronominal — 31. Donaire.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 86

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — doa — hernuto — élitros — ut — Nei — ta — Mem — Mglin — iris — aião — dilui — Arn — os — ras — ia — maurina — obraras — use.

VERTICAIS: — drin — ontem — auriga — heterismo — El — to — ostiarias — úmido — anona — mil — Lia — sururu — iaras — Sire — ab — Na.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — romanos — ais — rol — má — rim — lá — malar — ruas — temi — rosas — cá — sor — rã — Ari — iam — armadas.

VERTICAIS: — ria — os — anil — or — sol — América — latiram — rasos — matar — mar — rés — sola — ara — ras — ir — ia.



Ari acompanha ao piano Maria Isabel, apresentada como revelação num programa TV-Tupi.



Cena de um dos programas «Alô Doçura», da TV-Tupi, com Paulo Maurício e Haydée Miranda

VAMOS MELHORAR?

★ Antônio Leite, um dos distintos e simpáticos animadores de programas na TV-Tupi, principalmente «Calouros Toddy», em uma de suas aparições ante às câmaras, anunciando um dos concorrentes e o que iria interpretar, disse tratar-se da «canção francesa Rêve d'Amour». De fato o candidato tocou ao piano, em ritmo de fox, a composição de Lizi mas, estranhámos a denominação «canção francesa»...

★ Já de outras vèzes comentamos o perigo dos programas apresentados durante longo tempo e baseados no mesmo tema. No fim de al-

gumas semanas, falta a inspiração ao autor do «script», cansado de escrever sempre sobre o mesmo assunto, e o que é apresentado são histórias sem interesse, repetidas e maçantes. Quando chega a esse ponto, é preferível suspender o programa e apresentar uma nova idéia.

Justamente isso é o que está acontecendo com «Alô Doçura», na TV-Tupi, com Paulo Maurício e Haydée Miranda vivendo eternamente o papel de namorados que brigam constantemente e acabam por fazer as pazes depois de muitas peripécias. Paulo e Haydée dão a impressão de também já estarem fartos de representar o papel e o fazem displicentemente, sem aquela graça e interesse que caracterizaram as primeiras apresentações do programa. Que tal aproveitar os dois artistas em papéis mais importantes e de maior interesse?

★ Oriovaldo Vargas é um dos bons locutores da TV-Tupi e tem em «Acerte e ganhe» uma apresentação que agrada bastante aos telespectadores. Possui ótima voz e fala claramente, no entanto, tem o costume de acompanhar as palavras com gestos de cabeça, para um lado e para outro. Com um pouco de atenção e controle, Oriovaldo facilmente corrigirá esse defeito. Vamos melhorar?

NOTA — Por um lapso de paginação, a notícia de uma outra secção (A REVISTA HÁ 50 ANOS) saiu publicada nesta coluna, em alguns exemplares, da edição anterior. O fato poderia passar despercebido, se se tratasse de um acontecimento recente, neste século da televisão. O pior, porém, é que o assunto ali tratado dizia respeito a uma possível falcatrua praticada pelo Kaiser contra o Tzar Nicolau II, e naquele tempo, segundo não falha a memória do cronista, a TV ainda não havia sido inventada...

GRAU DEZ:

Para «Canções para a infância», audição extra do «Clube do Guri», exibindo seus melhores artistas: meninos e meninas que se destacam nas audições dos domingos. As crianças têm aí mais uma apresentação a elas destinada, feita com muito cuidado e carinho.

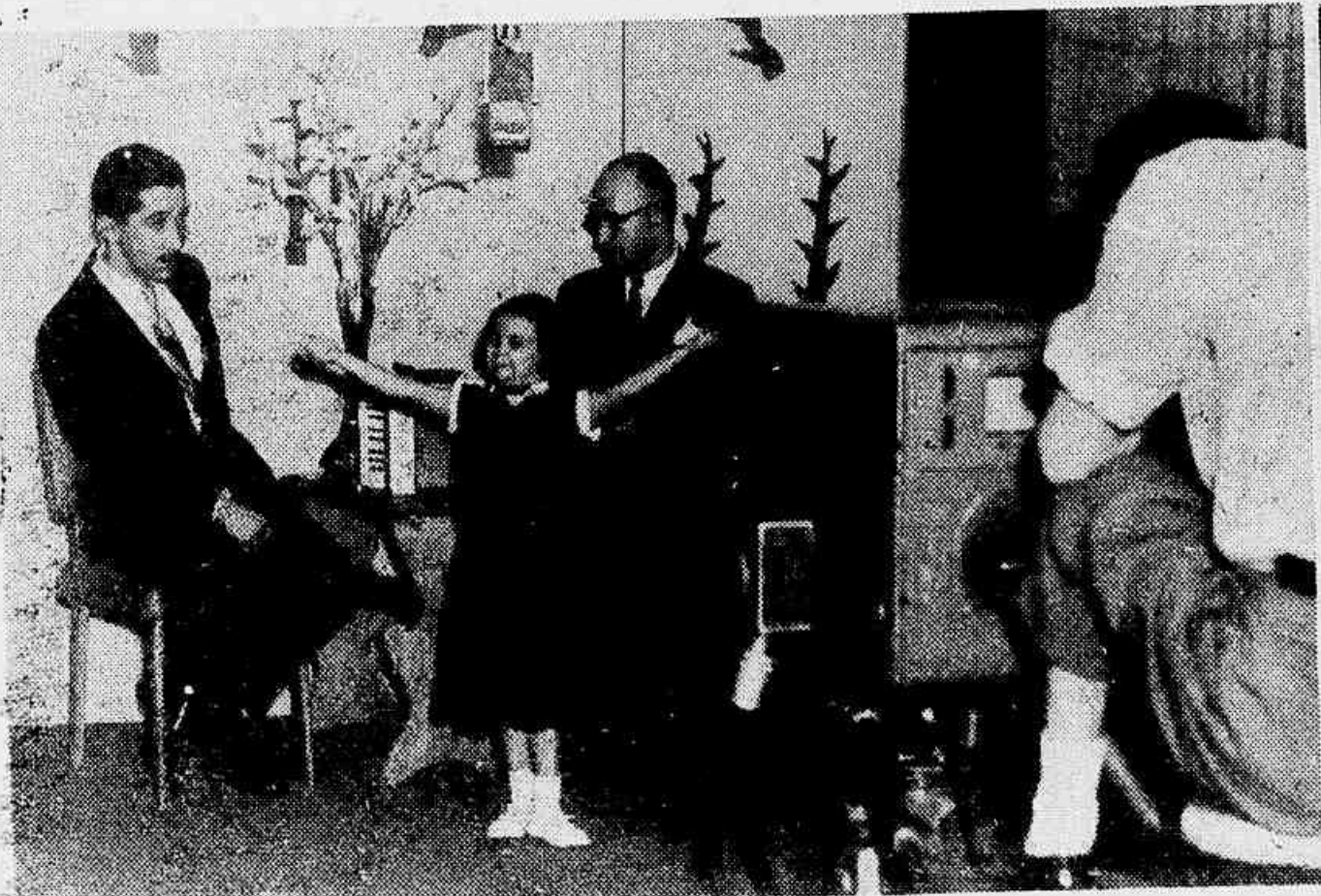
★ Para «Espetáculos Tonelux». Esse programa de Virginia Lane, que vinha perdendo o interesse, voltou a ser movimentado. Assistimos a uma apresentação em que atuou Déo Maia, cantando e dançando com muita graça, agradando plenamente.

★ Para «Encontro com o Ari», às sextas-feiras, na TV-Tupi. É sempre agradável ouvir as composições novas e antigas de Ari e assistir às suas conversas com personalidades dos meios musicais, falando sobre a nossa música popular.

★ Para o «Teatro de Comédias» onde aparecem, às segundas-feiras, Paulo Autran e Tônia Carrero; ao lado de Rosa Maria Murtinho e Magalhães Graça, sempre interessantes, o casal de artistas vive os papéis de José e Mariazinha, com muita naturalidade e divertem a valer, aos telespectadores.

★ Para as audições do cantor português Antônio Menezes. Com muito boa voz, esse artista constitui um dos pontos altos na programação da TV-Tupi e tem grande número de fãs.

★ Para a novela «David Copperfield» em adaptação feita para a TV-Tupi por Maria Muniz. Destacam-se as interpretações de Lídia Matos e Heloísa Helena, realmente interessantes.



Leila, uma pequena artista do «Clube do Guri», quando se apresentou em «Canções para a infância». Recitando e tocando acordeon ou piano, a pequena agrada sempre e tem grande número de fãs. À direita: Virginia Lane e Armando Nascimento em «Espetáculos Tonelux».

UM "VICIADO" SURPREENDE O GRAN D



VENDEM-SE "SONHOS"
A QUINZE CRUZEIROS

N DE MUNDO SUBTERRÂNEO DA MACONHA

OS SINDICATOS DO VICIO VÃO TRANSFORMAR ALGUMAS CENTENAS DE ADOLESCENTES EM FAMIGERADOS "LILICOS", E NÃO SERÁ O S.A.M. O CULPADO • O REPÓRTER NÃO PODE IR ATÉ OS CHEFÕES, OS QUE NEGOCIAM COM MILHARES DE CRUZEIROS, MAS TUFIC, O MACONHEIRO FALASTRÃO, DEU OS LOCAIS ONDE SE BUSCA O "CONFORTO" • A SIMPLES PERSEGUIÇÃO AO VENDEDOR DE RUA É INUTILIDADE, POIS O TRÁFICO CONTINUA CRESCENDO E JÁ SE PLANTA A ERVA NO DISTRITO FEDERAL • A "FUMAÇA" TRANSFORMA O "MARGINAL", DANDO CORAGEM E VALENTIA AO MALANDRO QUE, NO SEU ESTADO NORMAL NÃO É CAPAZ NEM DE FURTAR UM PÃO.

Texto de ARMANDO PEREIRA

HÁ cerca de dois anos, a autoridade policial que tinha a seu cargo a superintendência da luta contra os entorpecentes no Distrito Federal alarmava-se com o poderoso impulso dado à venda de maconha entre nós. Dizia ele (delegado Bellens Pôrto) que o vício, partindo das classes mais baixas, estendera-se às privilegiadas, propagara-se até Copacabana, tomara de assalto apartamentos elegantes da zona sul, e que agora era de bom tom para certa «gente bem» conduzir no bolso, ao lado da carteira de Chesterfield, alguns cigarros de «marijuana».

Nessa época, realizava-se no Rio um congresso científico, no qual foram abordados temas apaixonantes de Direito Penal, inclusive os referentes ao uso de entorpecentes, defendendo-se a tese, sem dúvida muito humana, mas pouco prática, de que o viciado carece de internação hospitalar e condená-lo à prisão é violência.

A afirmativa é basicamente certa, mas como solucionar o problema se é esse mesmo viciado quem, sob a pressão do vício, transporta, vende, corrompe, cria novos adeptos da fumaça traiçoeira? Ora, esses infelizes permanecem em liberdade, pois não há hospitais especializados para segregá-los. Absolvidos, em nome dos deveres de humanidade, recaem na rotina, tornam-se traficantes para se manterem em contato com as fontes fornecedoras e principalmente para assegurarem o numerário indispensável às crescentes doses de «sonho» de que têm necessidade seus organismos.

O GRANDE MUNDO DOS MACONHEIROS

Pelo menos no passado, não se fez esforço sério para acabar com o tráfico de maconha. Talvez pela ocorrência de três fatores negativos, que descoroçoavam a Polícia: 1º — A maconha é fenômeno nacional ou continental. Planta-se em toda a parte, cresce à-toa. Vem de navio mercante ou de belonave. Que adianta prender pobres coitados que transportam cem gramas de erva, se se deixa solto o que exporta ou compra aqui vinte quilos? 2º — A Justiça absolve sistematicamente o que é apanhado com pequena quantidade de «fumaça», sob o fundamento de que é um viciado e o tóxico se destina a seu uso. (Nenhum maconheiro é tolo de levar maior quantidade de maconha consigo). 3º — A delegacia especializada na repressão tem múltiplos deveres, o maior dos quais é combater o jogo e o menor, perseguir os vendedores sinistros de alucinações.

O repórter, embrehando-se no grande mundo do vício, passou a perceber que, como no «jogo do bicho», em que o dono do «ponto», o vendedor de rua, é apenas a angrenagem do mecanismo colossal, que carrega milhões para os «banqueiros» — também na maconha há o tráfico organizado, disciplinado, no seio do qual existem astros, títeres e satélites. Os grandes traficantes, sem dúvida gente de aparência respeitável, se embuçam atrás dos «pobres» viciados que carregam (dezenas de vezes, num dia) alguns cigarros «para uso próprio».

O repórter, entretanto, não conseguiu posicionar pontos importantes das suas pesquisas. Não soube nem ao menos quantos sindicatos de maconha existem no Rio. Vagamente, anotou três

ou quatro nomes conhecidos, apontados como envolvidos no torpe comércio. Mas contestou que, graças à inexistência (no passado) de um plano de repressão, tal comércio se espalhou por todos os bairros da metrópole, existindo mesmo nos cantos boêmios, de vida noturna intensa, pontos fixos de vendedores. O cigarro ou o «dólar» saem para eles por preço relativamente baixo, permitindo-lhes larga margem de lucro. Há frequentes rivalidades entre revende-

dores, brigas e tiros são trocados pela posse dos bons pontos.

É FÁCIL COMPRAR O SONHO

O consumo da erva é quase forçado no Mangue e em certos locais mais sórdidos da Lapa e Copacabana. As bailarinas de «dancings» e as traficantes do amor, para suportarem seus duros mistérios, tiram diariamente a sua «fu-



O repórter fotográfico da REVISTA DA SEMANA tentou bater as fotos que documentassem esta reportagem. Estêve, por exemplo, no «Bolero» e dois homens lhe perguntaram se queria sair dali inteiro. O repórter queria e não insistiu. Como não insistiu noutros lugares que visitou. Daí, Ramon ter acompanhado o autor da reportagem para colher a «atmosfera» dos antros da maconha e gravá-la para os leitores. O desenho acima mostra-nos o «Bolero», onde as mariposa dançam, e onde o «mulato da maconha» fica à espreita de suas visitas.

MACONHA



Eis como Ramón viu a iniciação, no morro, o malandro esquece a vida hostil com a maconha. E compartilha com as crianças os «sonhos» comprados. O menino do morro tão cedo estragado se tornará o «Lilico» de amanhã, roubando e matando com 13 anos.

maça». Por isso, muitas delas, sendo jovens, mostram-se enrugadas e envelhecidas. Porque a maconha tem isso. Dá sonhos portentosos, mas reduz o ser humano à condição de múmia.

No baixo mundo dos marginais, quase todos fumam a erva maldita. Os punhuistas, os ventanistas, os assaltantes, os vigaristas, os homicidas, os achacadores, os cafetens, os rufiões, os jogadores tiram umas «fumaças» antes de se porem em ação. O fumo os conforta e encoraja. O terror físico que lhes infunde invariavelmente a «cana», desaparece com a magia do cigarro de maconha e, em lugar desse sentimento desprezível, sentem uma confiança infinita na

sua força mental e principalmente muscular. As meretrizes, essas, fogem às suas frustrações de todo o dia refugiando-se na cortina de sonhos que o cigarro lhes dá juntamente com a fumaça azulada e acre.

O mais triste é que, da rua da Lapa e da travessa do Mosqueiro, da rua Pereira Franco e de Comandante Mauriti, do Bolero, e do Balaica, em Copacabana, do Zica e dos Arcos, da rua 20 de Abril e da Central, a onda se propagou e ainda se propaga. Hoje, também a «jeunesse dorée», que não tem frustrações, nem problemas de dinheiro, passou a fumar maco-

nha, por que é fácil comprar o sonho, porque é bom encher o vazio da vida...

O repórter, numa rápida incursão pela Lapa e Mangue, fazendo trejeitos de viciado, perguntando aqui e ali, encontrou sem dificuldade maior, a pista dos vendedores de «baseados», nas esquinas, nos terrenos baldios, nos mictórios dos cafés mais sórdidos. Era preciso comprar para não dar na vista. Cigarros grosseiros, ele os pagou até a quinze cruzeiros. Mas se perguntava quem era o patrão, a cara de amigo desaparecia, os cigarros sumiam no bôlso, o repórter se via num lecanço faltando sozinho.

Um tal Tufic, da Lapa, maconheiro falastrão, meio ébrio de cachaça, em frente a um copo de chope, desvendou parte do mistério, apenas pequena parte. Ele compra (ou comprava) o sonho na rua da Lapa, nº 35, lugar em que existe uma «cabeça de porco». Uma mulata lhe fornecia a erva. Parece que é amiga de um tal «Paulistinha», o qual a explora. Também Elza, flor do Mangue, residente na rua Comandante Mauriti, nº 117, — um dos lugares mais sórdidos do Rio — se enfiou no comércio do «sonho», por conta naturalmente de um rufião, o qual, por sua vez, pertence a alguma quadrilha especializada no tráfico. Mandou Tufic, que o repórter fôsse ao Bolero, depois da meia noite. Veria um mulato, sempre de branco, sempre de cabelo esticado, sentado a uma mesa cheia de mulheres. Ele servia os marinheiros estrangeiros, que pagam bem. Jamais carrega consigo os cigarros. A quem quiser, leva à sua casa para tirar umas tragadas bem pagas. Seu apartamento, no Leme, é muitíssimo freqüentado. Na praça Mauá, era só sentar no bar do Zica e esperar que a noite trouxesse os boêmios, mariposas e marinheiros. Dois, não um apenas, dois fornecedores se fariam ver, se a Polícia estivesse por longe.

O repórter seguiu essas pistas. E sentiu que as coisas não andavam boas para o lado dos infratores da lei. Os postos de venda estavam descobertos, mas notava-se a agitação de alguns viciados, à espera de sua dose diária de «conforto». A bem da verdade, deve ser declarado que a Polícia parecia estar cumprindo seu dever, tirando de circulação os maconheiros.

Mas será isso o bastante para desarticular os bandos de envenenadores do povo, bandos que manobram com vultosos interesses econômicos e mobilizam a fina flor do crime?

ANJO E DEMÔNIO

Naquela noite fria de junho, duas guarnições de Rádio Patrulha foram convocadas para a rua Júlio do Carmo, nº 177, no Mangue. O fato é que uma turma de três investigadores ia passando, no seu serviço normal de ronda, e viu, de súbito, que algo de anormal ocorrera naquele número. Funciona ali um pequeno bar, muito sórdido, muito sujo. Viram os policiais, no interior, um homem moço, alourado, forte como um touro, empunhando uma faca, correndo atrás de outro, o dono da tasca. A intervenção dos investigadores salvou o perseguido de morte certa. Mas o moço alourado, como alucinado, se voltou para os policiais e, logo, cortou dois. A luta desesperada que se travou a seguir só se definiu a favor dos mantenedores da lei quando receberam reforço de mais seis troncados policiais da R.P.

No Distrito, apurou-se que o valentão era Carlos Vidinha, rapaz de boa família, ex-«crack» do América, aliás futuroso, estimadíssimo de quantos o conheciam, por sua educação. A sua história é a de muitos outros. Um dia, foi fazer uma farra, com amigos. Fumou um cigarro diferente e a fumaça o mergulhou numa deliciosa vertigem embriagadora, povoando-lhe a mente de fantásticas visões e fornecendo-lhe a inesquecível sensação de que estava a ponto de dominar o mundo a seu redor. A maconha conquistara ali mais um espírito fraco.

Após isso, transformou-se. Passou a freqüen-

ENTRE "GENTE BEM" CHESTERFIELD ANDA LADO A LADO COM

tar o Mangue, atrás da erva maldita. Fumando-a, deixava de ser aquele homem de físico possante, mas de alma débil. Transformava-se num titã, num possante. Passou a viver com uma pobre mariposa do amor, que o sustentava. Fugiu da família e só aparecia em casa para trocar de roupa ou apanhar dinheiro.

Autuado em flagrante na delegacia policial, pois além de intoxicado, levava um alentado pacote de maconha (que tentou engulir, para fazer desaparecer a prova do delito), começou Carlinhos (nome pelo qual todos o conheciam), a sua «via crucis» de homem marcado pela Justiça. Afinal, a família, amargurada, conseguiu livrá-lo das garras da lei. O processo foi julgado nulo, Carlinhos foi posto em liberdade. Mas não se emendou. A «marijuana» havia tomado conta dele. Prosseguiu no vício e também no crime, pois, quando se encontrava «atuado», não se podia controlar. Não raro, tinha crises maiores, virava um demônio de audácia, arregimentava a força de dez homens. Mas nos intervalos, continuava bom e meigo, incapaz de qualquer violência. Tanto que a família não acreditava no que se dizia do filho querido: nunca o vira sob a ação do entorpecente!

A MACONHA MODELA AS GERAÇÕES NOVAS

O caso desse rapaz, de 20 anos, hoje integrado na legião dos marginais do Rio, é apenas um entre mil. A maconha, mais do que a miséria, tem lançado no crime as gerações novas. Os morros do Distrito Federal há decênios se apresentam celeiros de marginais, pessoas de profissão indefinida, que na Polícia se intitulam quase sempre «biscateiros», fazendo de tudo um pouquinho, mas que em realidade não fazem nada, ou quase nada honesto. Ou são pequenos rufiões, ou meretrizes de dez cruzeiros, bebem cachoça, aplicam pequenos golpes, são os criminosos coca-cola, os molandros sem grandeza. A maconha que circula barata pelos barcos é o incentivo dessa gente, destituída, por força da miséria ambiente, de quaisquer escrúpulos.

Basta fumar um cigarro da erva e eis o cordeiro transformado em leão. Nessas poucas horas de loucura deliciosa vingam-se da humanidade a que a vida os condenou. Da pele de pivetes desprezíveis, de sórdidos ladrões oportunistas e covardes, surgem os **Mauro Guerra** e os **Lilicos**. Esses pobres párias, na infância vermes de favelas, com as muletas do sonho alucinador, fazem-se gigantes, armam-se cavaleiros andantes do rebutalho do morro, tornam-se admirados e incensados, temidos e respeitados.

A maconha, não apenas as privações, não apenas o S.A.M., construiu esses lendários adolescentes sanguinários da última década, capazes de enfrentar metralhadoras da polícia com garruchas enferrujadas e de assaltar quartéis e matar sentinelas.

NO FUTURO SERÁ PIOR AINDA

O repórter, nas suas andanças e indagações, nem sempre coroadas de êxito, pelo mundo perturbador do crime e do vício, soube que a maconha que consumimos não vem toda de fora do Rio. O tráfico organizado com a cooperação de embarcadiços, tanto de navios mercantes nacionais, como de belonaves, que vêm do Norte, mostra-se já insuficiente, para atender à procura. E há também a questão do preço. Nos locais em que a «marijuana» cresce, compram-se partidas inteiras, por algumas centenas de cruzeiros. Aqui, com cruzeiros se transmutam em pelo menos dois mil, dependendo tudo, naturalmente, da cotação da praça.

Os «importadores» fortes, por isso, decidiram



Carlos Vidinha, rapaz de boa família, alucinado pela maconha, enfrentou 8 policiais.

se estabelecer em plantações de maconha aqui mesmo no Rio. Há sítios de Campo Grande e Jacarepaguá, em que homens se dedicam a plantar a erva da loucura. Por enquanto, estamos no terreno das experiências. Mas, em pouco, o comércio será incrementado, a erva descerá de preço, circulará livremente.

Ai, então, desse meninos de morros, que se preparam para conquistar o seu lugar ao sol! Crianças de dez e doze anos, já agora, tiram suas «fumaças». De futuro, serão viciados que irão conquistar o cetro do ex-tenebroso facínora «Zé da Ilha».

A perseguição ao maconheiro da rua é uma futilidade. O problema não é apenas policial — é social e político. Não é local, é nacional. Mister se faz que se coordenem dos Estados afetados para que sejam arrancadas do solo as plantações de maconha — e que se cominem penas severas, não apenas para quem vende, transporta, fornece a erva, mas para quem a planta.

Ou isso, ou dentro em breve teremos algumas centenas de adolescentes no noticiário dos jornais — e o culpado não será só o S.A.M. ...

Nesse apartamento é que se tiram as fumaças. Os viciados do «Bolero» sobem onde é. Fica no Leme.



"MARIJUANA"



PING-PONG

● **ELEAZAR DE CARVALHO**, o maestro brasileiro que as platéias do mundo inteiro já se acostumaram a aplaudir em sucessivas temporadas, teve uma infância difícil. Grumete, fuzileiro naval, desde bem cedo a música o encontrou. Como aquele outro grande artista egresso das fileiras da Marinha — José Pancetti, o pintor — Eleazar teve um dia a oportunidade esperada ansiosamente de estudar com seriedade a ciência da música, para a qual o berço tão bem o dotara. Uma viagem quase milagrosa aos Estados Unidos, uma audição com Serge Koussevitsky, e o jovem brasileiro descobriu a sua verdadeira vocação. Daí por diante, os severos estudos irão criando, ali onde outrora havia pouco mais que uma criança, o músico competente de hoje. Maestro, compositor, animador de nossa vida musical, através da Juventude Musical Brasileira, que fundou e dirige, Eleazar de Carvalho é digno de nosso respeito e admiração, pelo muito que tem feito pela maior divulgação do nome do Brasil.

ELEAZAR VIVE PARA A MÚSICA

EDUCAÇÃO, CULTURA E DISCIPLINA, ELEMENTOS QUE FALTAM PARA QUE O POVO POSSA OUVIR BOA MÚSICA ★ FÁ DE "TOM E JERRY", CARNE DE SOL ASSADA NA BRASA, E DE UM BOM CARRO ★ ACHA QUE A NOVA GERAÇÃO NÃO APRECIA OS CLÁSSICOS, E QUE O GOVERNO NÃO DÁ APOIO SUFICIENTE PARA A DIVULGAÇÃO DA MÚSICA ERUDITA

Entrevista de **SÉRGIO ANDRADE**



Com o grande pianista Jesus Maria Sanromã, c

Ping — E' bom ser maestro?

Pong — Dir-lhe-ei, no caso, como o Presidente Café Filho, quando disse que para ser Presidente, é necessário conhecer-se a tragédia do cargo. Assim, ser maestro é bom, mas...

Ping — Que falta, no Brasil, para maior expansão de música erudita?

Pong — Educação, cultura e disciplina.

Ping — A nova geração aprecia os clássicos?

Pong — Não.

Ping — O que representa a música para você?

Pong — Todo o meu mundo.

Ping — Arte e casamento podem se fundir?

Pong — Sim, quando há compreensão.

Ping — Os concertos populares atraem e incentivam o povo a ouvir boa música?

Pong — Sim.

Ping — Sua peça preferida?

Pong — Aquela que deverei reger no próximo concerto.

Ping — Acha que os clássicos brasileiros têm difusão nos países estrangeiros?

Pong — Não.

Ping — Seu prato predileto?





maestro Eleazar de Carvalho assina autógrafos, após um concerto. À direita, o músico brasileiro regendo a Orquestra Sinfônica de Boston.

Pong — Carne de sol, assada na brasa, com
pirão de jerimum e cambica de muri-
ci, para beber.

Ping — Seu livro e autor preferidos?

Pong — «Assim falou Zaratrusta», de Nietzsche.

Ping — Quem é a maior figura no cenário bra-
sileiro, presentemente?

Pong — Sem dúvida, Oscar Niemeyer.

Ping — Algum «hobby»?

Pong — Sim; andar a pé, decorando partituras.

Ping — Já pensou em formar uma orquestra
de concertos, sua?

Pong — Não. Já tenho a que dirijo, e estou sa-
tisfeito com ela.

Ping — Que faria, se soubesse que iria morrer
amanhã?

Pong — Trataria de pagar minhas dívidas, ho-
je, se pudesse.

Ping — Aproveita as 24hs do dia (ou da noite)?

Pong — Aproveito todos os minutos, quando es-
tou acordado.

Ping — Será inevitável um terceiro conflito
mundial?

Pong — Não sei. Esse assunto é complexo de-
mais para um ser humano.

Ping — As melhores coisas da vida?

Pong — Seria fastidioso enumerá-las.

Ping — Em quem votará, para Presidente da
República?

Pong — Ainda estou pensando.

Ping — Que falta, para que sua vida seja
completa?

Pong — Nada.

Ping — Que sente, quando rege uma orques-
tra?

Pong — Não sei, porque quando inicio a pri-
meira nota de uma obra, não posso
pensar ou sentir, mais nada, exceto o
que o autor sentiu, ao imaginá-la.

Ping — Sua diversão predileta?

Pong — Dirigir um bom carro.

Ping — A grande desilusão de sua vida?

Pong — Nenhuma. Sômente as comuns a todo
ser humano.

Ping — Trocaria a vida da metrópole pela bu-
cólica?

Pong — Com todo o prazer. E' um de meus so-
nhos.

Ping — Que é felicidade?

Pong — Uma coisa indefinível.

Ping — Dá o governo apoio suficiente, para a
divulgação de música erudita?

Pong — Não.

Ping — Recebeu algum prêmio?

Pong — Sim, mas o que considero maior foi a
compreensão de meu amigo, o dr. Ar-
naldo Guinle, ajudando-me, por oca-
sião de minha ida aos EE.UU., onde
iria me encontrar com Serge Kousse-
vitzky, fator importantíssimo para mi-
nha formação como maestro.

Ping — Que gostaria de ser, se não fôsse o
que é?

Pong — O que sou.

Ping — Enumere algumas das boas coisas da
vida?

Pong — Ouvir «O cravo bem temperado», de
Bach e a Nona Sinfonia de Beethoven;
Contemplar o quadro de Rembrandt,
«A ronda noturna», na Galeria Nacio-
nal de Amsterdam e a «Vênus de Mi-
lo» no Museu do Louvre; assistir «Ote-
lo» de Shakespeare, deliciar-me com
as graças de Oscarito, e não perder
um «Festival Tom e Jerry».

O BEIJO DE "EL DIABLO"

Ilustração de RAMÓN

Por BARBARA CARTLAND

(CAPÍTULO III)

PENSAVA que iria encontrar uma espécie de sala ainda menor e mais escura, mas encontrou-se num enorme salão, iluminado intensamente, pois os raios de sol, através de uma imensa abertura no cimo da rocha, vinham pousar, brilhantes e fúlgidos, no centro do salão. O chão estava coberto de esqueletos de animais, e a um canto havia um sofá, do qual levantou-se um homem, no momento em que a moça entrou. Era ainda mais alto do que julgara, embora seu rosto mais lhe confirmasse a primeira impressão — um rosto de ave rapina, poderoso, semissorridente, e de certo modo, ameaçador. Ali, diante dela, estava nada mais nada menos que El Diablo!

ÓDIO E PAIXÃO

Pensava agora nos beijos apaixonados e longos que lhe dera El Diablo, como se desejasse de uma vez por todas provar-lhe que era seu senhor absoluto. O amor, como é o encarava, devia ser igual ao dos invasores espanhóis, quando encontraram, no continente americano, as primeiras mulheres. Ao menos, ela assim imaginava.

Agora, seu prazo teria sido dilatado?

Sem perder tempo com outros pensamentos, e sem entrar em maiores discussões com a voz que tão veementemente lhe ordenava aquilo, começou a lavar o rosto na água fria.

— Espere, espere, senhorita: trar-lhe-ei água morna, enquanto toma seu café.

— Posso safar-me bem com água fria.

Afinal, já vestida, de luvas e tendo à mão o chicote, deixou a sala.

Um guarda esperava do lado de fora. Um só olhar de seus olhos escuros significou-lhe que ela ainda estava sob severa vigilância: pela janela, até onde podia enxergar, Skye viu cavalos que se aprestavam, enquanto homens, sob imensos sombreros, iam daqui para ali, observados por mulheres de pé no solar das portas. Tão distraída estava na contemplação de tal cena, que não percebeu quando o próprio El Diablo, que havia penetrado no aposento, aproximando-se de onde ela estava, perguntou-lhe em voz seca:

— Está pronta?

Estremeceu. El Diablo permanecia a olhá-la, e ela podia ver de perto o brilho maligno de seus olhos.

— Vou apenas beijá-la, disse El Diablo convictamente, acrescentando, ao notar um gesto de reação de Skye: Odeia meus beijos tanto quanto a essas coisas que nos rodeiam?

— Sim, odeio-os, e a você também.

— Vamos embora, comandou rapidamente, é muito cedo para dramatizações.

El Diablo indicou-lhe que devia deixar o quarto na sua frente, o que ela fez, de cabeça alta e sem dignar-se de lançar-lhe um só olhar. Porém, mal dera alguns passos do lado de fora, parou, súbitamente embaraçada: sua figura era o alvo de centenas e centenas de olhares.

UMA OPORTUNIDADE

El Diablo levou-a a observar os cavalos. Cavalgavam ambos em silêncio. Era quase noite quando chegaram a uma fazendola, onde, já sabedores os habitantes de sua chegada, lhes haviam preparado uma refeição. Skye olhou finalmente para El Diablo — um olhar frio e cheio de desprezo que teria feito um inglês ou um norte-americano estarrecer, mas que, nele, apenas provocou riso.

— Você não está cansada de olhar-me?

— Não. Hei de olhá-lo enquanto me restar um sópro de vida.

— De qualquer maneira, pode acreditar que há de ser uma batalha perdida.

— Talvez surja ainda alguma oportunidade, talvez os fados sejam compassivos comigo. E, na vitória, pode ter a certeza de que serei indulgente.

Skye falava com veemência. El Diablo tirou, num gesto elegante, seu chapéu de abas largas da cabeça.

— Um desafio de minha mais bela esposa! E eu o aceito.

Logo estavam de novo cavalgando. Agora, seis homens, fora El Diablo, constituíam a escolta de Skye. Súbitamente, um grito interrompeu sua frouxa e lenta cavalgada.

— Já-guá, já-guá!

Era um homem que os chamava. El Diablo mudou o rumo da pequenina comitiva, e foram todos em sua direção. Ao se aproximarem, viram que se tratava de um índio, e aparentemente não lhes era estranho, pois um dos homens do séquito murmurou-lhe o nome. Acenou com os braços, falando na sua própria língua (que Skye não pôde compreender), e o grupo o seguiu rapidamente, na direção de umas pedras. Skye ali viu, num relance de olhos, um homem tombado ao solo, pisado e ensanguentado como se tivesse sido atacado por um animal feroz. E então, compreendeu que, com El Diablo desmontado, e com todos os homens prestando atenção no moribundo, sua ocasião tinha chegado.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Quando cavalgava por uma campina, a jovem e bela Skye Standish é capturada pelo bando do temível bandido El Diablo, que deseja fazê-la sua mulher. Uma voz grave veio despertar Skye de seu profundo sono.

— El Diablo manda dizer a senhorita que dentro de 20 minutos a espera, para irem juntos cavalgar.

Skye sentou-se na beirada da cama, já livre de cansaço.

UM GRITO DE TERROR

Todos estavam de costas para ela, vergados sobre o corpo do homem ferido. Rapidamente, Skye virou seu animal e saiu a todo o galope. Quase no mesmo instante, todos os homens escutaram um brado de alarme. Olhando para trás, percebeu Skye que tinha sido vista a sua fuga, desde o primeiro instante. El Diablo em pessoa aproximava-se mais e mais de seu cavalo, muito menos ligeiro que o outro. Agora, já emparelhavam. Com pouco mais, e os braços de ferro do bandido a envolveram com vigor, arrancando-a da montaria. Não pôde reprimir um grito de revolta e de desapontamento. A força quase sobrehumana de El Diablo conseguiu tolher-lhe a fuga, arrastando-a de um cavalo em movimento como se fôsse uma pluma.

— Tolinha, disse ele, achou mesmo que escaparia de mim?

O sol, grande e avermelhado, ocultava-se por detrás de um enorme mar de grama, enquanto os pássaros começavam a fazer ouvir suas cantorias por todos os lados.

Por momentos ficaram um olhando para o outro, sem dizer palavra. A mão de Skye instintivamente procurou a gola de sua blusa. Sentia-se, naquele instante, como jamais se sentira em ocasião nenhuma de sua vida — como se estivesse completamente despida diante de um

estranho, que se divertia com o seu embaraço.

— Você deve estar tão cansada quanto faminta. Não quer lavar-se e descansar um pouco, para depois comermos?

Suas palavras eram bastante corteses. Mas novamente, à medida em que El Diablo a fixava, Skye se sentia tolhida.

A medida em que falava, El Diablo ia caminhando através da caverna. Skye o seguia. O bandido soergueu um reposteiro.

— Espero que a senhorita encontre tudo o que deseja, disse, cortêsmente. Após, atravesou a largos passos a soleira da porta, deixando-a sozinha, numa outra caverna, de feição quase circular. As paredes estavam adornadas com cocares e instrumentos de índios. Ao fundo, jazia um leito largo e comprido. O conjunto era incrivelmente belo. Por alguns momentos, Skye ficou a olhar para tudo, espantada como jamais estivera em toda a vida. Só então reparou que havia ali também uma bacia e um jarro, juntamente com uma toalha toda tecida a mão.

Rapidamente tirou a blusa, lavando não só o rosto e as mãos, mas também refrescando, com a água fria e estimulante, o busto e a cintura. Nada melhor, após uma cavalgada como haviam feito, estafante e inacabável.

COMO UM LORDE

El Diablo trocara por sua vez suas vestimentas costumeiras por uma camisa de seda, calças negras, também de seda, tendo acrescentado, em torno à cintura, uma faixa vermelha, que lhe dava um aspecto sumamente elegante. A mesa fora colocada no centro do aposento, e dois indígenas traziam com cuidado, por uma porta entreaberta, inúmeras iguarias.

— Tenho um cozinheiro francês, senhorita. Por isso, espero que tudo possa agradar-lhe.

A medida em que ia comendo, sentia que suas forças renasciam, à medida em que o cansaço a abandonava. E novamente lhe vinham a coragem e o ânimo necessários para lutar contra aquele estranho bandido que, no dizer de seus próprios sequazes, vivia como um lorde.

Enquanto comiam, não pronunciavam quase palavras.

— Você leva uma vida muito confortável nesse tugúrio, disse Skye irônica. Há muito tempo mora aqui?

— Há quase um ano. É minha casa, e, como os franceses e os espanhóis, não acho graça no desconforto; isso é para os ingleses.

(Cont. no próximo número)



E N E I D A

Enquanto coloco o papel na máquina e resolvo saudá-las nesta semana que lhes é dedicada, ouço o vozerio das crianças minhas vizinhas que vão saindo da escola. Por que compará-las com pássaros se o melhor é dizer que suas vozes e seus risos são mesmo de crianças e esta afirmativa embala e canta toda a beleza do mundo? Estas estão na escola. E as outras? Tantas e tantas que jamais viram um livro, que nunca saberão o valor das letras e a sonoridade das sílabas; e as que jamais terão para acalentá-las uma voz contando histórias; e as que não tiveram nunca, mãos afagando suas cabecinhas e as únicas palavras que ouvem é de irritação e desamor; e ainda as outras, aquelas que nunca souberam chamar mamãe, e as crianças de nascimento triste, abandonadas cedo, vivendo e crescendo em orfanatos e internatos, como se fôsse justo, privar as crianças daquilo que mais amam: a liberdade. Nisso sim, elas são irmãs dos pássaros. Tirar a liberdade de uma criança é como cortar as azas a um rouxinol. O vozerio e as risadas dos meus pequeninos vizinhos provisórios (sem eles a rua fica tão triste que um desassossêgo toma conta de mim. Sei quando é domingo pela falta que eles me fazem) levaram-





me agora a lembrar outras crianças; as coradas e bonitas que vi correndo e brincando no Parque de Luxemburgo, as tristes, opadas, barrigudinhas que vi enxafurdadas em lama, na Amazônia, o pequenino negro tão bonito de olhar tão doce que conheci há uns dois anos num horrível orfanato e que me chamou mamãe. Lembro as meninas alegres de uma instituição chamada «Nosso Lar» nesta cidade e outras meninas se fazendo mocinhas em outra casa intitulada «Abrigo Francisco de Paula». Lembro os meninos de tantas ruas do mundo por onde tenho andado, uns esfarrapados, outros sadios, uns sorrindo, outros chorando. Lembro as meninas do Educandário N.S. do Carmo, do SAM, tão cuidadas agora, tão limpas hoje, contando-me que quando crescerem serão esta pianista, aquela professora e todas desejando aprender a tocar acordeon.

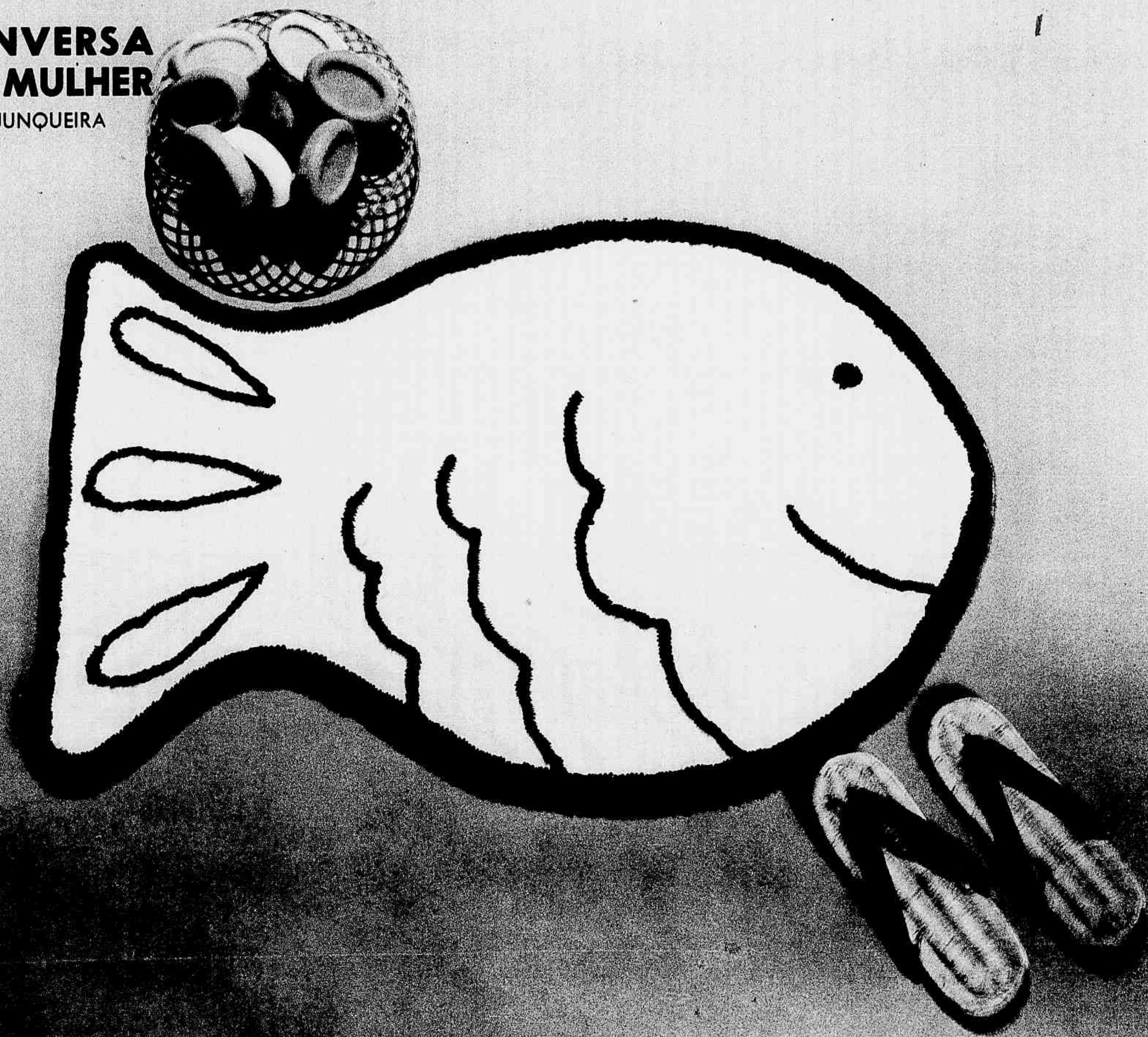
● Por que, quando fecho os olhos como hoje, nesta Semana da Criança, vejo tantos olhos, tantas bocas, tantos corpos pequeninos? Nem todos os olhares são felizes, nem todas as bocas sabem sorrir, nem todos os corpos têm saúde. Que estranho poder têm as crianças sobre mim para se gravarem assim em minha memória como se estivessem exigindo um comportamento, como se reclamassem minha participação ativa e vigilante em sua deusa? Estou com vocês, queridas, não desejando que sejam os homens e mulheres de amanhã, mas as crianças de hoje; estou com os pequeninos maltrapilhos e os pequeninos mal amados. Quero e desejo para todos o direito de serem crianças, de terem o direito de ir do vôo de uma mosca, de não mais acreditarem em fadas, de acharem que Gulliver é coisa de circo. Estou com vocês, brincando de roda, desejando que todos os jardins desta cidade se povoem de «plays grounds» para nossa alegria. Estou com vocês desejando que haja muitos jardins de infância, creches, hospitais, divertimentos e escolas, muitas e muitas escolas. Estou com vocês, mas sou criatura sem forças nem poder, só posso oferecer além da ternura imensa de meu coração, minhas mãos para substituir as mãos que lhes faltarem; são pobres e peçadas mãos, mas prometo que elas arranjarão especial suavidade para deslizar nos cabelos de vocês. Além de minhas mãos e de minha ternura, ofereço-lhes também minha voz tão rouca e tão feia mas que adquirirá um som muito doce para contar histórias:

— Era uma vez um mundo de crianças todas felizes. Um mundo de pequeninos sadios, alegres, brincando, estudando e crescendo.

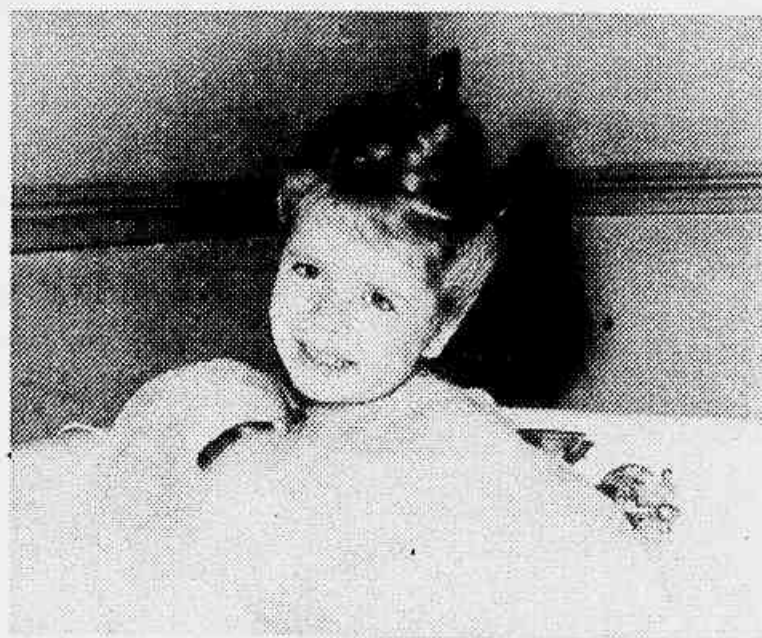
Não pensem que essa é apenas uma história banal; ela é muito mais do que isso, porque é o sonho, o desejo, a esperança que acalento em meu coração.

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA



A MENINA É VAIDOSA...



AS MENINAS têm tendência a vaidade e, principalmente, a imitar a mamãe nos seus cuidados de beleza. Compete a esta orientar a natural tendência infantil para a higiene e a limpeza no vestir, estimulando a criança a cuidar ela própria de sua boa apresentação e de sua roupa. Faça-a cultivar o gosto pelo banho que

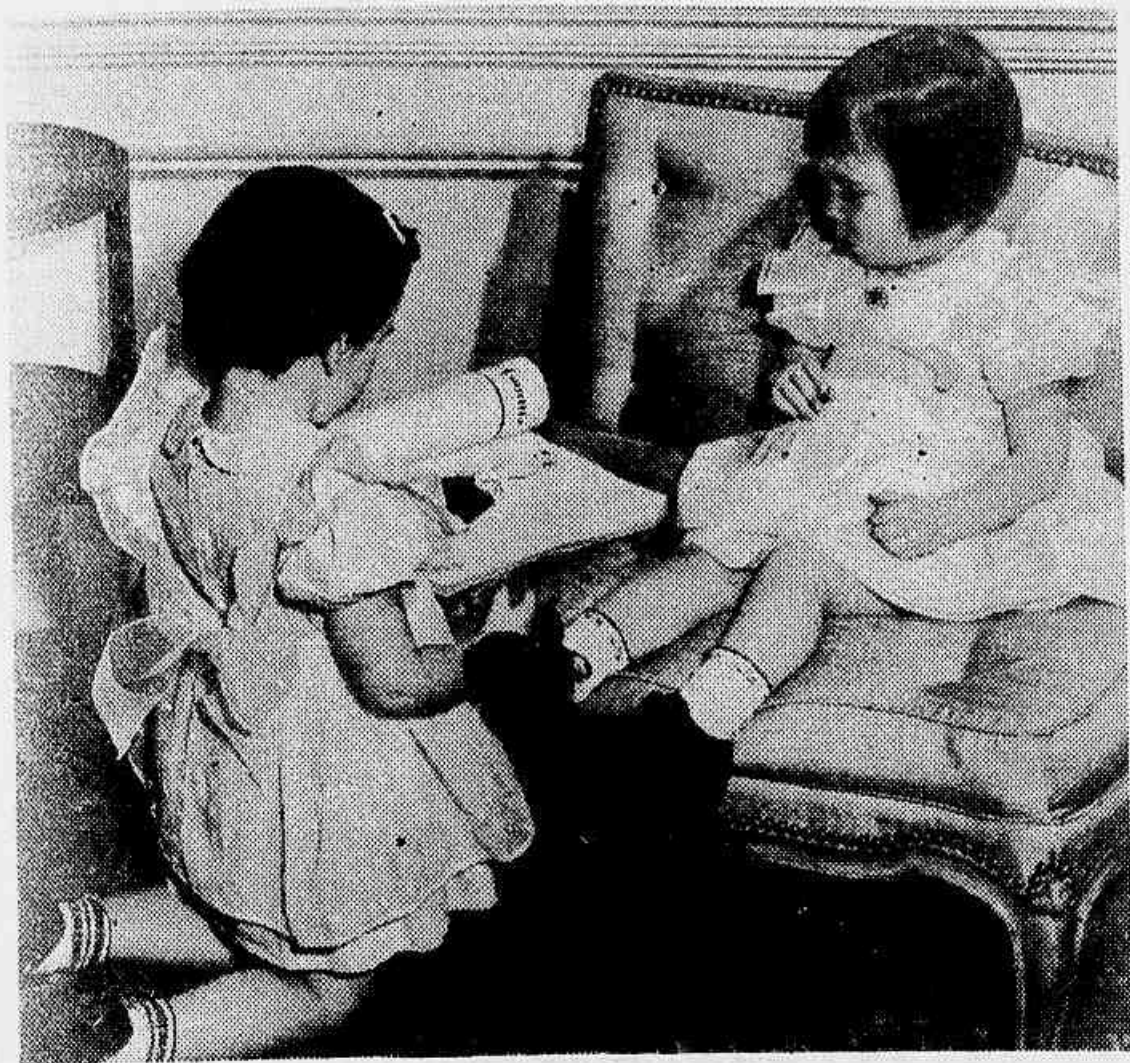
é o principal fator de higiene. Dê-lhe um sabonete suave, que ela conservará para seu uso exclusivo. Compre-lhe uma escova de esfregar as costas de feltro bonito e cor que lhe agrade. O banho de chuveiro diário é o mais saudável, porém, um banho de imersão uma vez por semana, com bastante espuma de sabão, também é recomendado. Esse banho deve terminar por uma ducha no chuveiro fria ou morninha.

Um bom talco é necessário para a higiene da menina, assim como escova de unhas e pente próprios. Ensine-lhe a escovar os cabelos para estimular a circulação capilar e deixe que se penteie como preferir. Uma permanente nas pontas pode ser feita se a garôta tiver os cabelos demasiadamente lisos. Quanto ao mais... cuide você mesma de sua beleza que sua filha seguirá fatalmente o seu exemplo.

PARA O QUARTO DO SEU BEBÊ

● Com um pouco de habilidade — e qual a dona de casa que não tem essa qualidade? — você poderá executar rapidamente esse interessante tapetinho para o quarto do bebê. O melhor é desenhar o peixe numa folha de jornal e depois cortá-lo no tecido esponja. Faça-o com 1 metro de comprimento por 50 cm de largura. Borda-o em ponto cadeia, com linha muito grossa. Debrue com lonita na mesma cor da linha usada para o ponto de cadeia. Para que o tapetinho se mantenha sempre esticado faça-o com tecido esponja de um lado e do outro e no meio lonita. Pode usar uma cor para um lado e outra diferente para o outro, obtendo, assim, duas vistas. Amarelo e verde marinho, branco e negro, branco e vermelho, rosa e branco... são algumas sugestões bonitas para a cor do peixinho.

DIREITOS DA CRIANÇA



NESTE MÊS de outubro, destinado a homenagear a criança, não podia ser mais oportuna a transcrição da **Declaração dos Direitos das Crianças** que nos chega às mãos num interessante folheto da UNESCO. Essa declaração foi feita em Genebra lançando as bases para um maior amparo à infância em todo o mundo. Faz parte do grande esforço para a paz social, já que as crianças de hoje governarão o mundo de amanhã.

★ — «A criança serão dados os meios para o seu desenvolvimento normal, tanto espiritual quanto material;

★ — A criança que tem fome será alimentada, a doente será medicada, a retardada será amparada, a desviada será reconduzida ao caminho do bem, a órfã receberá acolhida;

★ — Em casos de desgraça a criança será a primeira a ser socorrida;

★ — A criança será orientada para poder se sustentar e será protegida contra qualquer forma de exploração;

★ — A criança será educada de forma a se convencer de que suas aptidões serão postas ao serviço dos outros seres humanos».

Week-end na cozinha

PONCHE INFANTIL

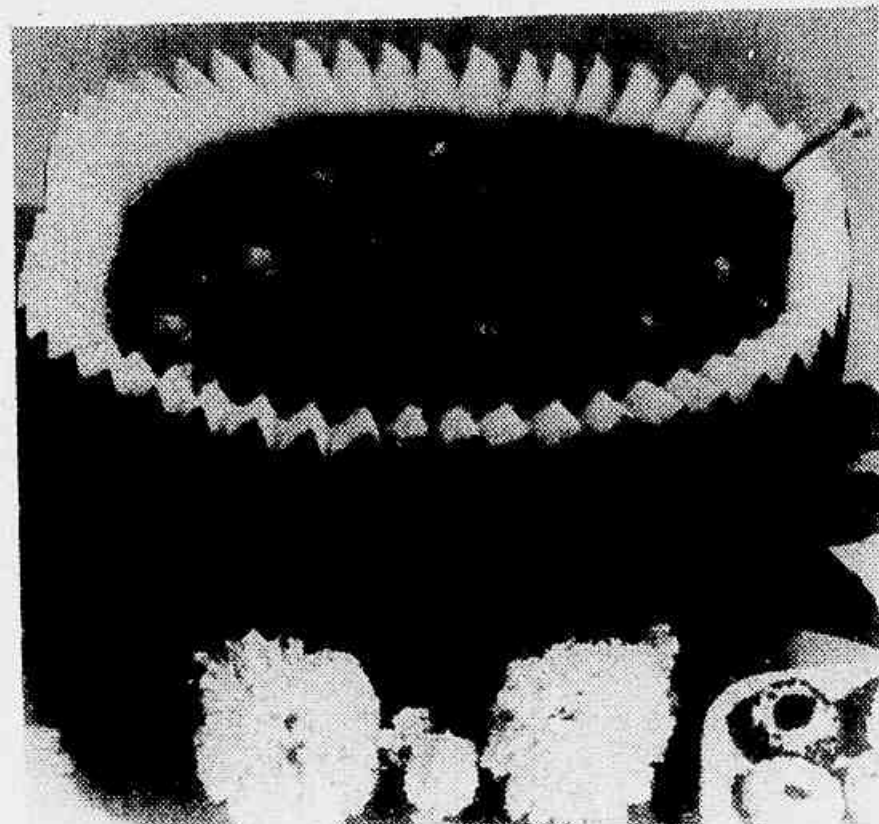
● Você imaginou a alegria da criançada quando aparecer na mesa de festa este ponche servido dentro de MELANCIA de verdade?

Primeiro prepare a melancia: corte-a um pouco acima da metade, no sentido longitudinal, de maneira a ter um recipiente como se fôsse uma cuia. Tire o recheio e apare as bordas em

serra, como na fotografia. Guarde na geladeira e só ponha o ponche dentro na hora de servir.

Este deve ser preparado à parte numa tijela. Misture: um litro de limonada, uma garrafa de guaraná, a polpa da melancia (sem os caroços) passada no liquidificador (corte rodela de uma parte da polpa e reserve para pôr em cima do ponche, boiando).

Sirva geladinho em xícaras de vidro.

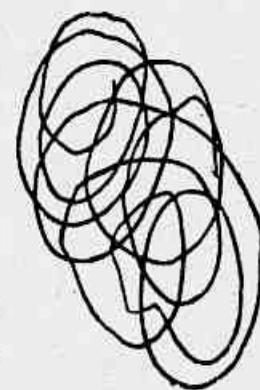


UM TESTE PARA OS PEQUENINOS

● Provavelmente você já observou seu filho desenhando, o que acontece todas as vezes que se vê com um lápis entre os dedinhos. Os rabiscos que faz podem lhe parecer sem importância... porém, ao contrário, constituem dado preciosíssimo para saber se a criança está "crescendo mentalmente" de forma normal.



1 — A mania dos rabiscos começa com 2 anos a 2 anos e meio. A criança tem a mão incerta, ainda, e por isso traça apenas um conjunto de linhas desordenadas, de maneira instintiva. Tem preferência pelas retas.



2 — Pouco a pouco a mãozinha se torna mais segura e a criança se orienta para as linhas curvas, formando um emaranhado delas. Isso acontece lá pelos 3 anos de idade.

3 — A primeira figura humana é rudimentar. Tem só cara e pernas. Não é que a criança não haja notado também o tronco e os braços, mas estes se apresentam em tão variadas posições que ela não sabe como representá-los. Estão lá os olhos e a boca, porém, o nariz nem sempre. Quando muito sob a forma de um traço vertical. Como poderia não desenhar os pés, para a criança parte importantíssima do seu corpo, que o leva para onde quer ir? Esse é o desenho típico dos 3 anos e meio a quatro anos.



4 — Com 4 anos e meio encontra uma solução para representar o tronco: oval ou triangular; e para os braços, mãos e dedos que variam de três a sete.



5 — Com 5 anos, às vezes desenha o rosto de perfil. Achará talvez necessário colocar os dois olhos. Como sabe que o nariz está no meio entre os olhos, não titubeará em fazer um outro além do de perfil. A forma do tronco melhorou muito...



6 — Com 5 anos e meio completa seu estudo do corpo humano, desenhando-o de forma rudimentar, porém completa e coerente. Até então a criança desenhava mais de imaginação, como pensava, e de agora em diante começa a desenhar como vê.





A caminho de Recife a caravana da beleza.

O VÔO DA BELEZA

● A par dos acontecimentos desagradáveis dos nossos dias; da condução, que, cada vez mais escasseia; do problema sucessório e até mesmo dos nossos próprios problemas, a vida tem os seus ângulos agradáveis. Um rosto bonito de moça nos enleva, faz-nos esquecer a terra, a vida, transforma corações de pedra em corolas de rosas, ofusca-nos a vista, dá-nos força, audácia, cria «D. Juans» que, infelizmente, na nossa época, terminam na cadeia...

Talvez um leitor mais indiferente queira replicar as nossas assertivas e, a ele, perguntaremos se já teve oportunidade de se deparar, frente a frente, com belidades do quilate de Elvira da Veiga Wilberg, para citarmos apenas um exemplo. E foi com belezas desse estilo que nos ocupamos recentemente, quando cerca de 5 «misses» e uma rainha partiram desta capital

com destino a Recife, a fim de assistirem ali a abertura dos «JOGOS INFANTIS».

As «misses» que participaram da viagem rumo à Veneza brasileira, efetuada em avião do Lóide Aéreo, foram as seguintes: Sinei Billic (Maranhão); Vilma Sozzi (Paraná); Avani Moura (Cinelândia); Elvira da Veiga Wilberg (Distrito Federal); Ingrid Schmidt (Estado do Rio) e mais a elegantíssima Lígia Maria da Cunha, Rainha da Primavera. No aeroporto Santos Dumont, antes do embarque, as deidades viram-se atezadas durante alguns instantes por um grupo de indiscretos repórteres... Elas, porém, compreendendo a nossa missão, certamente já nos perdoaram os pecados, o que muito agradecemos. Nesta página publicamos alguns expressivos flagrantes do concorrido embarque no Santos Dumont.



Elvira da Veiga Wilberg, sinônimo de beleza.



Antes da partida, uma pose para os fotógrafos.

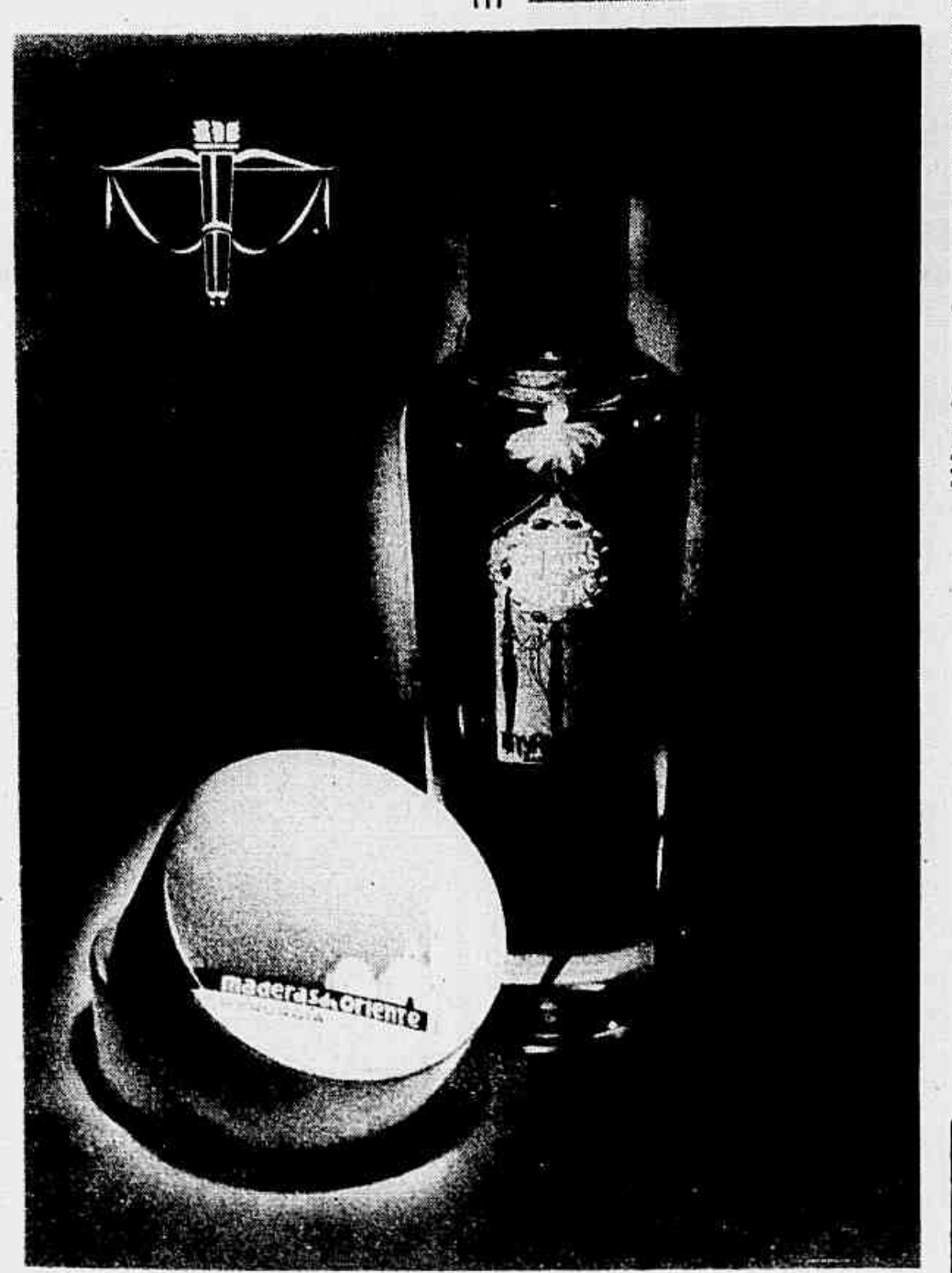


Da esq. para a dir.: Lígia, Ingrid, Avani e Sozzi.

Conferem distinção



- EXTRATO
- AGUA DE COLÔNIA
- SABONETE
- ROUGE



- PÓ DE ARROZ
- LOÇÃO

MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA

Com José Lins do Rêgo

O FLAMENGO ENTROU PARA A ACADEMIA

«CHEGA DE PAU-DE-ARARA», DISSE GUILHERME DE ALMEIDA. E O POETA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: «O DOCUMENTO ERA BRINCADEIRA, MAS BRINCADEIRA PARA SER CUMPRIDA.» ★ JOSÉ CONDÉ EUFÓRICO COM A ELEIÇÃO DO «CANGACEIRO» ★ MARQUES REBELLO DEU TRÊS GARGALHADAS E DITOU MUITO VENENO PARA O REPÓRTER ★ OPINAM VÁRIOS ESCRITORES, EM SUA MAIORIA, FELIZES COM A RENOVAÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Reportagem de VINÍCIUS LIMA

JOSÉ LINS DO RÊGO, Dinah Silveira de Queiroz, Marques Rebello, Alvaro Lins, Gastão Cruls, Carlos Drummond de Andrade e Otávio Tarquino de Souza, assinaram, em 1943, na redação da «Revista do Brasil», dirigida por este último, um documento pelo qual assumiam o compromisso de nunca aceitar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Decorridos 12 anos, Álvaro e José Lins se candidataram e foram eleitos para a Casa de Machado de Assis. Por isso mesmo o redator destas linhas procurou ouvir as opiniões de vários escritores a respeito do assunto, tendo antes tentado localizar o importante documento. Como era natural, o ponto de partida foi Otávio Tarquino de Souza, que nos disse com evasivas **que nem sabia ao certo onde o documento se encontrava**. Mas o escritor Gastão Cruls afirmou ao repórter que, no dia da eleição de José Lins do Rêgo, Otávio Tarquino tinha o «testamento» nas mãos, chegando mesmo a perguntar a Carlos Drummond se se tratava de uma brincadeira, apesar das assinaturas terem sido reconhecidas em cartório. Carlos Drummond teria então respondido: «Brincadeira, foi, mas trata-se de uma dessas brincadeiras que se cumprem».

E lá se foi o repórter a procura de Carlos Drummond de Andrade que nem confirmou nem desmentiu a história, limitando-se a sorrir, e recusar em seguida uma entrevista a respeito do assunto, alegando cortêsmente não achar oportuno conceder entrevistas, simplesmente por-

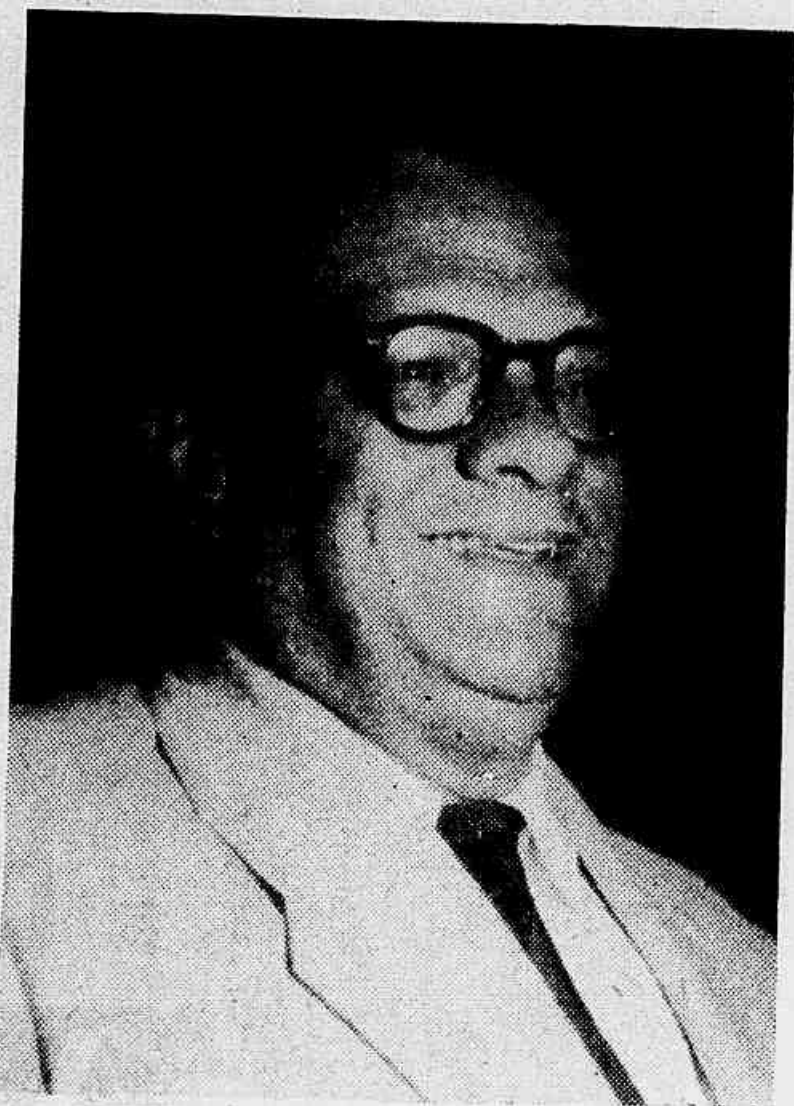
que não entrou para a Academia, não matou, não roubou, e também não publicou livro. O repórter insistiu, mas Carlos Drummond nem fotografias permitiu, explicando ser avesso à publicidade. Então contamos ao grande poeta a história de um telegrama passado pelo editor José Olímpio ao poeta Guilherme de Almeida, autor dos péssimos diálogos do filme «Sinhá Moça», no qual esse animador das letras nacionais solicitava mais um voto para José Lins do Rêgo. E a resposta foi esta — disse o repórter a Carlos Drummond: — «Não! Chega de paus de arara».

Carlos Drummond riu mais uma vez e falou: «Olhe aqui, eu também sou jornalista. Se eu responder já estarei concedendo a entrevista. Agora, se quer conversar, vamos».

Mais uma vez atacamos:

— Muito obrigado, mas foi uma indignidade, como aliás acentuou José Condé, a resposta de Guilherme de Almeida, não acha?

Carlos Drummond de Andrade olhou para o jornalista e em vez de uma, pôs não apenas uma, mas um monte de pedras no caminho do repórter, com esta resposta final: «Não adianta, falemos de outro assunto, de suas reportagens, por exemplo...» E como havia um monte de pedras no caminho do repórter, tratamos de procurar um caminho que não tivesse pedras, mas um espinho: Marques Rebello, que assim se expressou:



JOSÉ LINS DO RÊGO AO REPÓRTER

«Minha eleição para a Academia constitui o maior sucesso de minha vida literária. Fui escolhido pelo que há de melhor na Casa de Machado de Assis, embora não me exasperasse com os votos contra. Os que não quiseram votar em mim, fizeram muito bem. Cada um tem a sua opinião a defender e a afirmar. Perguntou o repórter a José Lins se era verdade o propalado telegrama de Guilherme de Almeida, no qual o poeta teria dito em resposta a José Olímpio, que lhe solicitara o voto para o entrevistado: «Não. Chega de paus de arara».

José Lins achou graça e respondeu: «Nada sei sobre isso, exceto que, procurando-o em S. Paulo, ele me perguntou para qual escrutínio eu iria me candidatar, porque ele desejava mandar-me o seu voto. Como vê, nada sei sobre a propalada declaração do poeta Guilherme de Almeida».

Fizemos mais uma pergunta ao mais fértil romancista brasileiro: E sobre o fardão? Já mandou confeccioná-lo?

— Não. É praxe os Estados a que pertencem os novos acadêmicos oferecerem os fardões. Não quero aceitar do meu Estado, mesmo porque é um Estado pobre. O Flamengo já me ofereceu, mas minha tendência é aceitar a oferta dos israelitas, que foram os primeiros a me procurar. Tenho outros oferecimentos, mas é cedo ainda, porque a minha posse só se dará após a de Alvaro Lins.

— Tem algum plano de renovação, alguma idéia?

— Não, não porque ainda não sou da Academia.

— E sobre o documento assinado em 1943...

— Já falei muito disso. É assunto superado e os jornais já publicaram a minha opinião.

MARQUES REBELLO



● Em 1943, quando se fundou a B.B.D.E., numa das reuniões da diretoria fundadora, dos 10 «camaradas» presentes, na redação da então «Revista do Brasil» dirigida por Otávio Tarquino de Souza, veio a baila o assunto «Academia», motivado se não me engano, pela recente eleição de um novo membro. Então, foi firmado entre os presentes uma espécie de documento, pelo qual os signatários declaravam jamais aceitar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Dois deles no entanto — Álvaro e José Lins — são atualmente membros daquela casa. Foi brincadeira? Certamente que foi... Ou será que a idade pesou sobre esses ilustres homens de letras e veio mostrar que a Academia não é tão feia como se pinta?

Seria até excelente para a Academia que cada cretino que morresse fosse substituído por um homem inteligente. De maneira que só podemos louvar o ingresso do grande romancista do Nordeste na Casa de Machado de Assis, só lamentando que a sua votação não tenha passado de 22 votos, o que confirma a excelência do novo membro, e a mediocridade de quem nele não votou, isto porque, por mais que sejamos livres em matéria de votação, entre os candidatos inscritos, não poderia haver dúvidas.

Já que estamos falando de Academia, seria interessante lembrar certo conto de Machado de Assis, que é o pai da casa. No conto em apreço, Machado fala numa certa Academia de São. Esse conto, na minha opinião, deveria ser uma espécie de prece matinal para os acadêmicos e principalmente para os «namorados da Academia», que são muitos e desvairados. Nesse conto, o inextinguível mestre fala de uma instituição semelhante a que fundou, e que em conjunto era a luz do saber, o farol do mundo, mas que, vista através de cada membro,

já não tinha o mesmo fulgor, porque, cada qual, sem exceção, era uma refinada cavalgada.

A Academia Brasileira de Letras, de maneira alguma, é semelhante a Academia de São, no que respeita aos seus membros, individualmente, já que nela há pelo menos uma meia dúzia de valores excepcionais; mas, do ponto de vista de corporação, é perfeitamente «siamesa». Jorra luz e saber para todos os cantos. E o que é mais de lamentar nela é essa suficiência oficial.

Detendo em suas mãos o direito de fazer uma enciclopédia, um dicionário e uma ortografia, até hoje nada fez. E a ortografia que ela assinou de cruz com os seus colegas portugueses?

E' simplesmente uma vergonha, pois nem na comissão enviada a Lisboa, «nem no seio da augusta comissão, havia um único estudioso de lingüística, tanto assim que a ela foi anexado um filólogo mercenário. E o que é pior: a Academia não tinha a menor noção do assunto. E tanto é verdade que escolheu o pior dos filólogos.

Por causa da Academia ter entrado num assunto para o qual não tinha competência, até hoje temos essa balbúrdia ortográfica. Ora, se em vez de escolher para seu seio a fina flor do idiotismo nacional resolvesse ela eleger figuras do porte de Zé Lins Esporte Clube, Álvaro Lins, Bandeira e mais meia dúzia dos que lá estão, é possível que viesse a exercer aquele papel de farol, da sua congênere do São. Então, teríamos uma ortografia decente, feita por técnicos e pessoas esclarecidas; também o dicionário, que ela começou em melhores tempos, e não sei bem se parou na palavra «asno»... ou «burro».

A Academia poderá igualmente dirigir uma Enciclopédia Brasileira, que lamentavelmente não temos; enciclopédia que deveria ter o cuidado de não assinalar os nomes de todas as apagadas figuras que já pertenceram ou pertencem à Academia Brasileira de Letras porque, afinal de contas, devemos ter respeito pelos livros de cultura.

A eleição do sr. Zé Lins será um incentivo para aqueles que se dedicam às letras. O diabo é que já estão ameaçando para a próxima vaga, um cavalheiro que jamais se dedicou às letras.

JOSÉ CONDÉ



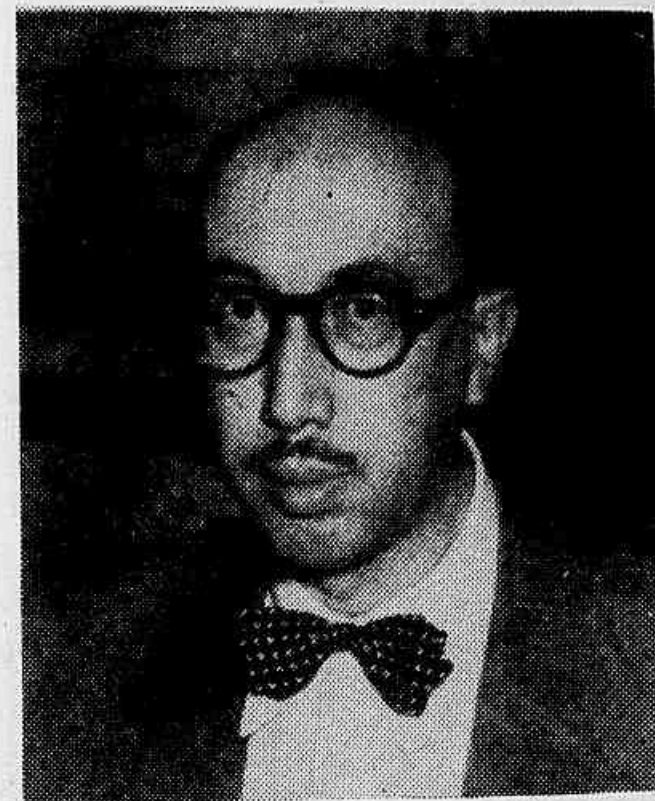
● «Acho que a escolha de José Lins do Rêgo foi muito justa por duas razões: A primeira, é que, depois de Machado de Assis, que foi o fundador da Academia e que é hoje seu patrono, o autor de «Menino de Engenho» é o maior romancista brasileiro que ingressa na imortalidade; depois, porque Zé Lins certamente contribuirá de maneira decisiva, ao lado daqueles que já estão na Casa de Machado de Assis e que encaram esse mesmo objetivo, para a renovação da Academia, e para dar à vida literária brasileira uma atuação que em verdade a Academia não teve, e deveria ter. Precisamos de novos, como José Lins do Rêgo, dentro do «Petit Trianon».

Perguntamos a Condé o que achava de certa declaração do poeta Guilherme de Almeida, respondendo a um telegrama do editor José Olímpio

que pedia seu voto para Zé Lins do Rêgo. Eis a resposta:

«O sr. Guilherme de Almeida fez uma declaração «cretina», ao afirmar que não votaria em Zé Lins do Rêgo porque já havia muito «pau de arara» na Academia. Cultura não tem região, meu caro».

SIMILÃO LEAL



● Nunca participei daquele substancial chá das quintas-feiras, mas fico um pouco preocupado que este refúgio tranqüilo e amável, tão benéfico para alguns acadêmicos que ainda lá estão, vá sofrer algumas modificações com a presença destes dois paraibanos: Assis Chateaubriand e José Lins do Rêgo, cangaceiros confessos que são. Mas que vai ser saudável, vai...

— Poderia fazer uma apreciação sobre o discutido documento assinado por Zé Lins e outros?

— Isto vem demonstrar que a Academia e Zé Lins mudaram; no bom sentido, evidentemente.

E' verdade que para o nosso grande romancista e sofredor do Flamengo, os «Moinhos de vento» estão cada vez mais se perdendo na distância ao passo e que vai surgindo, muito discretamente, aquela tão desejável e acolhedora «ilha» com muita sombra e água fresca. A Academia de Letras demonstrou mais uma vez, com a inclusão de Zé Lins entre os seus membros, uma séria e esclarecida orientação.

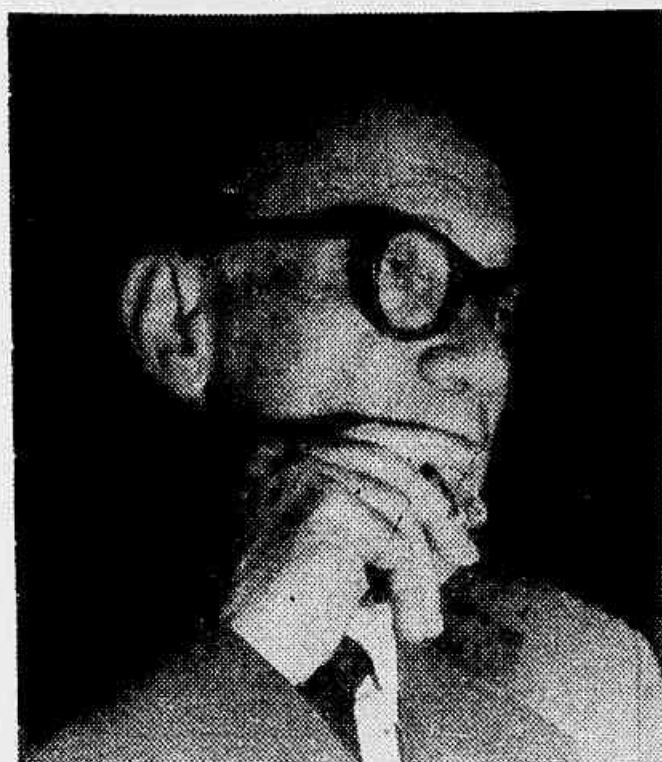
Que continue agindo desta forma e terá de todos que nos interessamos pela literatura, o aplauso e o respeito. A Academia de Letras só terá que lucrar com o dinamismo de José Lins que, necessariamente, irá contribuir cada vez mais para a intensificação de suas atividades culturais.

ANTÔNIO CALADO



● «Só me espanta que a escolha de José Lins do Rêgo não fosse por unanimidade. Sobre o documento assinado pelo novo imortal e vários outros escritores, o José Condé, há tempos, censurou o sr. Álvaro Lins, também signatário do referido documento, por ter-se candidatado à Academia Brasileira de Letras. Acho porém que ambos têm licença para mudar de opinião depois de todo esse tempo».

JAIME ADOUR DA CÂMARA



● «A eleição de José Lins do Rêgo para a Academia Brasileira vem reafirmar o espírito de renovação da Casa de Machado de Assis. Depois da rebeldia de Graça Aranha, os modernistas tomaram de assalto as poltronas do «Petit Trianon». Depois de Zé Lins, outros da mesma geração, serão chamados».

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



LOLOBRIGIDA SUL-AMERICANA, eis como é chamada em seu país, a Venezuela, a bela atriz Lua Manóia, que aqui é vista em um bar de Roma, envergando seu costume habitual: nada mais nada menos que um traje de havaiana...

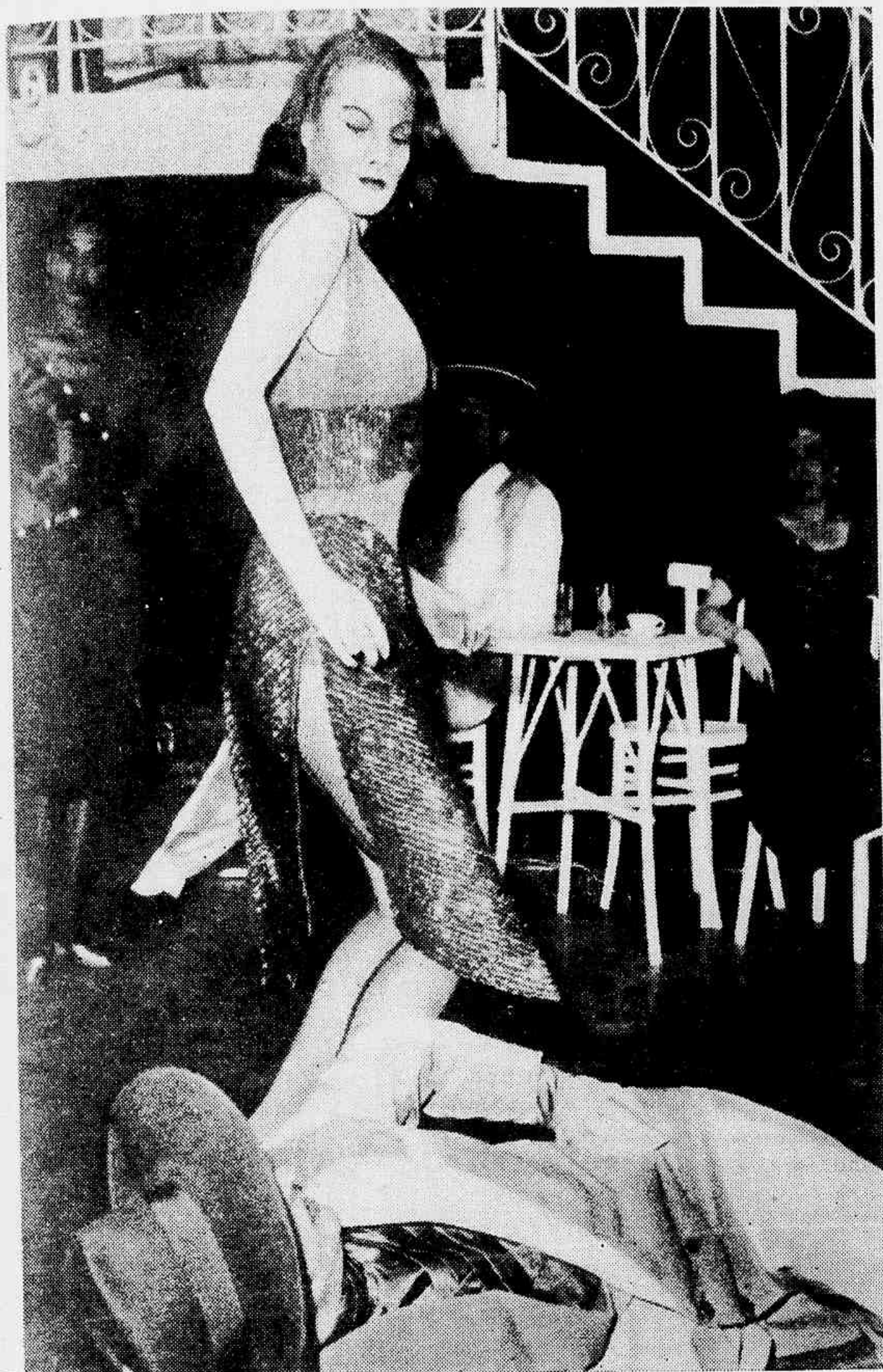
COM O CAFÉ-SOCIETY em tanta evidência, falemos de Elsa Maxwell, mestra dos ibrahims do mundo inteiro. Ela está conversando com o príncipe Ali Khan, num baile, como contribuição pro-Cruz Vermelha em Montecarlo.



POUCA GENTE sabe que Joan Fontaine nasceu em Tóquio, no Japão, em 1917, sendo irmã de uma outra atriz, Ollivia de Havilland. Joan presentemente está na capital inglesa, filmando ao lado do prestigioso ator Van Johnson um argumento, sobre a direção de Gottfried Reinhardt.



A MAIOR PÉROLA natural do mundo, pescada numa ilha do Pacífico, e sua feliz possuidora. Pesa 1.191 gramas, e foi apresentada com tremendo sucesso na Grande Exposição de Jóias, recentemente realizada nos Estados Unidos. Seu valor, segundo afirmam os peritos, é incalculável.



SILVANA MAGANO EM UMA CENA de seu último filme, dançando um endiabrado mambo. A estrêla Katherine Dunham, que também toma parte no filme, foi, na vida real, a professora com que contou a simpática Silvana para iniciar-se nos segredos da difícil dança centro-americana.



ESSE PEQUENINO admirador do famoso Buffalo Bill munuiu-se do rifle que um policial lhe emprestou, colocou no alto da cabeça o célebre chapéu de pele de castor e saiu valentemente pela rua a fora, em busca de aventuras sensacionais. Bem, parece que se esqueceu de alguma coisa...



DOIS DOS MAIORES artistas de nossa época, o pintor Pablo Picasso e o poeta Jean Cocteau, inseparáveis amigos há quase 40 anos, aqui aparecem em Vallauris, Côte d'Azur, assistindo a uma corrida de touros ali realizada. A esposa de Picasso fugiu, deixando-lhe dois filhos pequenos.

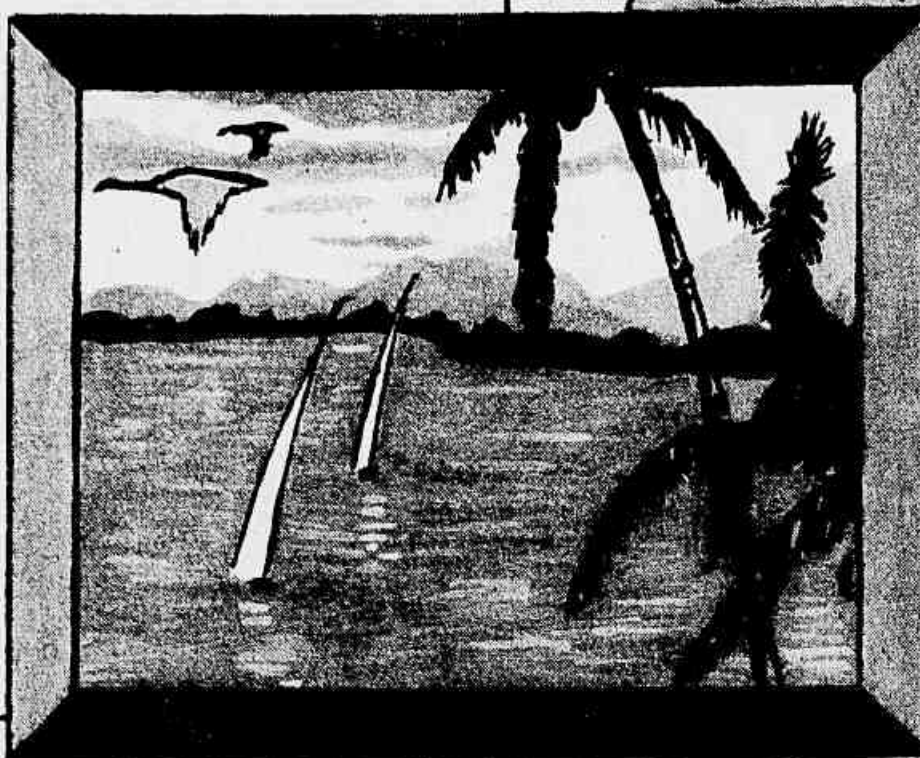


NO FILME que está terminando, baseado no «CID» de Corneille, a atriz Anna Bandimarte envergará esse traje, que pesa quinze quilos. Anna vem interpretando a principal heroína feminina dessa peça em todos os palcos da Itália, com êxito sempre crescente. Agora, o cinema a descobriu.

LOTEAMENTO CIDADE BEIRA-MAR BARRA DE SÃO JOÃO

NA MAIS
LINDA PRAIA
NO MELHOR
PONTO TURISTICO
DO EST. DO RIO

CONTINUAÇÃO DA PRAIA DE
CABO FRIO



VENDAS E INFORMAÇÕES

CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.

COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)

TELEFONE: 32-9933

Horário: 9 às 18 horas (inclusive sábados)

Domingos: das 9 às 12 horas.



PRESTAÇÕES A PARTIR DE

CR\$

70,00
MENSAIS

MATAS • PRAIA

CAÇA • PESCA

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS:

- ★ Pagamento em 100 meses
- ★ Sem entrada e sem juros
- ★ Condução farta: diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
- ★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
- ★ Construção livre — Posse imediata.
- ★ Caça e pesca abundante.
- ★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 8 E 14 DE
OUTUBRO DE 1955 (HEMISFÉRIO SUL)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Seu astro não lhe promete grandes coisas para a semana entrante. Conte-se com o que conseguir, pois haverá dificuldades até mesmo na solução de pequenos compromissos. Os piores dias serão 8, 10, 12 e 14.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — O novo período favorecerá a saúde, a reconquista de posições, o restabelecimento das amizades e das relações e o reencontro do que se houver perdido. Os negócios correrão normalmente e darão bons resultados.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — As viagens estão no primeiro plano das boas astra-lidades da semana, seja qual for o meio de condução. Os negócios não oferecerão larga margem, é certo, mas não provocarão transtornos nem prejuízos.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Omita-se nas reuniões, tanto sociais como familiares. Sua «entourage» o provocará, dando lugar a possíveis escândalos e a desentendimentos de certa gravidade. Os piores dias da semana serão 8, 9 e 12.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Todas as atividades paralelas à profissão darão bons resultados no curso da semana. O leitor poderá especular até mesmo nos domínios da política, com segurança de êxito.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O clima astral da semana favorecerá os negócios novos, a constituição de sociedades comerciais ou industriais e a inauguração de estabelecimentos. Não servirá, porém, para o início de viagens, especialmente pelo ar.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O leitor terá grandes facilidades na obtenção de créditos e da cooperação de estranhos, nos seus negócios. Fuja dos parentes, durante a semana, a fim de evitar contrariedades e prejuízos.

- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Os influxos astrais, durante a semana em pauta, serão de natureza mista, resultando, por isso, desfavoráveis, no seu caso. Não tente algo de importância e tenha muita prudência no que fizer.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Ninguém recebe os favores do céu sem merecê-los. O leitor estará nesse caso, no curso da semana entrante. As favorabilidades são grandes. Não espere, porém, o que estiver acima dos seus próprios merecimentos.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O novo período será muito favorável à emissão de títulos e à assinatura de documentos. Favorecerá, igualmente, as operações de compra e venda a termo e os negócios imobiliários.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O que for empreendido, no curso da semana, com propósito de lucros, não dará resultado. Adie, portanto, qualquer iniciativa de ordem comercial ou industrial. Os piores dias para negócios serão 9, 11 e 13.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O novo período será fasto para as iniciativas. Os seus empreendimentos estarão bem astralizados e encontrarão um caminho inteiramente livre de obstáculos. A ascensão será das mais fáceis.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro, 8	—	Juvêncio	—	Joanita.
" 9	—	Deraldo	—	Estefânia.
" 10	—	Rogaciano	—	Eulina.
" 11	—	Bertoldo	—	Eudacília.
" 12	—	Custódio	—	Ismênia.
" 13	—	Juvenal	—	Ismália.
" 14	—	Eudoro	—	Altina.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Outubro, 8	Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich		
" 9	14° 25' 44"	(Signo da Libra)	
" 10	15° 24' 59"	(" " ")	
" 11	16° 24' 17"	(" " ")	
" 12	17° 23' 37"	(" " ")	
" 13	18° 23' 00"	(" " ")	
" 14	19° 22' 24"	(" " ")	
	20° 21' 51"	(" " ")	

AS OPINIÕES DE UM SOCIÓLOGO



● Reginaldo Nunes, autor de «Capítulos de História e de Sociologia», que por essa obra de mais de quatrocentas páginas (Livraria José Olympio editora) mereceu o prêmio Joaquim Nabuco para Sociologia e História em 1954, escusando-se de responder ao questionário sintético desta revista, enviou-nos contudo, em carta, suas opiniões sobre os temas do inquérito. São suas idéias que aqui vamos deixar, cedendo a ele o espaço desta crônica semanal. Apreciamo-las:

«Peço-lhe desculpas pela recusa em responder à sua «entrevista-relâmpago». Ela iria desnecessária e, inutilmente, implicar-me com um mundo de pessoas, todas grandes, quando não na alheia, pelo menos na própria estimativa. Por que hei-de eu contestar-lhes a eminência a que se julgam com direito, hierarquizando-as a meu modo — eu que não tenho autoridade em letras para uma reclassificação dessa natureza? Romances? Não os leio há muitos anos. Falta de tempo. Poesias? Tão pouco as tenho lido ultimamente. Falta de gosto. Não quero com isto dizer que a poesia morresse para mim. A poesia não morre para ninguém. Toda gente é sempre mais ou menos poeta.

Uns, escrevendo. Outros, sentindo. Mas, como não entenda nem sinta a poesia de nossos dias, que da verdadeira poesia só conservou os versos — quero dizer as palavras dispostas em linhas — mas sem rima, sem ritmo, sem métrica, nem sentido espontâneo — verdadeiro esoterismo de escola para um grupo de iniciados — eu, que não sou iniciado, prefiro não perder tempo em decifrá-la. Estou certo de que a insuficiência é minha e não dela. Posto que às vezes entre em dúvida neste particular, ao considerar se seria possível a um novo Dante escrever em tais versos outra Divina Comédia. Para mim, a poesia tem que ser como o amor sentida de pronto e diretamente, sem convenções ou intermediários. Não sendo assim, não é poesia: é charada. Não sou, nem nunca fui candidato, ainda que potencial, à Academia de Letras. Mas, talvez por isso mesmo, evite entrar na economia de seus atos. Pergunta-me V. sobre as «últimas eleições». Preferiria responder-lhe, de um modo geral, dizendo que o padrão da Academia não é o que devia ser, e que podia ser melhorado de muito se o critério seletivo fosse sempre e só, o do merecimento pessoal. Infelizmente a «política» das eleições nem sempre se atém àquela razão de decidir e outros critérios perturbadores interferem, por vezes, na escolha, prejudicando a média da imortalidade. De todas as perguntas que V. me faz, a mais inocente e talvez

única a que eu poderia responder sem receio de ferir suscetibilidades, seria a que indaga — «como gostaria eu de morrer». Não tenho predileção por nenhum gênero de morte. Aceito-a como vier, antes de tudo, por que não sei qual seja a melhor. Um sofrimento longo, constitui muitas vezes, um processo de melhoria e santificação. Se fôssemos opinar por uma morte súbita, com o fito egoísta de fugir ao sofrimento, estaríamos a decidir por simples aparências, sem considerar o profundo das coisas. Não sabemos, realmente, o que nos convém. Deixemos, portanto, as circunstâncias da nossa morte à conta de Deus e limitemo-nos a construir a nossa vida. Porque da vida que construirmos, dependerá a nossa morte. Pedindo-lhe, mais uma vez, desculpas por me não julgar credenciado a satisfazer sua curiosidade, subcrevo-me sempre seu: Reginaldo Nunes». Descontando a modéstia do autor, que julguem os leitores...

POESIA

Lua Nova

Anoitece nos meus amôres...
Agora, os raros albores,
Mulheres ardentes, são estrélas cadentes.
Onde os fachos cintilantes,
As minhas amantes?

Vênus, as Três Marias...
Tudo são trevas nos meus amôres.

Aparecendo por entre as nuvens,
Só resta você brilhando
Inteira e nua.

METON DE ALENCAR

NOTICIÁRIO

● Em edição Pongetti, aparecerá breve, «Poemas da terra e da vida» de Almeida Cousin.

● O presidente do IPASE nomeou as comissões que deverão julgar os concursos literários patrocinados por essa autarquia, as quais ficaram assim constituídas: Tristão de Athayde, Eugênio Gomes e Bráulio do Nascimento, para crítica; Saldanha Coelho, Constantino Paleólogo e José Condé, para conto; e Peregrino Júnior, Octacílio Alecrim e Aloysio de Salles, para ensaio. Estes concursos, todos com prêmios iguais, de Cr\$ 15.000,00, terão suas inscrições encerradas a 31 de outubro próximo e só se destinam a funcionários públicos de qualquer função ou categoria. Os ensaios deverão versar sobre o seguinte tema: «Assistência Médico-Social ao Servidor Público». As críticas se limitarão às obras de um destes três escritores brasileiros: Lima Barreto, Manuel Antônio de Almeida e Aluizio Azevedo. Os temas dos contos serão de livre escolha dos candidatos. Maiores esclarecimentos poderão ser obtidos no Serviço de Publicidade do IPASE, à rua Pedro Lessa, 36 — 11º andar, de 12 às 18 horas

BIBLIOTECA

«Últimos ritmos» de Reginaldo Silva. O autor que é médico, especializado em cardiologia, reúne seus poemas, sonetos e trovas, em que concentrou os sentimentos e as idéias que lhe encham a alma e o cérebro. Seus versos contêm boa inspiração e revelam a existência de um bom poeta no profissional que os compôs. No seu contacto diário com os clientes, sentiu

com seu coração abundante e generoso, melhor do que ninguém, a dor e as desditas humanas. Procurou, então, desabafar as emoções, em forma versificada. E usou da expressão clássica e tradicional da poesia. Saiu-se bem. Principalmente quando escreve em estilo epigramático, agrada de maneira especial. Que esses seus ritmos não sejam, portanto, os últimos...

● LIVROS RECEBIDOS — «A poesia, a arte e o bom senso contra o alcoolismo» — Ernani Lopes. «Vão de sétimo mês» de Arnaldo Voygt, edição particular. «Exortação» — Lúcia Lobo Fadigas (Tipografia Beneditina Ltda.). «A estátua de sono» de Fernando Whitaker — Edições Alarico. S. P. «Papoula dos 7 reinos» de Ruy Apocalipse (Tip. Campos — S. Paulo). «Arabescos» de Gastão Fernandes Patusco Filho. Gráfica Tupy.

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com o escritor Dante Costa, autor de «Feira Desigual», «Itinerário de Paris», «O Socialismo» e outras obras, inclusive médicas).

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual lhe parece o mais importante?

R. — Considero José de Alencar o mais importante de nossos escritores.

2ª — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R. — Os poetas nacionais de minha preferência são: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt.

3ª — Quais as suas leituras preferidas?

R. — Tenho dois tipos de leituras: aquelas que interessam às minhas preocupações de ciência e as outras, as do meu território literário. Penso que a «Revista da Semana» está interessada apenas nestas últimas. São as seguintes: gosto de ler Eça de Queiroz, Machado de Assis, «Os Sertões» e contos ou poesias de Ribeiro Couto e também Miguel Torga e as véses Kafka, para as horas mais cerebrais e as véses, Charles-Louis-Phillippe, para as horas mais humanas; além deste, (autor admirável do «Bubu de Montparnasse») tive há uns bons 20 anos, grandes preferências por Cocteau e por aquele a quem considero até hoje, o maior escritor deste século: André Gide.

4ª — Qual dos nossos escritores gostaria fosse da Academia?

R. — Há um escritor brasileiro que eu gostaria de saber que fora eleito para a Academia: R. Magalhães Júnior, que bem a merece.

5ª — Atualmente, onde desejaria morar?

R. — Estou satisfeito no lugar onde moro. No bairro da Lagôa, que penso ser um dos poucos bairros habitáveis desta cidade. Os outros serão Leblon, Cosme Velho e Tijuca. Se fosse, porém, obrigado a morar fora de minha pátria, o meu endereço natural seria Paris: é bela, inteligente, harmoniosa e, para mim, tranquila.

6ª — Como gostaria de morrer?

R. — Herdei de meu pai um grande amor à vida. Anyone Costa amava a vida como se a vida fosse uma mulher bonita e sua. Deixou-me essa herança. E' por isso que não sei nem posso responder a essa pergunta...

7ª — Qual a sua maior ambição literária?

R. — Ter escrito a «Andromaque» de Racine.

8ª — Crê que o esporte seja uma atividade útil?

R. — Por certo. O esporte é útil a quem o pratica e também aos outros, no desenvolvimento de uma mentalidade alta e arejada, que desdenhe da maledicência e da intriga. Prejudicial é fazermos de um esporte uma mania. E' profundamente triste ver o espaço que os jornais brasileiros dedicam ao futebol. O que é necessário é cultivar o esporte, como apelo à saúde física e deixar que ele nos leve ao «espírito esportivo» que é reto, generoso e benéfico.

O QUE ELES DIZEM

POESIA — «Irremediável e divina enfermidade». Ruben Dario.

ROMANCE — «Os romances são uma enfiada de mentiras desde a famosa «Astréia» de Urfe, até ao choramingas «Jocelin» de Lamartine». Camilo Castelo Branco.

RIDÍCULO — «Nas relações com o mundo há duas coisas de que se deve cuidar: não ser ridículo nem digno de lástima». M. von Klinger.

PENSAR — «Pensar é o que há de menos saudável no mundo, e morre-se disso como de qualquer outra doença». — Oscar Wilde.

PERDÃO — «E' a mais divina vitória». Schiller.

PERFUME — «O pensamento das flores». Edmond le Berquier.

ILUSÕES — «Enquanto o coração conserva desejos, o espírito cria ilusões». Chateaubriand.

HUMOR — «A mulher é um oceano fatal para seus naufragos, nada pode prender seu amor instável: as chamas de hoje, serão o gelo de amanhã». Malherbe.

IDADE — «Cada qual tem realmente a idade do seu coração, da sua experiência, da sua fé». George Sand.

IGUALDADE — «O amor nivela o espírito e a imbecilidade também». Grenat.

A PÁTRIA PARA CRISTO



**MATRIMÔNIO E DIVÓRCIO ★ AMOR À PÁTRIA ★ RESPEITO
AS LEIS DO PAÍS ★ ATIVIDADES SOCIAIS DA IGREJA ★ PRE-
PARO CULTURAL E ESPIRITUAL DA MOCIDADE ★ UM SÉ-
CULO DE EVANGELISMO ★ DADOS (PARCIAIS) ESTATÍSTICOS**

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA Fotos de SÉRGIO ANDRADE

(Última de uma série de três)

NA sua palestra com o Rev. Amantino Adorno Vassão, pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, quis o repórter saber qual a conceituação da família dentro do Evangelismo, já que sobre os assuntos abordados na reportagem anterior estava inteirado plenamente.

— Cremos que a religião — prosseguiu dizen-

do o pastor — deve permear a vida, penetrando-lhe todos os aspectos. O apóstolo Paulo, escrevendo a amigos, dizia: «a igreja que está em tua casa», dando, assim, a entender que o lar é uma igreja em miniatura ou uma extensão da Igreja. A família é a síntese da sociedade. Como é a família, assim é a sociedade. Daí a

importância do lar cristão e da poderosa influência que pode exercer. Bem por isso o extremo cuidado para a formação do lar visando a educação dos filhos e uma influência decisiva nos costumes. Definindo o assunto, diz a Confissão de Fé Presbiteriana: «O matrimônio foi ordenado para o mútuo auxílio de marido e mulher, para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima e da Igreja por uma semente santa, e para impedir a impureza. A todos os que são capazes de ter um consentimento ajuizado, é lícito casar; mas é dever dos cristãos casar somente no Senhor».

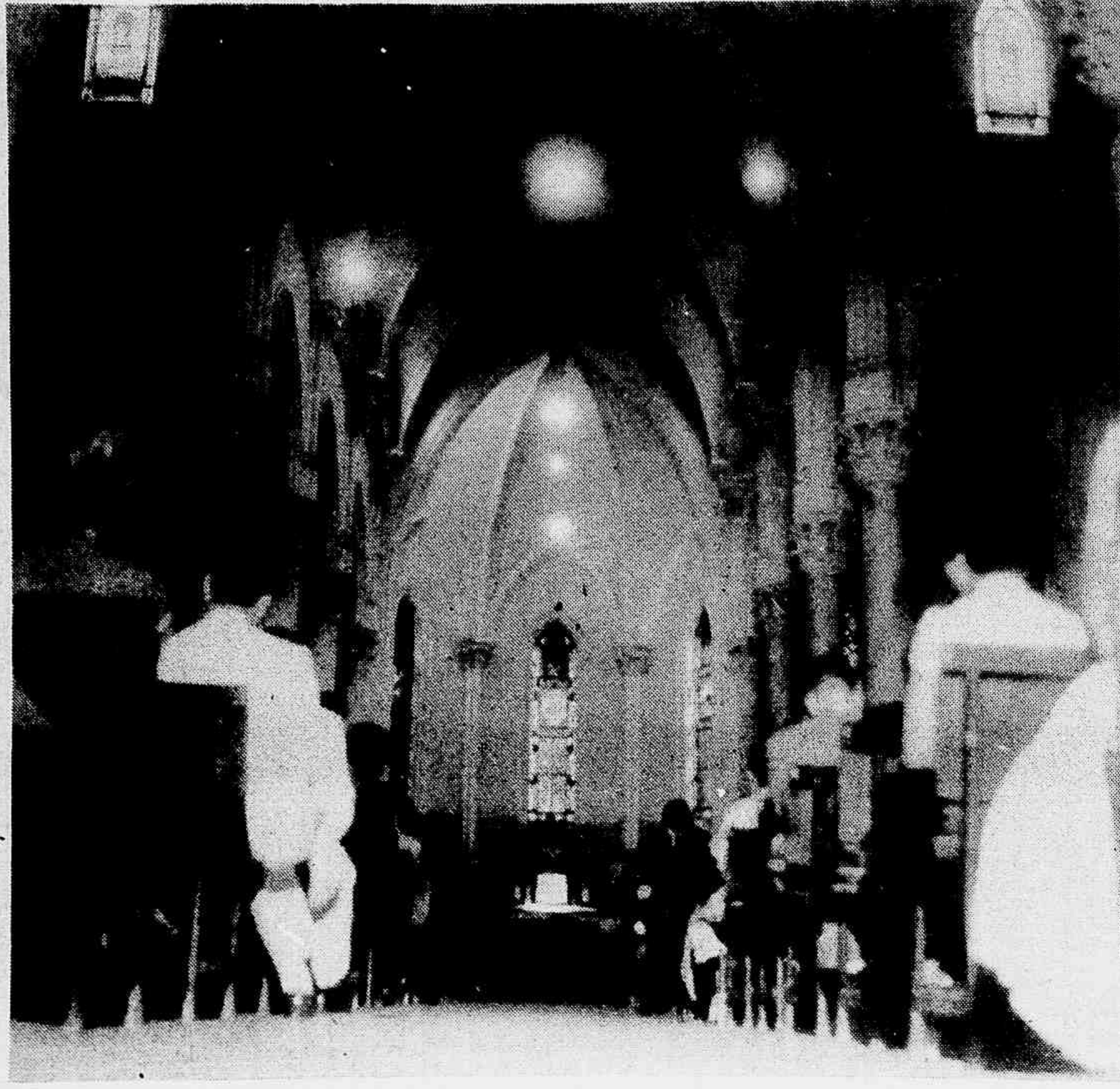
● A QUESTÃO DO DIVÓRCIO

Como o assunto até então recorrido comportava uma outra pergunta, inquirimos do pastor qual a posição presbiteriana com relação ao divórcio.

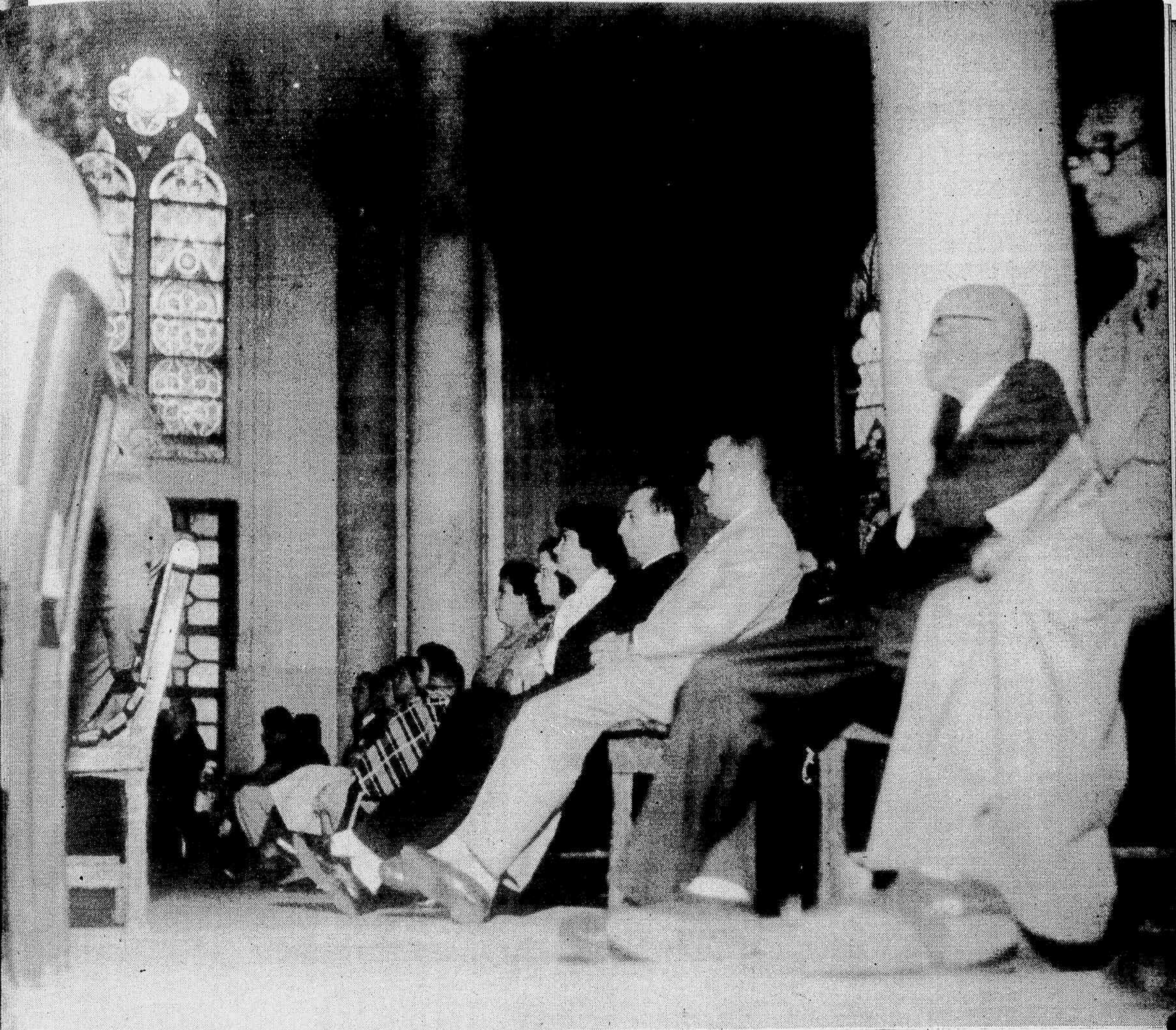
— A posição presbiteriana quanto ao divórcio — disse — se apresenta nos termos seguintes: «No caso de adultério depois do casamento, à parte inocente é lícito propôr divórcio e, depois de obter divórcio, casar com outrem, como se a parte infiel fôsse morta». E ainda: «Para a dissolução do matrimônio é necessário haver um processo público e regular, não se devendo deixar ao arbítrio e discreção das partes o decidir em seu próprio caso». Por outro lado, há o empenho em orientar os que se casam no sentido de o fazerem com nítida compreensão das responsabilidades da vida matrimonial, seja no que diz respeito às relações de marido e mulher, seja no cuidado a dispensar aos filhos. Palestras e aulas são ministradas à gente casadoura, visando prepará-la para a tarefa que a espera.

● CONCEITUAÇÃO DA PÁTRIA

O amor à Pátria domina nos corações bem formados. Manifesta-se forte nos corações de todos os seres humanos, sejam eles brasileiros, nórdicos ou eslavos. O repórter desejou saber, então, do Rev. Amantino, qual a posição dos evangélicos nesse particular.



Aos domingos — pela manhã e à noite — milhares de crentes recebem a doutrinação evangélica, ministrada por um pastor que é o guia e não o mestre.



Voltados para Cristo, os evangélicos, corações contritos, ouvem com piedade a mensagem divina transmitida pelos ministros de Deus aqui na terra.

— O Cristianismo — asseverou o pastor — não retira do coração do homem o amor pela sua Terra, pela sua gente. Nosso Senhor Jesus Cristo revelou-se um grande patriota. Os hinos que cantamos — hinos sacros — afirmam esse espírito patriótico. Um deles começa assim: «Por nossa Pátria oramos...» — Outro: «Ó Pátria minha amada, Brasil dos sonhos meus...» O patriotismo gerado pela fidelidade aos sãos princípios do Cristianismo não se limita a aparecer nos hinos; reflete-se, e amplamente, na vida dos cidadãos, fazendo-os respeitadores das leis e honestos no que diz respeito ao pagamento dos impostos. Está claro que as leis não podem obrigar a consciência, porquanto «só Deus é senhor da consciência e ele a deixou livre das doutrinas e mandamentos humanos que em qualquer coisa sejam contrários à sua palavra». No possível conflito entre a imposição de uma lei humana e a determinação de um princípio divino a consciência cristã não tergiversa, pois sua decisão é uma só.

● ASSISTÊNCIA SOCIAL

O problema social, hoje em dia, é um assunto por demais discutido por todas as camadas sociais, pelos sistemas religiosos principalmente.

Perguntado como encaravam os evangélicos esse problema, respondeu o nosso entrevistado:

— A Igreja Presbiteriana não limita sua ação ao terreno espiritual, pois oferece uma contribuição apreciável na assistência social, seja em atividades isoladas ou em obra de cooperação com outras igrejas cristãs. Orfanatos, asilos, ambulatórios, hospitais, assistência médica e jurídica são obras de profundo sentido fraternal que as igrejas presbiterianas realizam pelo Brasil afora. Merece destaque, também, a contribuição que se dá na obra de educação. Fernando de Azevedo, o notável sociólogo brasileiro, diz em «A CULTURA BRASILEIRA»: «... não é menor a obra cultural do protestantismo que, apaixonado pela liberdade e fazendo da leitura de um livro um meio de desenvolvimento espiritual, tende a desdobrar num movimento intelectual o movimento de propagação da fé e das idéias cristãs. As escolas americanas, introduzidas no país nos primórdios da República e em época em que a instrução ainda se achava em grande atraso, contribuíram notavelmente, em São Paulo, não só para a mudança de métodos como para intensificação do ensino». Enumera ele, então, alguns «grandes colégios», como o Instituto Gammon,

o Mackenzie, o Ginásio Evangélico da Bahia e de Pernambuco e o Granbery em Juiz de Fora. Poderíamos acrescentar que, excluído o último (metodista), são todos presbiterianos. E a lista, para ser completa, precisa apresentar mais: o Colégio Internacional, em Campinas, que foi visitado por D. Pedro II, ficando o Imperador profundamente impressionado com o que viu, chegando a afirmar que dali sairia a República.

● EDUCAÇÃO DOUTRINÁRIA

E qual a preparação doutrinária da comunidade evangélica, perguntamos a essa altura.

— A preparação doutrinária da comunidade evangélica — declarou — é realizada através do púlpito e da escola dominical. A escola dominical funciona aos domingos e tem por objetivo o estudo da Bíblia. Todas as idades são alcançadas por essa escola. Não há diploma de fim de curso, pois ninguém pode, honestamente, acreditar bacharel ou doutor no conhecimento da Bíblia. A escola é dividida em classes visando alcançar todas as mentalidades. A responsabilidade imediata desse ensino compete aos pastores. Todavia, sua tarefa é mais de orientação, pois não têm eles o direito de assumir a posição do «magister dixit». O pastor é o guia

O protestantismo no Rio

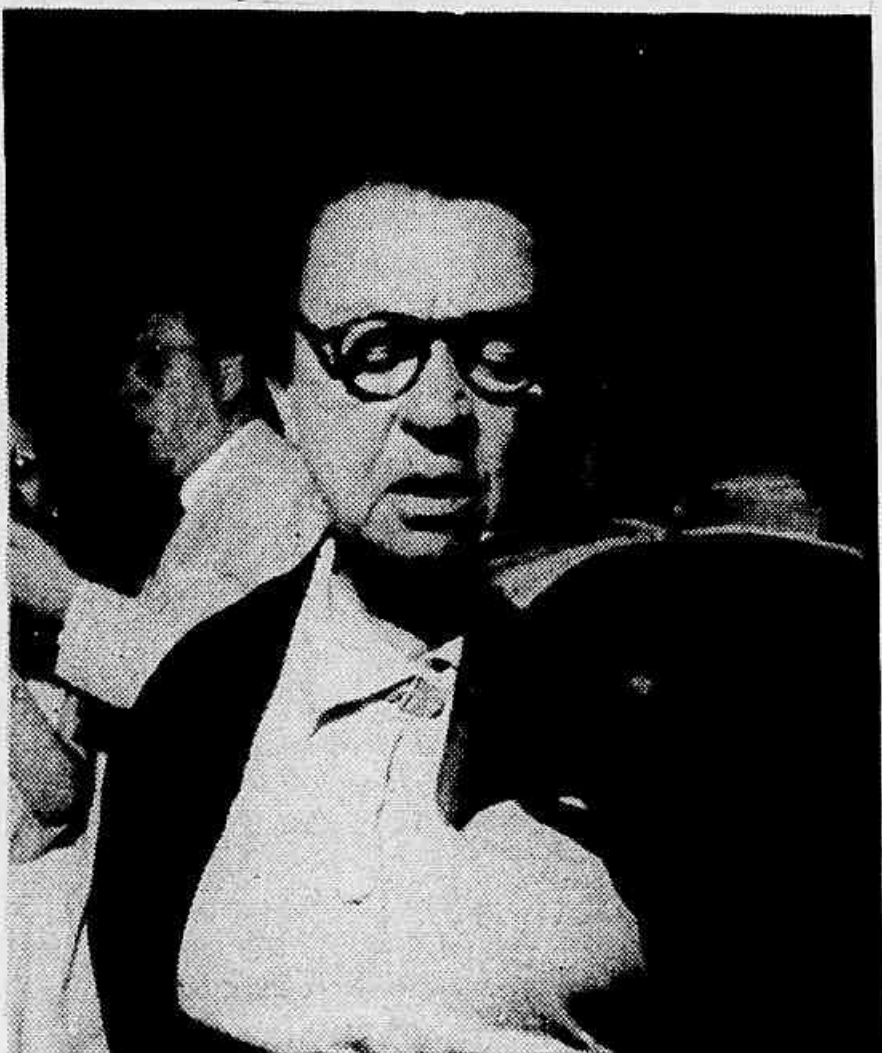


«DEIXAI vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus», disse Jesus ao apóstolo Pedro, certa vez. E educação doutrinária nas igrejas evangélicas começa desde o berço.

e não o mestre. Por sua vez, os ministros presbiterianos recebem seu preparo intelectual e teológico como qualquer estudante de curso superior de nossas universidades. Após o curso primário, o ginásial; então, o científico ou clássico; e, por fim, o curso teológico, de cinco anos. Possui a Igreja Presbiteriana do Brasil dois seminários: o do norte, em Recife, e o do sul, em Campinas (E. de São Paulo).

● CENTENÁRIO À VISTA

Aproximava-se do fim a nossa palestra com o Rev. Amantino, e dêle ainda queríamos saber um pouco a respeito da história da obra presbiteriana no Brasil, bem com se era verdade



Os evangélicos, nos seus hinos, pedem a Deus proteção para a sua pátria. O Cristianismo não retira do coração do homem o amor pelo torrão natal. Pelo contrário.

que a Igreja breve iria comemorar o seu 1º centenário.

— Conviria lembrar aqui, mesmo de passagem — declarou-nos então o pastor — a presença dos franceses de Villegaignon na Baía de Guanabara e a dos Holandêses em Olinda e Recife. É a primeira arremetida de gente presbiteriana visando a terra do Brasil, porque os huguenotes e os reformados eram presbiterianos da França e da Holanda, respectivamente. Mencionando, de passagem, a figura de Fletcher, (vendedor ambulante de bíblias) que por aqui andou antes que se iniciasse a obra definitiva, chegamos ao ano de 1859 quando, a 12 de agosto, desembarca no Rio de Janeiro o primeiro missionário presbiteriano: rev. Ashbel Green Simonton. Dois anos e meio depois, com a cooperação do rev. Alexander Blackford, era organizada a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, da qual sou o atual pastor. É por isso que a gente presbiteriana brasileira se engalana para comemorar o PRIMEIRO CENTENÁRIO DA OBRA PRESBITERIANA NO BRASIL. As festas, até aqui, têm conservado um sentido puramente espiritual, objetivando a duplicação dos crentes presbiterianos, meta que será alcançada até o Centenário.

● DADOS ESTATÍSTICOS

A Igreja Presbiteriana do Brasil possui 6 sínodos, 30 presbitérios, 423 igrejas, 63 congregações presbiteriais, 557 congregações de igrejas, 1.617 pontos de pregação, 50 escolas de ensino com 4.033 matriculados. Pessoal: 337 ministros (pastôres), 13 licenciados (futuros ministros), 117 estudantes de teologia, 19 evangelistas leigos, 1.771 presbíteros, 1.623 diáconos. Membros: 100.000 comungantes e 70.000 não-comungantes. Possui, ainda, 1.230 escolas bíblicas dominicais com 8.500 professores e 92.000 alunos.

Sob o título "Protestantismo no Brasil", publicou a revista católica "Sacerdocio y Misiones", Ano IV, Nº 2, Abril-Junio (editada pelo "El Secretariado Internacional de la Union Misional del Clero", Roma), o artigo abaixo transcrito, na íntegra e sem comentários.

ASSIM ROMA APRECIA

O
PROTESTANTISMO
NO BRASIL

● O Recenseamento Oficial de 1950 acusa 1.741.430 evangélicos, o que significa uma população protestante maior do que a da Europa latina (Portugal, Espanha, Itália e França, onde desde o século XVI, vem os reformados trabalhando intensamente). Só o Brasil tem o dobro de protestantes do que a restante América Latina. E note-se que o protestantismo proselitista, entre os brasileiros, ainda não completou um século (à 959). Para esse jubileu grandes avivamentos estão sendo preparados. Na Conferência Evangélica Pan-Americana, promovida pela Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs (fundamentalista), em julho de 1951, em São Paulo, Brasil, chegou-se à conclusão de que o Brasil é presentemente uma das nações que maiores vantagens oferecem à difusão do protestantismo. Muitos missionários, portanto, que demandariam a China ou o Japão são agora orientados para o Brasil.

Líderes evangélicos que têm visitado o Brasil não sabem esconder sua satisfação pelo avanço, cada vez maior, das seitas entre os brasileiros e confessam que a grande esperança do protestantismo mundial reside no Brasil. Assim se expressaram o Prof. Emile Leonard, Diretor da Escola de Altos Estudos Protestantes da Sorbonne e o Dr. A. M. Chirgwin, Secretário Mundial das Sociedades Bíblicas Unidas de Genebra.

No Brasil, o protestantismo já saiu do período missionário, para adquirir sua autonomia e está dando passos decisivos para missionar outras terras, já tendo enviado missionários para Portugal, Bolívia e Paraguai. Não se pense, porém, que devido a isso tenha cessado o auxílio financeiro exterior, particularmente dos protestantes dos Estados Unidos. Essa contribuição se faz particularmente

para a abertura de novos postos missionários, até que se transformem em igrejas autônomas, para construção de escolas e principalmente para a difusão da Bíblia.

Desde 1948, fundou-se a Sociedade Bíblica do Brasil, pioneira na América Latina a concretizar o voto do Congresso das Sociedades Bíblicas da Europa, em 1936. No seu primeiro triênio (1948-1951) gastou mais de quatorze milhões de cruzeiros. Um milhão foi contribuição do protestantismo brasileiro e os 13 milhões restantes foram cobertos pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Sociedade Bíblica Americana, ambas Sociedades Cooperantes da Sociedade Bíblica do Brasil. O exemplo é por demais claro, para precisar de comentários. Nesse período foram distribuídos 264.862 Bíblias, 270.758 Testamentos e 3.056.408 porções, perfazendo um total de 3.592.028 publicações.

E' um esforço ingente para protestanizar o Brasil. Acrescente-se a isso uma Universidade Protestante (o Instituto Mackenzie, de São Paulo), 93 colégios secundários, 468 escolas primárias com um total de 55.851 alunos, 8.065 escolas dominicais, com 36.335 professores e 554.543 alunos, além do ensino religioso em escolas oficiais e da penetração no meio estudantino pela União Cristã de Estudantes, pela Associação Cristã de Acadêmicos, pela Associação Cristã de Moços e Associação Cristã Feminina, 28 Seminários com 1.426 futuros pastores, 123 programas de Rádio em 60 cidades, 191 jornais e revistas, 25 casas editoras, 35 livrarias protestantes, 15 ambulatórios, 21 hospitais, 15 sanatórios e casas de repouso, 70 casas de assistência à velhice, 4.512 pastores e oficiais trabalhando por todo o território nacional, inclusive com índios, e teremos uma pálida idéia do que seja a atuação do protestantismo brasileiro na hora presente.

SANTOS

São Vicente - Ponta da Praia

Cidades turísticas por excelência, as praias santistas são um mundo de encantamento e beleza, ligadas a São Paulo pela moderníssima e pitoresca Via Anchieta - orgulho da engenharia nacional. A facilidade de comunicação entre S. Paulo-Santos-S. Vicente e Ponta da Praia, constitui um verdadeiro recorde mundial, pois só o EBVL mantém com seus confortáveis onibus, viagens de 3 em 3 minutos.



Modernas Agências que oferecem o máximo conforto

AGÊNCIAS DE EMBARQUES E INFORMAÇÕES:

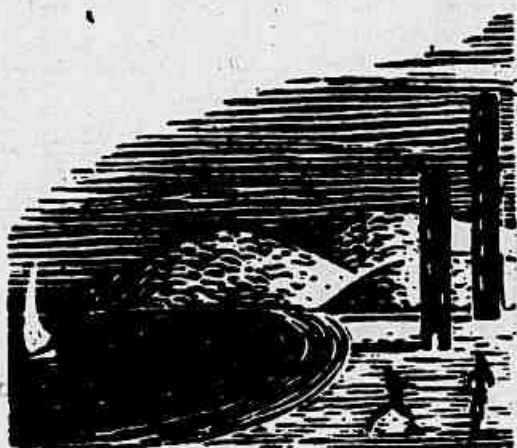
SÃO PAULO

Rua Tabatinguera, 37 (esquina Praça João Mendes) Fone 33-3326 e demais Agências.

SANTOS

Praça Mauá, 11 - Fone 2-2299 (cidade)

e nas praias J. Menino - Gonzaga São Vicente e Ponta da Praia



EXPRESSO BRASILEIRO

ESPORTE ILUSTRADO

TODAS AS QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

MUSSORGSKI E O "GRUPO DOS CINCO"



● Modesto Mussorgski, a ovelha negra do «grupo dos cinco», sempre demonstrou uma medíocre simpatia pelos estudos musicais, pelos zelos pedagógicos; aversão que: ele próprio nunca deixou de exprimir com o máximo de honestidade. Talvez tenha sido por esse motivo que os seus companheiros do famoso «grupo» como Balakirev e Cesar Cui consideravam-no como um amador frustrado, possuidor de uma técnica inconsistente e de uma ciência musical absolutamente superficial. Rimski-Korsakov assumia para com ele uma atitude paternal, procurando traçar diretrizes formais que nunca poderiam conter em suas linhas a espontaneidade e a impetuosidade da expressão de uma alma russa em que os testemunhos de uma era profundamente trágica gritavam mais alto do que o legendarismo oriental e artificial do criador de «Scheherazade». Porém, este, que era o conselheiro do movimento, não se detém, nem recua. Antes

proclama o imperativo absoluto das tendências eslavófilas: a negação categórica da forma ocidental, representada pelo germanismo metafísico e agressivo, e em menor escala, pelo melodismo itálico, exageradamente mediterrâneo para poder medrar nas etapas. Mussorgski concorda. E como um espírito gogoliano que era, encontra na alma inconsequente de sua raça o tortuoso caminho para a criação, para a criação desenfreada, tumultuosa e vibrante. E' verdade que a arte do ocidente parece-lhe suspeita, embora reconheça suas notáveis qualidades. Mas, sem desprezar os quatro amigos do «grupo», Mussorgski escuta Dargominski que lhe revela Glinka. Torna-se um eslavófilo extremado, mas a sua mensagem interior, muito naturalmente identificada com o sentimento nacional, empana completamente a resplandescência doutrinária. E' que Mussorgski, ao contrário do que sucedeu com os seus companheiros, coloca o «chauvinismo» musical, que para ele era uma irresistível inclinação, a serviço da sua criação. E porque sentia uma profunda divergência entre esta vocação e a técnica ocidental, forja livremente uma linguagem musical na qual Rimski-Korsakov e Tchaikowsky não vêem mais que uma manifestação de barbarie aliada a uma espécie de ignorância.

● Mussorgski, com sua música demasiadamente humana antes que exaltadamente nacional lança o desespero no espírito dos conformistas, que o não perdoam. Porém, Dargominski o aplaude, talvez pelo fato de descobrir em alguns de seus trechos melódicos os traços de sua própria maneira de expressão. Se é verdade que Mussorgski busca os fundamentos da sua arte nos dados imediatos da terra natal, porque, então, esses mesmos dados não poderiam conduzi-lo à exploração das riquezas interiores do homem?

Seria pelo fato de haver sido ele o criador de uma nova verdade musical que Balakirev há de vê-lo sempre como um discípulo, que Cesar Cui se compraz em deplorar a violência apaixonada de «Boris Gudonov» e que Rimski-Korsakov lhe aplica o tratamento que se impõe aos estudantes indóceis? E' provável que sim. Entretanto, a historiografia musical sempre dirá que a razão para tal tratamento deve ser procurada na falta de conhecimento musical ou na incapacidade de realização técnica.

● E não obstante todas as dificuldades, «Os Quadros de uma Exposição» inauguram o que se pode chamar de realismo sonoro; a densidade expressiva, a morbidez do relêvo melódico e a desordem dos temas se congregam para a formação de uma das mais fortes criações do «grupo». Decididamente, em qualquer das obras de Mussorgski, o trágico individual sempre oblitera os lances do trágico nacional, possível causa da discórdia surgida entre ele e os amigos do «grupo». Sua música é a afirmação de uma vigorosa individualidade, cujo espírito a eslavofilia integral não poderia sufocar. Finalmente, o transviado sofre profundamente o fato de ser tão mal compreendido por aqueles de quem esperava a aprovação. E desiludido, entrega-se ao mais completo abandono, chegando mesmo a duvidar da sua capacidade criadora.

Mas o impulso criador remove toda a rígida minuciosidade do processo de elaboração. A inconsequente alma russa supera as barreiras da ciência, despreza o culturalismo estéril e cria o seu marco musical: «Boris Gudonov». Nesta obra, o eslavo menosprezado pelos doutrinadores do ultra-nacionalismo, repudia o ocidentalismo de maneira direta, num plano essencialmente sonoro, e com a mesma convicção com que o fizeram alguns anos antes Nicolai Gogol e Fedor Dostoiowski no campo literário.

O espírito embriagado de Mussorgski sofre a agonia tumultuosa da inspiração que lhe assalta com imprudência; por outro lado, sente a insuficiência dos meios externos que lhe impedem de efetivar uma melhor sincronização com o «grupo». Mas há uma impossibilidade de caráter estritamente pessoal: Mussorgski ressentia-se, de uma quase completa ausência de vontade própria. Em vez de se aprofundar em contraponto e harmonia, busca uma ilusão para o seu desespero no álcool.



BENO WINKLER

FABRICA DE JARROS

1.º Distrito do Município de Petrópolis.

Entre Pati de Alfes e Petrópolis Estação do Correio Pati de Alfes, Linha Auxiliar

FABRICA DE ABAT-JOURS

RIO: Rua 1.º de Março, 119

2.º andar — Tel. 23-3110

Rio de Janeiro

● Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nota que estamos publicando, a qual se refere à reportagem divulgada nesta revista, em 3/9/55, sob o título geral — I.ª EXPOSIÇÃO DE INDÚSTRIA, ARTE E HISTÓRIA, realizada em Quitandinha, e de que faz parte a FAZENDA WINKLER. Na citada reportagem não foi mencionado o endereço da importante firma, o que aqui retificamos.

BÉL-HORMON A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº.
NOME..... Nº.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

INAUGURADA A ESCOLA DE APRENDIZES DE JOCKEY

● Prosseguindo na sua obra de caráter social, o Jockey Club Brasileiro inaugurou, na manhã de 20 de Setembro, a Escola de Aprendizes de Jockey, preenchendo, assim, uma lacuna que se fazia sentir em nosso turfe. Já agora, aqueles que decidirem abraçar a árdua profissão de jockey terão um ambiente onde lhes serão ministrados ensinamentos técnicos e educacionais de que tanto precisam para a sua perfeita formação de profissionais e de homens. Com o decidido apoio da diretoria e sob a supervisão do dr. Paulo Burlamaqui, ao lado da Escola do Jockey Club Brasileiro levantou-se a Escola recém-inaugurada, que conta com as dependências necessárias ao conforto dos alunos e às exigências do ensino técnico e moral. Contando com boas instalações, ali vimos as dependências da ação administrativa, como sejam sala da diretoria, secretaria, salas de aula, rouparia, refeitório, cozinha, banheiros, instalações sanitárias, enfermaria de urgência e picadeiro. Aos alunos será fornecido o uniforme para uso interno, além de alimentação adequada. O ensino técnico profissional está entregue a Geraldo Costa, no regime do freio, e a Oswaldo Ulloa, no do bridão. Para o necessário treinamento dos alunos, conta a Escola com vários animais de propriedade do Jockey Club Brasileiro, ali instalados em boxes magnificamente cuidados. Completam o quadro do corpo docente da Escola o treinador Moyses de Araújo, Walter Cunha e o Capitão Fernando de Carvalho. O Curso de Alfabetização está entregue à professora D. Luzia Oliveira Campos, secretariada pelo professor José Nunes Pires. Foi esta a grande e nova obra que vem de ser inaugurada pelo Dr. Mário de Azevedo Ribeiro, na presidência do Jockey Club Brasileiro. S. S. teve assim nova oportunidade de ressaltar o trabalho que sua administração vem tendo em favor do turfe nacional.

Perante numerosa assistência, onde se encontravam autoridades, diretores e sócios do Jockey Club Brasileiro, profissionais do turfe, jornalistas e famílias, foi realizada a cerimônia da inauguração da Escola de Aprendizes de Jockey. O dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, hasteou o Pavilhão Nacional, cantando nessa ocasião os alunos o Hino Pátrio. A seguir S. S. pronunciou o seguinte expressivo discurso: «Senhores. O programa de ação da atual Diretoria estendeu-se a vários setores da esfera administrativa. Desde o início de sua gestão, não passou despercebido o importante problema da formação de profissionais habilitados para o manejo da rédea. Havia necessidade de obter aprendizes capazes de exercerem as árduas funções com a indispensável competência e o judicioso discernimento. Impunha-se a ampla reforma nos métodos empregados para o recrutamento dos futuros ginetes. A preocupação de aproveitar o elemento nacional, de tendências vocacionais mais bem apuradas, motivou a criação de uma escola destinada ao preparo eficiente do profissional cômico dos seus deveres. A primeira providência da administração consistiu em dotar de instalações condignas o grande empreendimento. O novo edifício, hoje inaugurado, marca outros rumos para a educação técnica e moral de aprendizes. Com o regulamento baixado, os cursos adquiriram adequada flexibilidade, adaptando-se melhor aos fins em vista. Pode-se afirmar que, vencida uma fase transitória, já se atingiu a realidade promissora. Ensino e treinamento constituirão a verdadeira finalidade do estabelecimento. Vou dar a palavra ao dr. Paulo Burlamaqui de Mello, diretor responsável pela execução das normas traçadas à «Escola de Aprendizes de Jockeys», que fará uma exposição do valor e da utilidade da iniciativa. Antes, porém, de-



Flagrante feito quando falava o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club, inaugurando a Escola de Aprendizes de Jockey.

sejo assinalar, com prioridade, os préstimos vantajosos da magnífica realização. Está de parabéns o Jockey Club Brasileiro».

A seguir, o dr. Paulo Burlamaqui de Mello, diretor do Jockey Club Brasileiro e supervisor da Escola, pronunciou detalhando, um bem feito discurso. Logo no segundo período, disse o dr. Paulo Burlamaqui: «Estamos assistindo, assim, à concretização do que foi um sonho de idealistas; a consolidação de uma idéia que ora se torna realidade viva». Depois salienta o apoio ao empreendimento por parte do presidente Mário de Azevedo Ribeiro. Para tão grande obra turfística, qual seja a escola, foi «buscar ensinamentos nas organizações similares de outros países». Procurou adaptá-los ao nosso ambiente, com o auxílio de uma equipe dedicada e prestimosa cujos nomes cita. Antes, porém, criou o Curso de Alfabetização, cuja frequência de alunos atingiu o número de 60. Foram também ministradas aos alunos aulas de Moral e Ética Profissional pelo capitão Fernando de Carvalho. Dêsse modo, conseguiu o supervisor «aprimorar o desenvolvimento intelectual e a formação moral» dos futuros jockeys. Paralelamente a esses primeiros movimentos não descuro da parte técnica e prática, constante de ensinamentos sobre trato de animais em cocheiras, nomenclatura dos arreios, comportamento nas carreiras etc. Fêz, dêsse modo, uma ligeira síntese das suas atividades e das dos seus auxiliares nesses cinco meses já passados. A melhor recompensa que esperam será o resultado visado: «que ao saírem os jockeys da escola, sejam eles dignos de si mesmos e da comunidade onde vão viver, procedendo sempre dentro dos princípios da sã moral e da proficiência técnica». Mais poucas frases e dirige-se o dr. Paulo Burlamaqui aos alunos aprendizes: «Procurem sempre cumprir os seus deveres porque saberemos cumprir os nossos».

Após êsse ato, o Dr. Mário de Azevedo Ribeiro convidou os presentes a visitarem as instalações, o que foi feito. Antes de encerrar a visita, S. Exa., fêz servir uma taça de «champagne» e «lunche» aos convidados, tendo nessa ocasião sido cumprimentado por todos, salientando-se a saudação que lhe fizeram o Diretor Geral da Remonta do Exército Nacional, General Nicanor de Souza, e o presidente da Associação dos Proprietários de Cavalos de Corrida, Dr. José Albano da Nova Monteiro, que exaltaram a bela iniciativa da diretoria do Jockey Club Brasileiro.



Tocam as taças o presidente Mário Ribeiro, o general Nicanor de Souza. Na fotografia, o dr. Paulo Burlamaqui de Mello e o dr. Nova Monteiro.

O ATEU

(Continuação da página 53)

— Você não crê em Deus? — Tornou ela baixinho.

— No Deus mencionado, não. Creio no meu Deus, que é o Absoluto, o Ser Supremo que rege o Universo, que impede que o sol queime a terra, que os astros se choquem no espaço, que proteja o mundo físico e nuclear.

Esse deus apregoado como vingativo, que exigia sacrifícios humanos, que bebia sangue nos tabernáculos como qualquer pai de santo de fãncaria, não me é possível crer. Deus simboliza Bondade. Compreensão, Justiça, Força, Magnetismo, Magnificência, que sei eu, um pobre mortal? Mas estou certo de uma coisa: Deus não vai se preocupar que eu me case na igreja ou não case em lugar nenhum. Apenas a minha consciência exige a legalização de minha união com a mulher a que eu amo. E' ainda a minha consciência quem me impede de roubar, de matar, de tratar mal a quem quer que seja. Não é por temor de castigos misteriosos e remotos que deixo de fazer aquilo que não devo, mas sim porque não sentiria nenhum prazer em praticar o mal e gosto de fazer apenas o que me dá prazer, como... por exemplo... beijá-la...

E Rodolfo voltou-se rapidamente segurando-a pelos ombros, enquanto a beijava nos lábios, falando então baixinho:

— Não o farei se você não o quiser... — Francesca, em resposta passou os braços pelo pescoço do rapaz retribuindo o beijo com calor.

— Eu quero ser a deusa deste lar e a rainha do seu coração.

— Sem casamento?

— Com ou sem casamento, desde que seja você o meu deus.

Foi exatamente aí que o padre entrou em cena. Lívido, exclamou colérico:

— Com efeito! O senhor... seu ateu de uma figa. Logo vi que a sua honestidade não resistiria a um simples sópro.

— Meu tio, — começou Francesca. Ele não tem culpa. Eu desci do quarto e vim encontrá-lo aqui. Ele nem me chamou, sequer.

— Reverendo... — completou Rodolfo — Sua sobrinha me pertence agora. Acabamos de nos unir pelos laços do amor. Só esse laço é indestrutível, onde ele não existir não há lei humana ou divina que obrigue duas criaturas a viverem em comum. Esse deus maravilhoso que se chama Cupido nos está unindo com sua flecha mágica. Nos traspassou a ambos de uma só vez.

— Amanhã mesmo realizarei o casamento... se o caso é assim.

— Não! — Disse Francesca com firmeza. — Não casaremos este resto de ano. Talvez para o ano que vem; não é, querido?

— Então devemos voltar agora mesmo. Vá preparar-se.

— O senhor voltará sozinho, titio. Eu ficarei com o meu novo deus e casarei com ele, se ele quiser; se não quiser, ficarei do mesmo modo.

— Pecadores... criminosos... isso é um desafio a Deus. Vocês serão terrivelmente castigados, até que se confessem e se penitenciem.

— Calma, reverendo. Calma. O senhor é quem está pecando com suas palavras de irreverência para com o seu Deus. Quando o senhor resolver atribuir melhores sentimentos a esse objeto de seu medo, será bem mais feliz.

Diante dos acontecimentos, o sacerdote não teve nada mais a fazer.

—o—

Um ano havia decorrido quando certa tarde alguém tocou a campainha. Queria saber como estavam as coisas na fazenda onde deixara sua sobrinha. A recepção foi das melhores. Francesca, corada como romã, com os longos cabelos de ouro presos por um lenço, exibiu-lhe um lindo garoto de três meses. Pediu a um dos empregados que fosse chamar Rodolfo no pomar e houve um pequeno tumulto.

— Então vocês não casaram? — Perguntou o padre timidamente.

— Tranqüillize-se, titio — disse Rodolfo rindo — casamos no civil. Como vê, não estamos casados para o senhor, nem para Deus.

— Vocês estariam casados também para Deus, mesmo que um juiz não os tivesse unido. Vejo que a felicidade reina nesta casa.

— Titio... — fez Francesca abraçando o velho. Então o senhor admite...

— Sim, minha filha. Casei pela igreja aqueles dois traficantes que viviam a te bajular, e sabe o que fizeram ambos. Largaram as espósas e caíram na farra.

— Viu, titio? Se o senhor quiser, nós nos casaremos na igreja. Pode ser até aqui mesmo em casa. Venha ver.

E Francesca levou o atordoado padre até uma pequena sala onde se erguia um lindo altar, todo coberto de flores. Uma imagem sorria com uma criança ao colo. O sacerdote benzeu-se e vergou um joelho, murmurando:

— Graças a Deus!

— Graças a Deus! — Repetiu Rodolfo aproximando-se. — Como vê, reverendo, agora sou católico. Tenho a minha capelinha e sei que Deus está morando nesta casa. Francesca catequizou-me somente com o seu amor, porque Deus, também é AMOR.



Assim ficou repleta a Plaza de Mayo, durante a solenidade de posse do Chefe do Governo provisório, general Eduardo A. Lonardi. Em baixo, durante a luta, forças legais em ação contra





ERA UMA VEZ PERÓN...



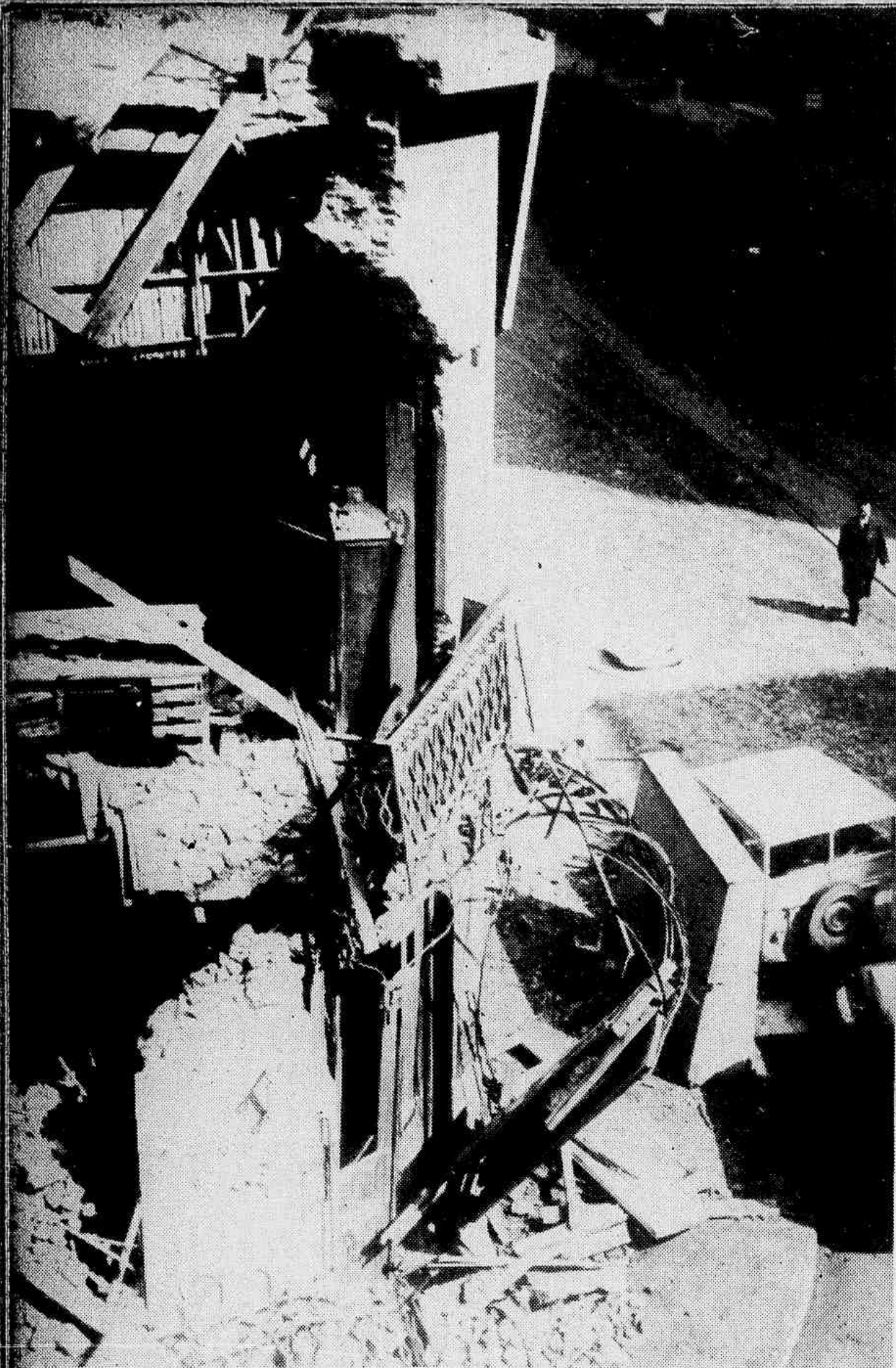
Este foi o primeiro flagrante do Chefe do Governo Provisório, logo após o seu desembarque em Buenos Aires. — A senhora Lonardi, esposa do general Lonardi, conversa amistosamente, nos salões da Casa Rosada.

Base Naval de Santiago. Vinte e quatro horas depois, a revolução era vitoriosa, com a queda do general Perón, que governou o país 12 anos.

E O POVO ARGENTINO RESPIROU!

Fotos KEYSTONE e I.N.S.



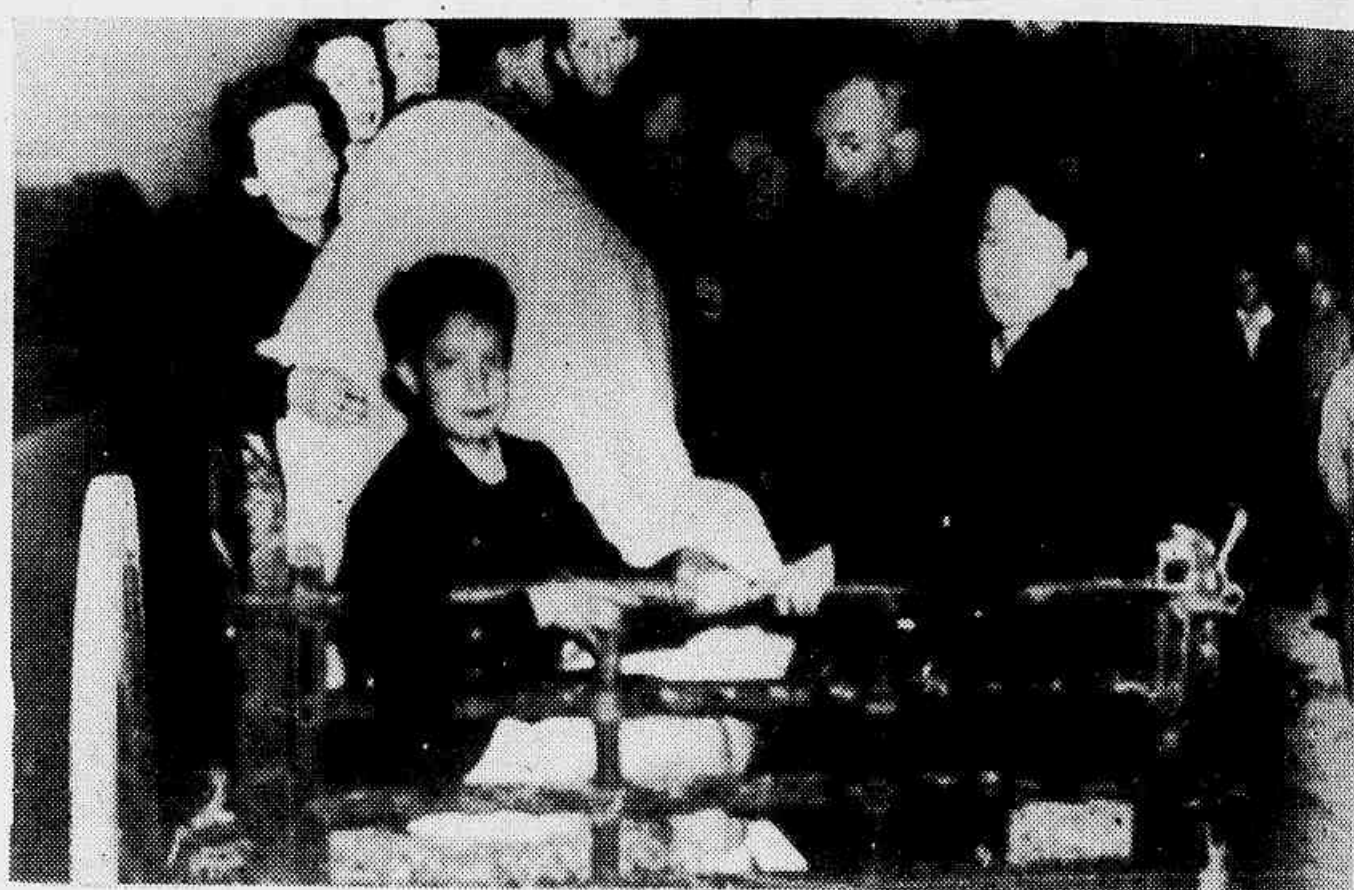


O edifício da Aliança Libertadora Nacional, completamente arrasado, atingido por disparos de um tanque das forças do novo governo argentino.

E O POVO ARGENTINO RESPIROU



Outro flagrante do mesmo edifício, mostrando o rigor do bombardeio. Não fôra a rendição, Buenos Aires sofreria consequências devastadoras.



Como sempre, o povo é quem sofre, obrigadas milhares de famílias a abandonar seus lares, levando consigo crianças, velhos e enfermos.



Tôda a população civil, nos arredores da Base Naval de Rio Santiago, foi obrigada a evacuar aquela zona. As fisionomias, mesmo das crianças, mostram o que havia de apreensivo na hora do perigo iminente, quando tôda a nação Argentina sofria o risco de um bombardeio arrasador.



Manifestações de júbilo nas ruas de Buenos Aires quando foi conhecida a notícia do triunfo completo das forças revolucionárias. O povo respirou e encheu as ruas, em delirante entusiasmo.



General José Domingos Molina, presidente da Junta Revolucionária Militar, que muito contribuiu para a volta a normalização do país.

A documentação gráfica dos acontecimentos revolucionários na República Argentina, não constituiu fácil tarefa. Coube à reportagem da nação vizinha, a parcela de maior importância, assumindo o papel dos fotógrafos, função de predomínante relêvo. Expondo-se ao perigo de vida, acompanhando de perto o desenrolar das ocorrências que assumiram, como sabemos agora, dramáticas proporções, foram os solda-

dos da imprensa, os fixadores, para a história, dessas páginas magníficas com que agora jornais e revistas se dão ao luxo de servir aos seus leitores. E aqui está também a «Revista da Semana», participando dessa tarefa, mostrando aos que a lêem, um pouco do que foram aqueles dias sangrentos. Mesmo uma semana depois de serenados os ânimos, já com a vitória das forças rebeldes consolidada, ain-



De nada valeram esses canhões, leais à legalidade (de Perón), frente à base de Rio Santiago. Os revoltosos souberam enfrentá-los com bravura.



Contra-almirante Rojas, comandante da esquadra rebelde, cumprimentado quando desembarcou em B. Aires, vitorioso o movimento revolucionário.

E O POVO ARGENTINO RESPIROU



Depois de tudo arrasado na sede do Partido Peronista Feminino, um popular exaltado sobe na escada à entrada para a estação do metropolitano e faz o seu discurso contra o ditador derrubado. — Canhões anti-aéreos na Plaza del Gobierno. Ao fundo, vemos o Ministério da Marinha.



da Buenos Aires era uma grande cidade deserta, principalmente à noite, com o toque de recolher às vinte horas, sem casas de espetáculos em funcionamento.

Dizem-nos os que da Argentina regressam e ali assistiram ao impacto dos acontecimentos, terem sido de muita bravura e heroísmo as atitudes populares. Mesmo correndo o risco de terem a sua grande metrópole arrasada pelo bombardeio, o povo de Buenos Aires, solidário com os rebeldes desde a primeira hora, enchiam as ruas e avenidas, e quando se soube da vitória revolucionária, então, o delírio atingiu ao auge. É um pouco dessa vibração popular o que também se pode traduzir das ilustrações que se distribuem por estas páginas.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 41 — Rio de Janeiro — 8-10-55

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**
ENDERECO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

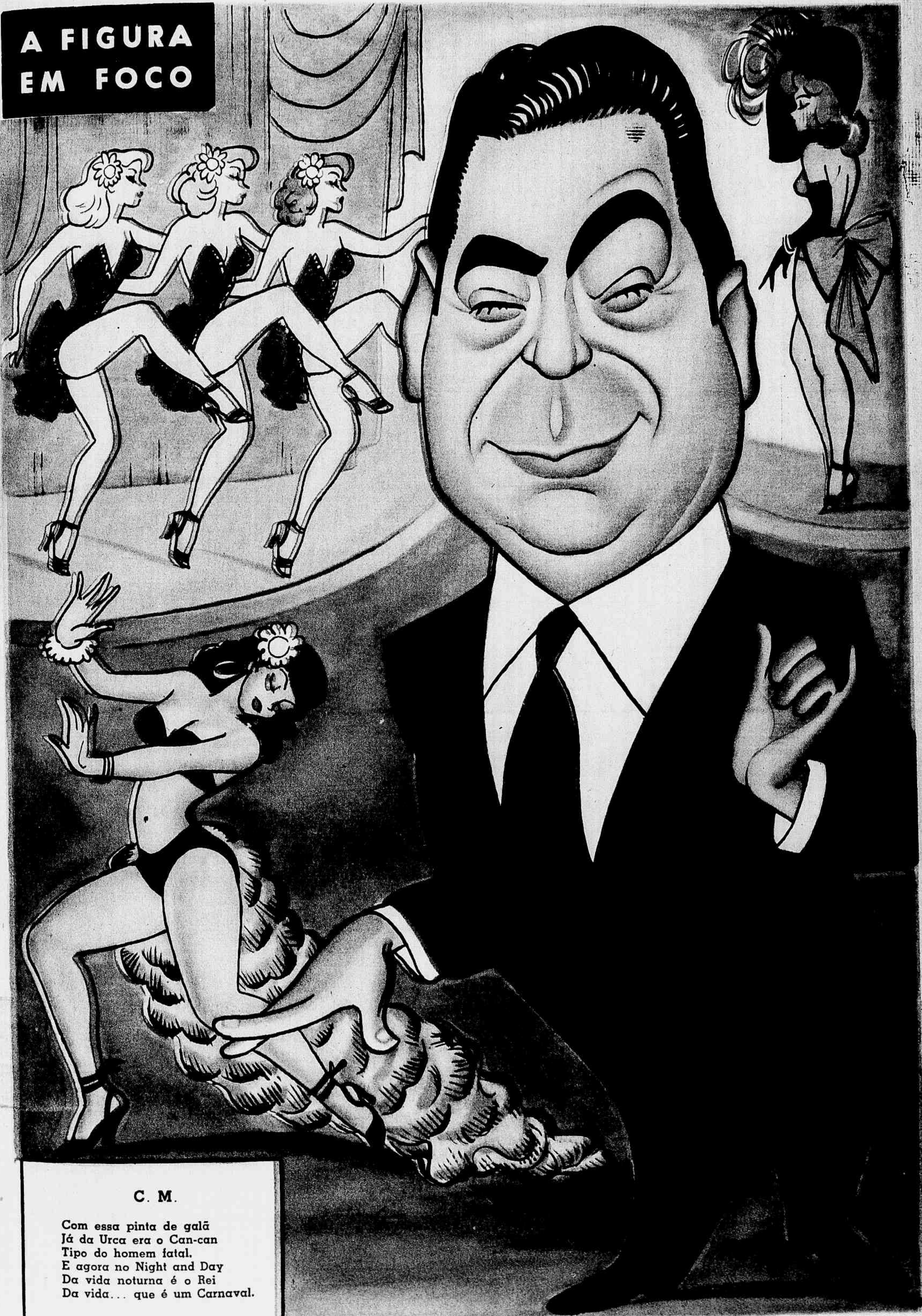
Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



C. M.

Com essa pinta de galã
Já da Urca era o Can-can
Tipo do homem fatal.
E agora no Night and Day
Da vida noturna é o Rei
Da vida... que é um Carnaval.

O Azeite

Conto de LISA CASTRO

Desenho de JERONIMO RIBEIRO

E assim um mês inteiro se escoou. Certa vez, quando voltava empoeirado e suado dos campos, aí pelas cinco horas da tarde, viu um carro de praça parado à porta. Entrou pela porta dos fundos e subiu para o banheiro onde regalou-se sob o chuveiro. Já estava no seu quarto a trocar de roupa quando Gerônimo veio adverti-lo da presença do sacerdote na fazenda.

— Ah! sim! Aquêlê padre voltou. Não desistiu de me salvar a alma, — sorriu. Prepara-nos um bom jantar.

— Não sei se êle vai ficar. Mandou o táxi esperar para saber qual será sua resposta.

— Um Rodolfo Oliveira tem a mesma palavra em qualquer circunstância.

— Mas é que êle não veio só.

— Minha hospitalidade se estenderá ao seu companheiro. Que diferença pode fazer? Diga-lhe que fique, que despeça o táxi.

— Se é assim...

Gerônimo saiu para tranquilizar o padre e Rodolfo deu-se pressa em terminar sua tualete, descendo em seguida. Desta vez a lareira não estava acesa e o padre mantinha-se sentado em uma das poltronas. Descendo as escadas, o olhar de Rodolfo incidiu no ângulo da parede em frente, onde havia um retrato seu pintado a óleo. Fôra feito quando êle fizera vinte anos, por um dos empregados que possuía veia artística. O trabalho lhe despertara tanto entusiasmo que o rapaz resolveu custear os estudos do pintor. Mas não foi isso que o fêz deter-se nos últimos degraus e ficar a olhar embevecido. O que o deteve foi aquela cabeleira fulva que se derramava sobre umas espáduas bem formadas. Com um estremecimento Rodolfo conseguiu vencer a própria emoção e pretendia adiantar-se quando a voz do padre fê-lo parar.

— Êste é o dono da casa. Não é um belo homem?

— Sim. — respondeu a cabeleira fulgurante.

— E' um belo homem que possui uma expressão tão meiga no olhar que quase não posso desfitá-lo.

Então Rodolfo tossiu discretamente e entrou na sala. O padre ergueu-se sorridente, estendendo-lhe a mão:

— Meu bom amigo... — Interrompeu-se, pois os olhos de Rodolfo estavam presos àquele rosto juvenil que se voltara para fitá-lo. Foi com movimento mecânico que estendeu a mão ao padre, enquanto lutava por voltar para êle e seu sorriso cordial. Finalmente o conseguiu e o padre apressou-se em fazer as apresentações.

— Esta é minha sobrinha, Francesca. Acaba de perder seu pai e como já não possuía mãe resolvi trazê-la para distraí-la.

— Fêz muito bem, — respondeu Rodolfo — estreitando a mãozinha branca que se estendia para êle. — Aqui a senhorita encontrará conforto para o seu espírito.

Os três sentaram-se e a conversa girou a êsmo. Rodolfo lutava por desprender o olhar das pupilas aveludadas de Francesca. Jamais lhe fôra dado apreciar uma criatura tão bela. O simples vestido preto, de mangas justas e saia ampla acentuava a forma dos seus ombros e busto. Rodolfo, para quebrar o encantamento, bateu palmas. Gerônimo, que parecia estar sempre atento, apareceu e ouviu a ordem: — Prepare o quarto de hóspedes para o reverendo, e o quarto azul para a senhorita. — O criado

saiu um tanto impressionado pela expressão de seu patrão. Refletindo com os seus botões, chegou à conclusão de que não era para menos, até êle mesmo sentira um estremecimento ao se deírontar com aquela garôta. De qualquer modo, foi cumprir, ou melhor, transmitir as ordens a arrumadeira, porque êle mesmo pouco fazia, era uma espécie de mordomo que ligava os desejos do patrão aos empregados.

Uma hora depois, foi ainda Gerônimo quem veio anunciar o jantar. Rodolfo ofereceu o braço à Francesca e conduziu seus convidados à sala de jantar. A moça não conteve um gesto de surpresa diante de tão refinado ambiente. Os cristais e porcelanas eram de primeira qualidade, bem como as iguarias servidas, o que levou o padre a fazer um comentário:

— Esperava visitas para jantar?

— Não, reverendo. O senhor não me avisara de sua vinda.

— Então, êsse é o repasto habitual?

— Dois dias de semana. Sábados e domingos melhoramos um pouco.

— Para mim, isto é um banquete.

— Sempre ouvi dizer que os sacerdotes alimentam-se muito bem.

— Na sua maioria sim. Mas êsse caso é diferente. O senhor é só...

— Mas tenho muitos empregados. São homens que trabalham no pesado e precisam se alimentar bem. E depois... tiramos tudo de nossa terra...

— O senhor já me falou nisso, da outra vez.

— E a senhorita. Está gostando? — Perguntou Rodolfo.

— Estou adorando cada coisa. Tudo aqui transpira saúde, limpeza, paz.

— Ouviu, reverendo? Não é um céu, esta minha pobre casa?

— Ainda não, meu filho; mas será quando Deus entrar por aquela porta.

— Deus não precisará ter êsse trabalho. Já entrou um anjo! — E olhou Francesca.

— O senhor me confunde. — Falou ela ruborizada.

Silenciaram até o final da refeição, quando deixaram a sala e Rodolfo os levou a um salão diferente a que êle chamava ginásio. Ali havia mesa de bilhar, de damas, outra para jogo de cartas e revistas. Havia também uma pequena pista, um móvel com rádio, vitrola e televisão.

— Sentemo-nos um pouco aqui, enquanto aguardamos o cafêzinho. Quer ouvir um pouco de música? — Perguntou dirigindo a Francesca.

— Quais as curiosidades musicais que possui?

— Curiosidades propriamente, não possuo. Mas uma grande coleção de valores. O que desejam ouvir?

— Listz. Acho-o tão repousante em certos trechos de sua música.

O disco não ia ao meio quando Gerônimo trouxe o café. A noite havia caído e a luz



boiava no céu azul. Rodolfo convidou-os a dar uma volta pelo jardim. Desligou a vitrola e saiu para a magia da noite. Francesca estasiava-se diante dos canteiros onde rosas maravilhosas abriam suas corolas para a lua.

— Que coisa magnífica!

— São as minhas filhas. Tiro um dia da semana para dedicá-lo inteiramente no tratamento do jardim. Tenho-o pequeno para que possa tê-lo também bonito. Aqui termina o jardim e começa o pomar. As frutas que desejam, dentro de sua época, pode ser encontrada aqui, isto é, todas que se adaptam ao nosso clima. Também não é muito extenso o pomar. Extensas são as terras que cultivo com outros vegetais como o trigo, a maniva, os tubérculos em geral e legumes. Do outro lado está o pasto dos animais. Faço criação de suínos, pecuária e avícola. Vendo apenas o que me é solicitado, não faço concorrência a ninguém e vivemos aqui uma vida inteiramente a parte do resto do mundo.

— Como eu o invejo! — Murmurou Francesca, o que suscitou um olhar de reprovação do sacerdote.

— Você precisa se confessar, minha filha. Acabou de pecar agora mesmo.

— Não acredito nesse pecado. Compreendo perfeitamente o que a senhorita quis dizer. Não houve nenhuma intenção maléfica.

— Obrigada, senhor. Vejo que me compreende perfeitamente.

— Você terá que se confessar, Francesca. Você está pecando desde que chegou aqui. Antes de dormir preciso ouvi-la em confissão.

— Sim, titio. Farei o que me pede.

— Mas fique certa, senhorita, — interveio Rodolfo — que não cometeu nenhum pecado contra mim nem contra Deus. Isso tudo é exagero do reverendo.

— Exagêro! Será que o senhor vai voltar aquela insolência?

— Que insolência, titio! Vamos entrar. A noite começa a esfriar.

Em silêncio os três se encaminharam para a casa. Houve uma despedida quase fria e Gerônimo indicou ao padre o caminho de seu quarto, fazendo o mesmo com relação a Francesca.

A jovem fechou a porta, sentou-se à cama, sem mesmo acender a luz. Ficou a refletir sobre os acontecimentos. Antes de vir para ali, vivera num mundo inteiramente diferente. Comparava Evaldo e Raul com o dono da fazenda. Quanta diferença! Seu tio, o sacerdote, obrigava-a a ir à missa três vezes por semana e quem a levava, ora era Raul, ora Evaldo. A jovem recordava que os dois se fingiam de muito católicos apenas para iludir o padre, e quando a moça quis abrir os olhos do tio, este não acreditou. Os rapazes eram uns santos. Confessavam-se e comungavam semanalmente. Quando ela decidisse a desposar um deles, ele mesma faria o casamento. Eram dois nobres rapazes. Mas Francesca não se deixou vencer. O tratamento recebido falava bem claro das intenções dos dois piratas. Quando o padre falara em Rodolfo, o ateu que o hospedara durante a chuva, ela sentiu um desejo imediato de conhecê-lo e lhe nasceu a idéia de acompanhar o tio, já que perdera também seu pai. O reverendo acreditou que a beleza de Francesca conseguiria comover o coração de Rodolfo e este acabasse por se tornar católico, o que seria vantajoso, pois, abastado como era, não seria difícil caçar-lhe um bom donativo para a igreja. Mas o padre não contou com essa coisa irreverente e invencível que se chama amor à primeira vista. Ele pretendia casar o sobrinho com um homem rico, mas casá-la na igreja, numa boda realizada por ele. Os olhares de ambos não lhe haviam escapado, mas não contava com o desfecho que o destino lhe preparava.

Rodolfo, por sua vez, sentado à varanda, fumava mansamente o seu cachimbo e pensava. E' verdade que seu pensamento não estava muito longe, apenas subira aquela escada interna e se espalhava pelo quarto azul. Imaginava Francesca em camisola rendada, metida na cama, dormindo ou lendo o livro que estava sempre sobre a cabeceira. Jamais alguém havia usado aquele quarto e Rodolfo só o mandaria abrir em circunstância especial como aquela e para uma jovem como Francesca. A pobre Mariúscia havia desaparecido de seu pensamento, e se pensou nela rapidamente, foi apenas para confessar a si mesmo que Mariúscia poderia agora ficar com o ajudante do capataz, de quem parecia gostar.

Cansada daqueles pensamentos, Francesca acendeu a luz de cabeceira e o facho incidiu sobre a capa do livro na mesinha. Apanhou-o. Chamava-se «Ao Meu Amor». Abriu a primeira página e descobriu uma frase traçada com letras belas e firmes: «O meu lar é o céu. Eu sou seu Deus. A mulher que eu ame será sua Deusa». Francesca fechou o livro e ficou pensando. Com o nome de Deus, dois malandros quiseram conquistá-la. Aquêle se dizia o próprio Deus. Largando o livro tomou uma resolução. Não havia despido ainda o vestido preto. Seu pijama liláz estava abandonado ao pé da cama. Apanhou um lenço de lã e jogou-o sobre os ombros, saiu de mansinho, descendo as escadas com cuidado. Atravessou a sala e foi ter na varandinha onde Rodolfo continuava fumando.

— Eu a esperava. — Disse sem se voltar. Você nasceu para reinar no meu céu.

Sem responder ela ocupou uma cadeira ao lado.

— O que a fez descer? — Perguntou ele ainda sem se voltar.

— Você é ateu?

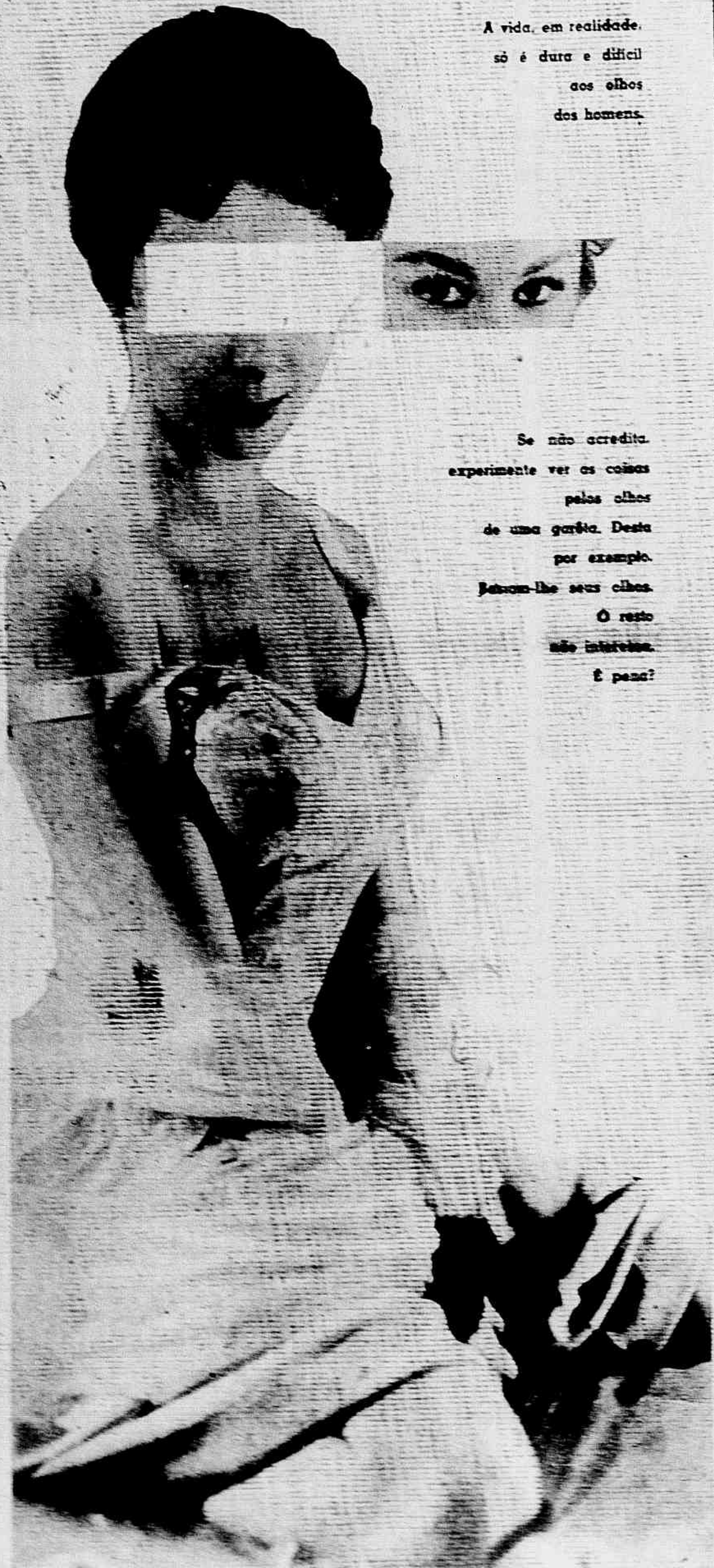
— Pretende catequizar-me? Seu tio fracassou.

(Cont. na página 48)



FORTUNA (com dupla visão) APRESENTA

A VIDA PELOS 2 ÂNGULOS



A vida, em realidade,
só é dura e difícil
aos olhos
dos homens.

Se não acredita,
experimente ver as coisas
pelos olhos
de uma garota. Desta
por exemplo.
Poisam-lhe seus olhos.
O resto
não interessa.
É pena?

O empregador

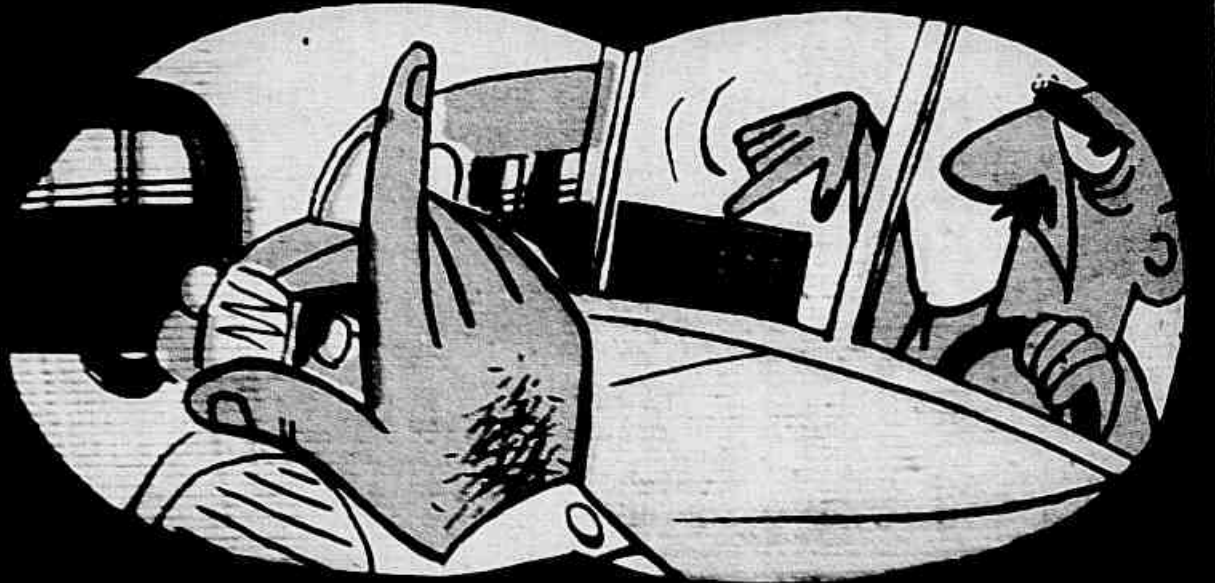


Diante do datilógrafo, depois do teste.



Diante dela, depois do teste.

No ponto do ônibus

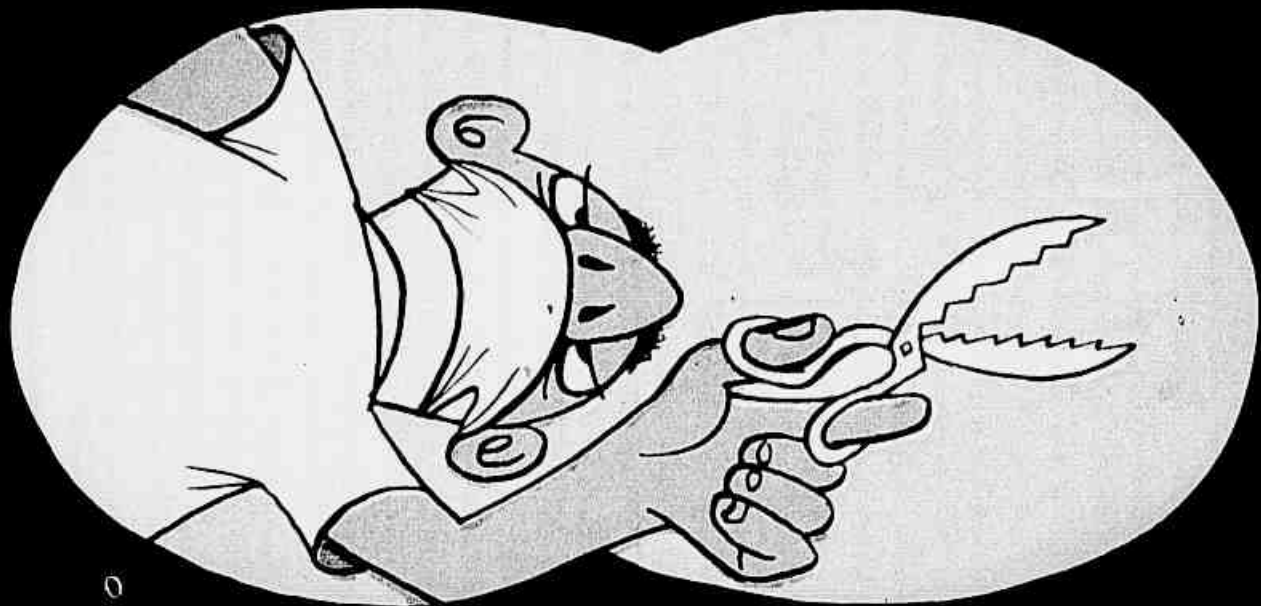


Diante do retardatário.

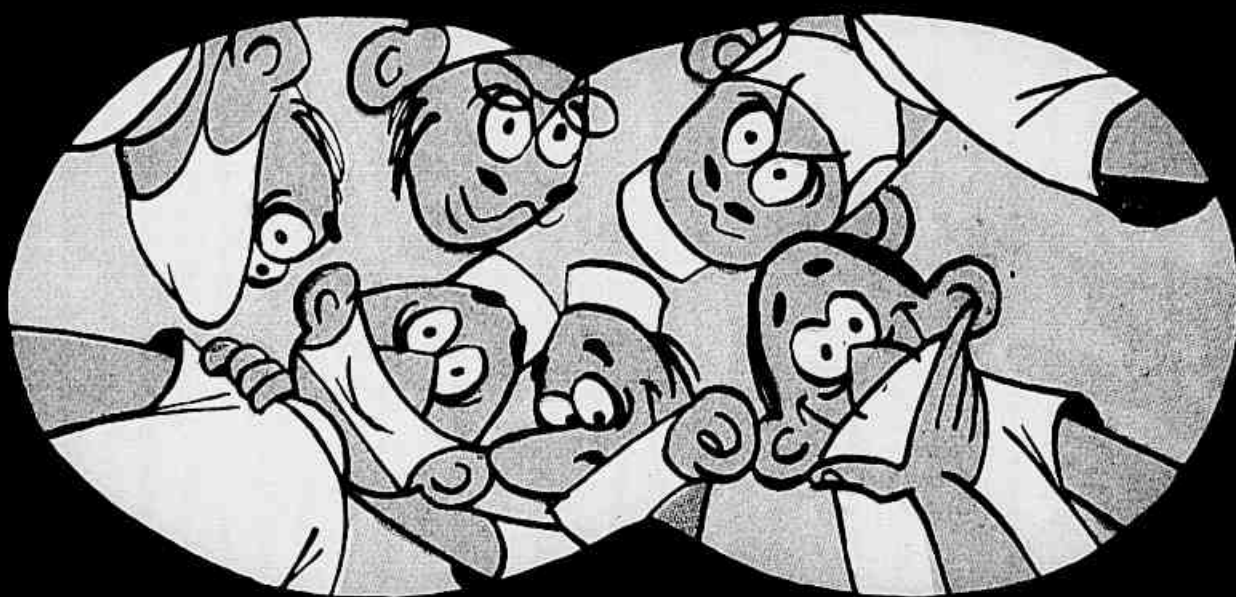


Diante dela.

Interesse médico

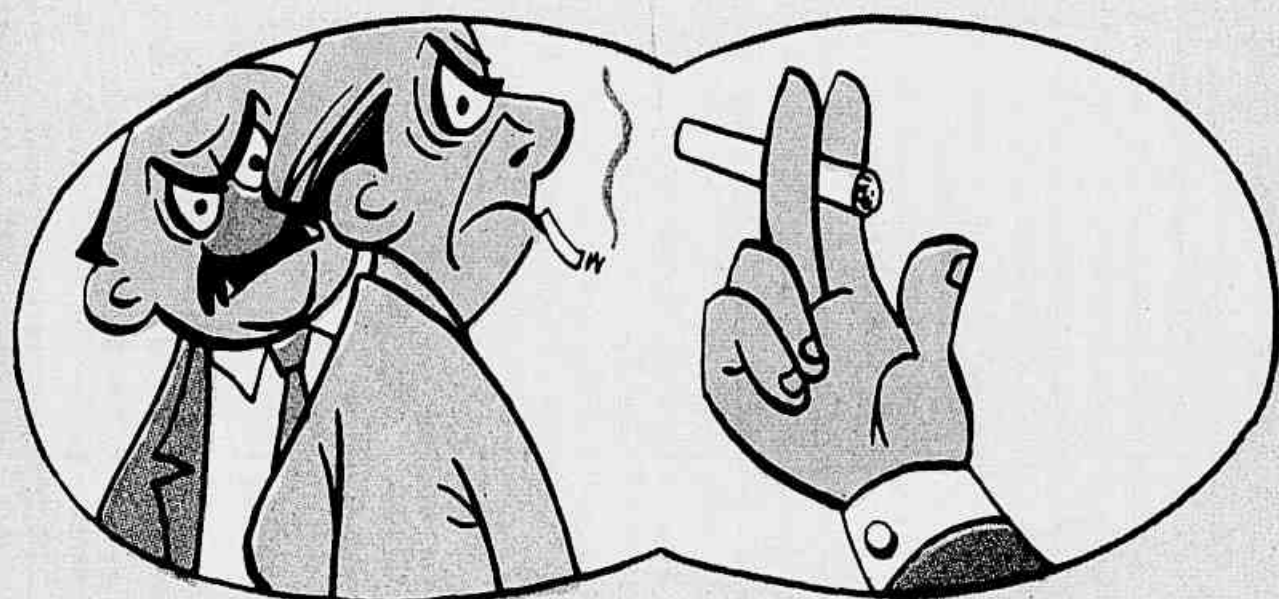


Paciente na mesa, com araves complicações.

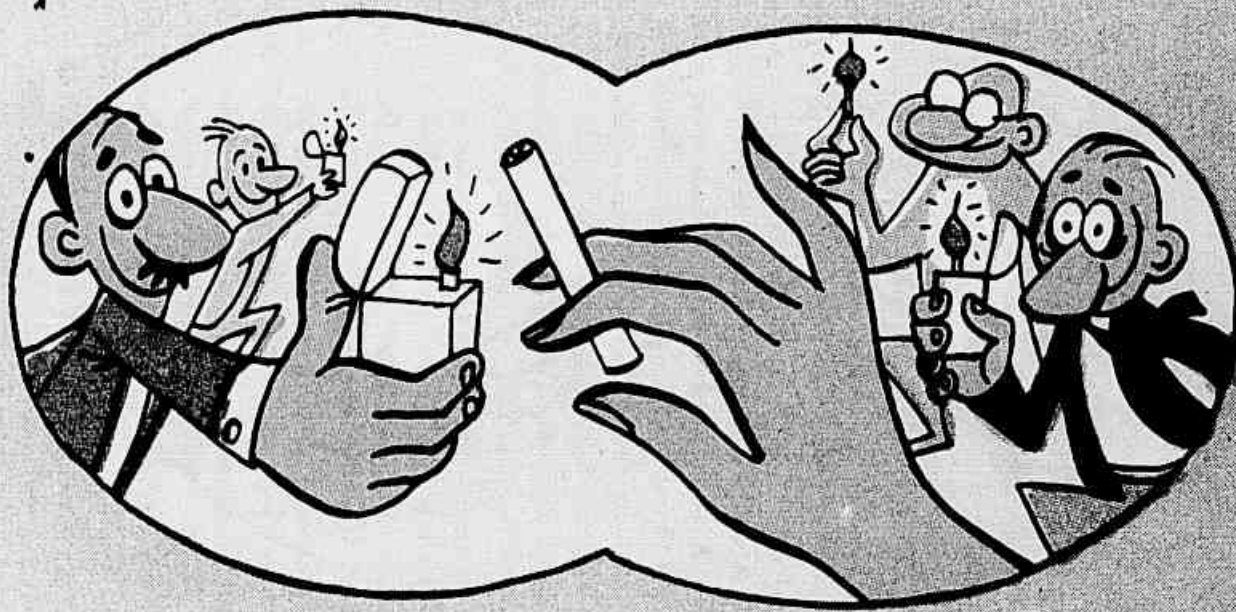


Garôta na mesa, com apendicite.

Lume

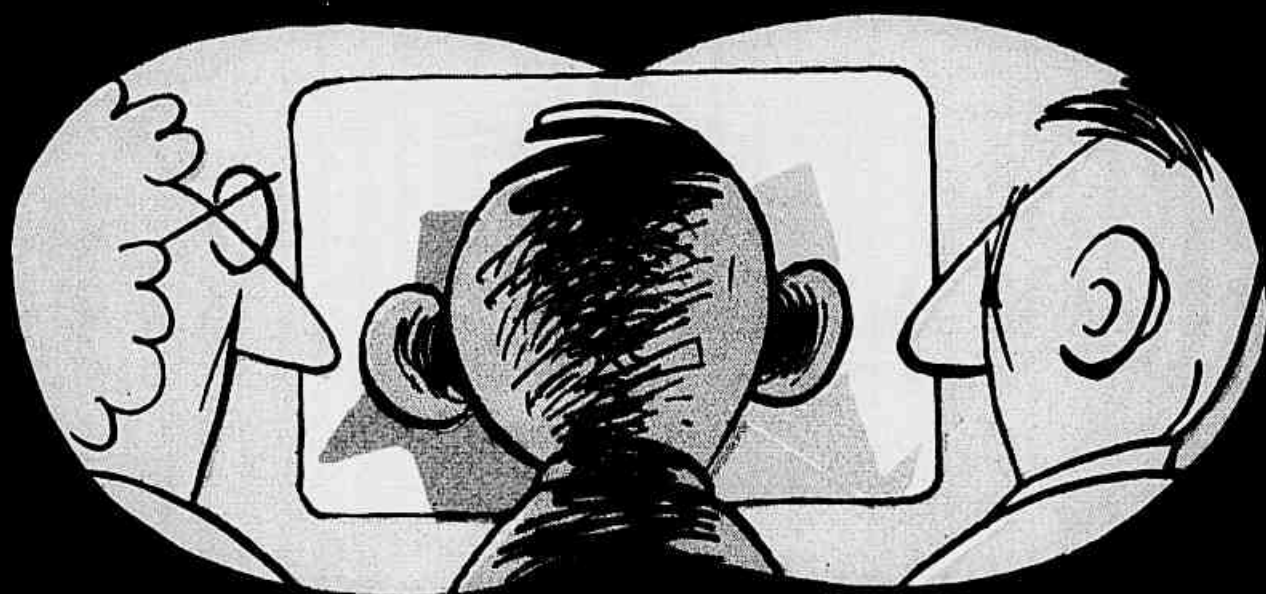


Diante de um que esqueceu os fósforos.



Diante dela, que esqueceu os fósforos.

Beijo

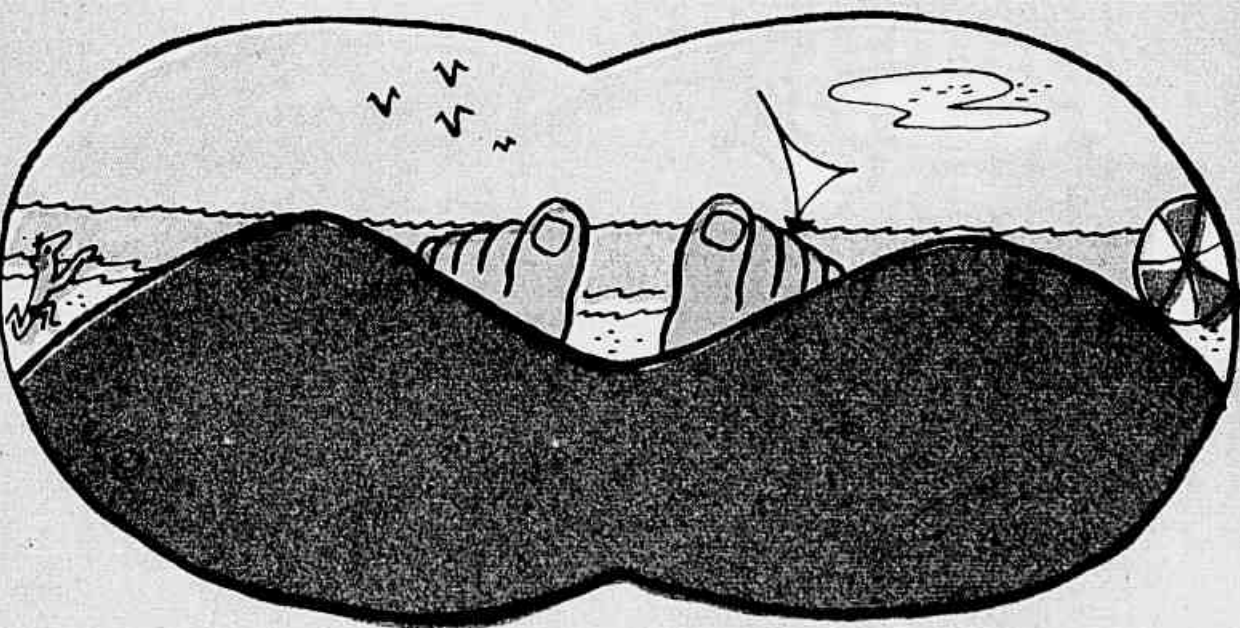


Na tela, O expectador não vê por causa da cabeça na frente.

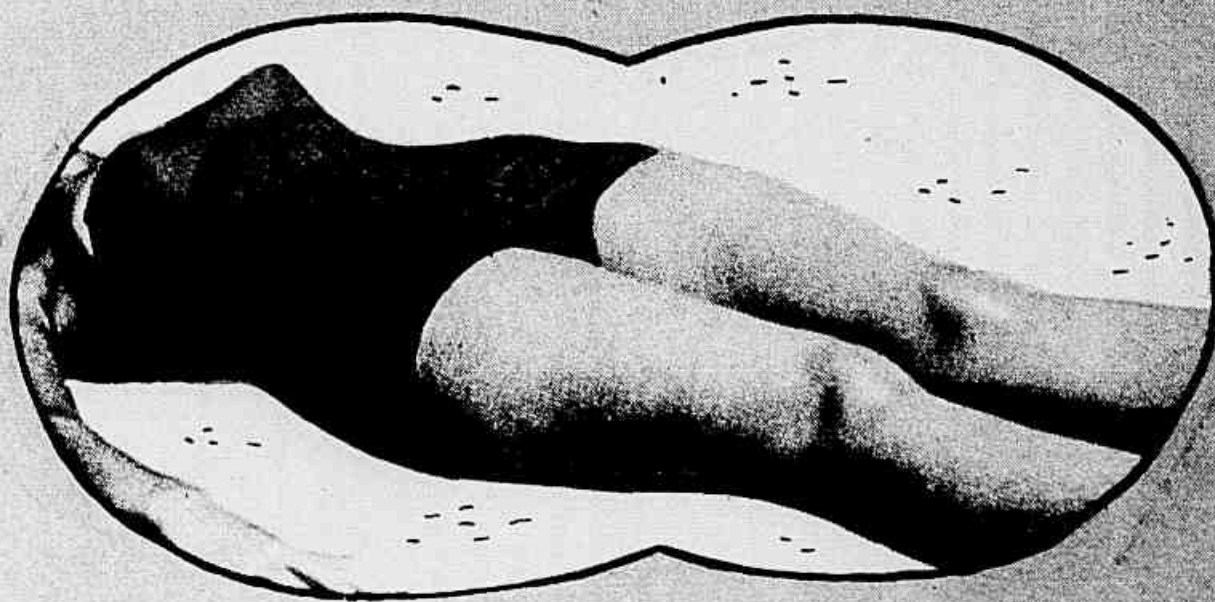


Na platéia. A garôta não vê o da tela.

A garôta



Vista por ela mesma, na praia.



E vista por nós.

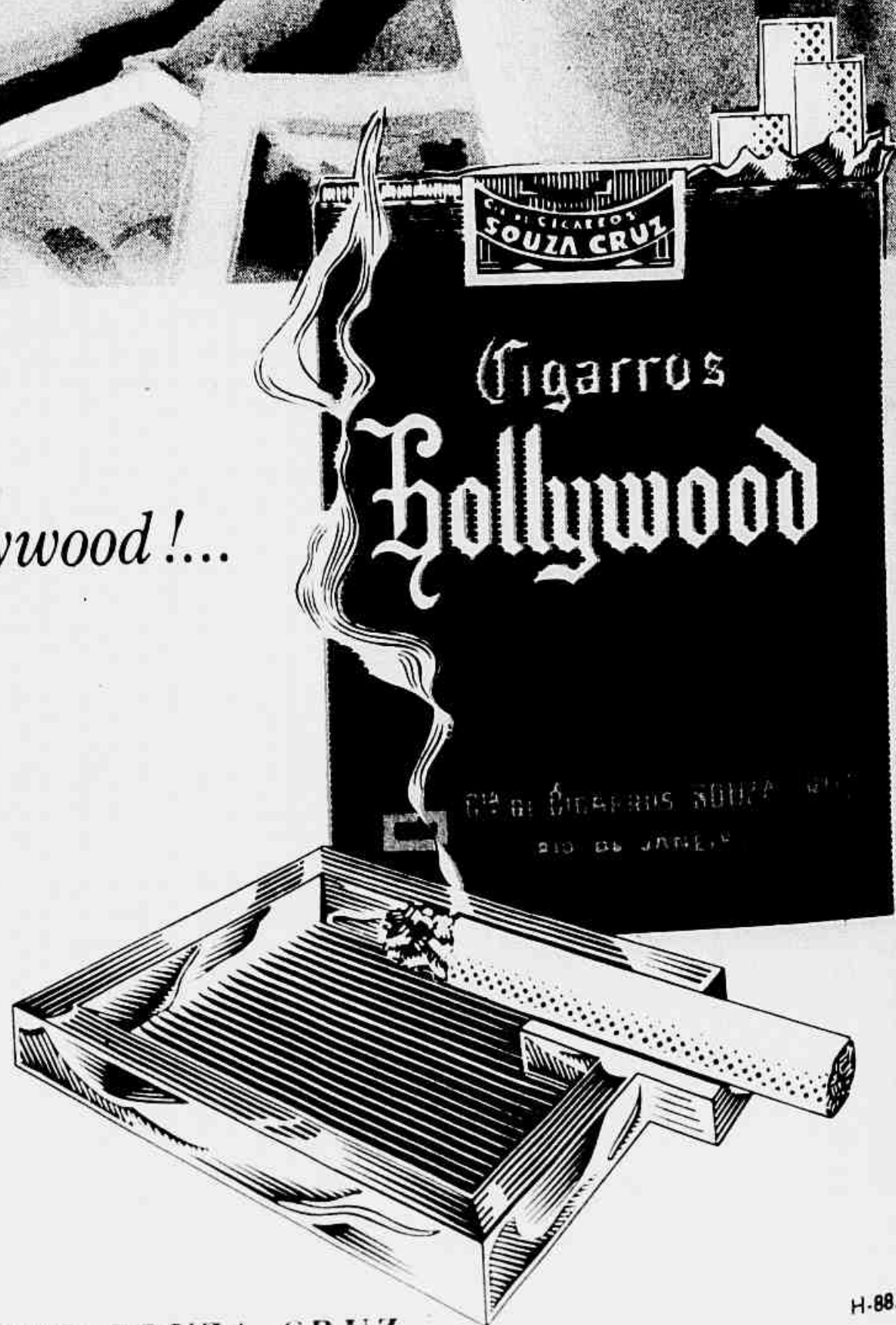
Donde se conclui que, apesar das coisas parecerem mais agradáveis do ângulo das garôtas, o nosso ponto de vista também apresenta as suas vantagens.



– *Tem razão...
estou gostando muito mais de Hollywood!...*

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ